

XVIII SEMHIPI

# II Colóquio Internacional

## OS INDÍGENAS NA HISTÓRIA

NARRATIVAS DE RESISTÊNCIA:

PROTAGONISMOS INDÍGENAS E HISTÓRIAS EM MOVIMENTO

Caderno de Resumos e Programação

RAFAEL RICARTE DA SILVA  
PEDRO PAULO MACHADO  
ORGANIZADORES





CADERNO DE  
RESUMOS E PROGRAMAÇÃO



**RAFAEL RICARTE DA SILVA  
PEDRO PAULO MACHADO  
ORGANIZADORES**

**Caderno de Resumos e Programação**

**II Colóquio Internacional Os Indígenas na História  
&  
XVIII Semana de História de Picos**

**Narrativas de Resistência:  
Protagonismos Indígenas e Histórias em Movimento**

**Picos - 2026**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Colóquio Internacional (2. : 2026 : Picos, PI)

Caderno de resumos e programação [livro eletrônico] : II Colóquio Internacional : os indígenas na história : narrativas de resistência: protagonismos indígenas e histórias em movimento / Rafael Ricarte da Silva, Pedro Paulo Machado (organizadores). -- Picos, PI : Ed. dos Autores, 2026.

PDF

Vários autores.

ISBN 978-65-02-15951-4

1. Brasil - História 2. Piauí - História 3. Povos indígenas - Brasil - História I. Silva, Rafael Ricarte da. II. Machado, Pedro Paulo. III. Título.

26-367775.0

CDD-981

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Brasil : História 981  
Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

### **Realização**

Grupo de Trabalho “Os Indígenas na História”  
– ANPUH PI  
Núcleo de Pesquisa e Documentação em  
História (NUPEDOCH/CSHNB).  
Coordenação do Curso de História (CSHNB)  
Centro Acadêmico Henrique Moreira –  
CAHIS  
Programa Institucional de Bolsas de Iniciação  
à Docência – PIBID (História – CSHNB)

### **Apoio**

UFPI  
FAPEPI  
INTERPI  
Wai Hotel  
Arrey Picos Hotel  
ADUFPI  
Virtex  
Câmara Municipal de Picos  
Prefeitura Municipal de Picos  
Secretaria de Educação de Picos  
Teatro Sávio Barão (Secretaria de Cultura do  
Piauí)  
Fiocruz – Escritório do Piauí  
Coordenação do Curso de Licenciatura em  
Educação do Campo (LEDOC/CSHNB)  
Programa de Pós-Graduação em História do  
Brasil (PPGHB/UFPI)  
Núcleo de Pesquisa em História e Memória do  
Piauí (NUPEM/UFPI)  
Projeto GOVERNANÇA POLÍTICA E  
GESTÃO INDÍGENA PARA EQUIDADE:  
CAPACITAÇÃO TÉCNICA-CIENTÍFICA  
EM POLÍTICA EDUCACIONAL PARA  
EDUCADORES INDÍGENAS”, Contrato  
Acadêmico nº 12/2025 – UFPI/FADEX, TED  
nº 15698/2025 pela SECADI/MEC

### **Comissão Científica do Evento**

Prof. Dr. Mairton Celestino da Silva  
Prof. Dra. Olívia Candeia Lima Rocha  
Prof. Dr. Rafael Ricarte da Silva  
Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos  
Prof. Ma. Nádia Narcisa de Brito Santos  
Prof. Dr. José Lins Duarte  
Prof. Dr. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito  
Prof. Dr. Fernando Muratori  
Prof. Dr. Ronyere Ferreira da Silva  
Prof. Me. Jônatas Lincoln Rocha Franco  
Prof. Dr. João Paulo Peixoto Costa  
Prof. Dra. Tatiana Gonçalves de Oliveira  
Prof. Dra. Simoní Portela Leal  
Prof. Dr. Paulo Eduardo Rolim Campos  
Prof. Me. Gisvaldo Oliveira da Silva

### **Comissão Organizadora do Evento**

Ademar Hendres de Sousa Chagas  
Adrieny Vitória Dias da Silva  
Amanda Maria Barbosa Viana  
Ana Caroline Rodrigues da Silva  
Ana Júlia Pimentel Araújo Leonidas  
Ana Nicolay dos Santos  
Ananda Theresa Martins Nascimento de  
Macedo  
Andréia Maria de Moura Santos  
Ashy Victor Feitosa Lopes  
Carla Rodrigues de Carvalho  
Cassandra de Sousa Silva  
Cícero Augusto do Rego Sousa  
Daniel Alves de Castro  
Daniel Ferreira Santos  
Diego de Sousa Lopes  
Eneas Valter Cavalcante de Macedo Júnior  
Estefânia Gomes de Oliveira  
Estella Rodrigues de Carvalho  
Fabiana Suelly da Silva Luz  
Felipe Barbosa Patricio  
Gabriel Galindo de Lima  
Grazielle Gonçalves de Holanda  
Hanna Kelly Silva de Oliveira  
Hislaine Silva Custódio Maciel  
Iamanda Rocha Ribeiro  
Jennifer Emanuele Barros da Silva  
João Marcos de Sousa Lima  
João Paulo Peixoto Costa  
José Henrique Dias dos Santos  
Kauã Cavalcante Espíndola Pinto  
Lara Gabriela de Moura Rocha  
Larissa Rodrigues Martins Magalhães  
Ludmila dos Santos Gonçalves  
Luís Carlos Pereira Barbosa  
Maíra Pinheiro de Moura  
Mairton Celestino da Silva  
Margarida Hélen de Brito Santos  
Maria Clara de Sousa Silva  
Maria Eduarda Rodrigues Rocha  
Maria Heloísa De Sousa  
Maria Lanilda Ribeiro Oliveira  
Naira Valdilene dos Santos  
Nívea Dávila de Carvalho Leal  
Pedro Paulo Machado  
Quézia da Costa Gabriel  
Rafael Ricarte da Silva  
Rayres Carvalho Gomes  
Tatiana Gonçalves de Oliveira  
Teresa Geovana Fernandes de Carvalho  
Virnna Ívila de França Batista

# SUMÁRIO

Apresentação.....	9
1. Programação geral do evento.....	11
2. Mapa do evento.....	15
3. MINICURSOS	
Mapa de salas dos minicursos e horários dos minicursos.....	18
4. SIMPÓSIOS TEMÁTICOS	
Mapa de salas e horários dos simpósios temáticos.....	22
5. MAPA DE PAINÉIS – MOMENTO PIBID	
Sessão de Painéis.....	45
6. Resumos dos simpósios temáticos.....	52
7. Resumos do momento PIBID.....	186

## APRESENTAÇÃO

O II Colóquio Internacional Os Indígenas na História e a XVIII Semana de História intitulados “Narrativas de Resistência: Protagonismos Indígenas e Histórias em Movimento” constituem um espaço de encontro, reflexão e debate voltado à divulgação de pesquisas e ao intercâmbio acadêmico sobre a presença, as experiências e os protagonismos indígenas na História do Brasil, com especial atenção ao Piauí. O evento reúne pesquisadoras(es), docentes, discentes, movimentos sociais e comunidades tradicionais em torno de discussões que buscam ampliar a visibilidade das trajetórias indígenas no passado e no presente.

A proposta parte do reconhecimento de que a temática indígena tem ocupado lugar cada vez mais relevante na historiografia brasileira, ao mesmo tempo em que ainda persistem, no caso piauiense, interpretações marcadas pela invisibilização e pela ideia equivocada de desaparecimento dos povos originários. Nesse sentido, o evento pretende contribuir para o fortalecimento de novas perspectivas de pesquisa e para a reescrita da história indígena no estado, valorizando processos de resistência, permanência, identidade e memória.

Promovido no âmbito do GT Os Povos Indígenas na História, vinculado à ANPUH-PI, o colóquio reafirma o compromisso das instituições envolvidas com a produção do conhecimento histórico, a popularização da ciência e o diálogo entre universidade e sociedade. Ao ser realizado no campus da Universidade Federal do Piauí, em Picos, o evento também destaca a importância do sertão piauiense como espaço de produção acadêmica, cultural e política, consolidando sua inserção nos debates nacionais e internacionais sobre a História Indígena.

Desejamos um excelente evento!

## **PROGRAMAÇÃO GERAL DO EVENTO**

## **Dia: 15/06/2026 - Segunda-feira**

08:00 - 12:00 - **Credenciamento** (Sala do NUPEDOCH)

14:00 - 17:00 - **Simpósios Temáticos** (Salas de aula e Auditórios)

18:00 - 18:30 - **Solenidade de Abertura** (Teatro Sávio Barão)

18:30 - 21:30 - **Conferência de Abertura** (Teatro Sávio Barão)

### **Tema**

A diversidade das fontes sobre os povos indígenas no Brasil e suas análises decoloniais.

**Conferencista:** Profa. Dra. Juciene Ricarte Cardoso Tarairiu (UFCEG).

**Mediador:** Prof. Dr. Rafael Ricarte da Silva

## **Dia: 16/ 06/2026 - Terça-feira**

09:00 - 12:00 - **Mesa redonda I** (Auditório Fontes Ibiapina)

### **Tema**

O Povo Pimenteira: História e Resistência no Piauí.

### **Debatedores**

Profa. Dra. Ana Stela de Negreiros Oliveira (IPHAN)

Prof. Dr. Leonardo Tomé de Souza (UFG)

Prof. Ronivon de Sousa Rocha (Liderança Indígena do Povo Tapuia-Pimenteira)

**Mediadora:** Profa. Dra. Camila Galan de Paula (UNIVASF)

14:00 - 17: 00 - **Mesa redonda II** (Auditório Fontes Ibiapina)

### **Tema**

Práticas Museológicas Indígenas e Oralidade na Preservação da Memória.

### **Debatedores**

Elayne da Silva Nascimento - Museu dos Povos Indígenas do Piauí – Anízia Maria (MUPI)

Cacique Henrique Manoel – Diretor dos Povos Originários da Secretaria da Assistência Social, Trabalho e Direitos Humanos – PI

Francisco Climério Lima da Silva – Povo Anacé (Diretor da Federação dos Povos Indígenas do Ceará; e funcionário da Secretaria dos Povos Indígenas do Ceará – SEPINCE)

Patrícia Mendes Santos – Escritório Ministério da Cultura no Piauí.

Conceição Maria Vieira Santos Sousa - Cacica do povo Geicó

Cacica Francisca Kariri – Cacica do povo Kariri da Aldeia Serra Grande

**Mediador** – Prof. Dr. Paulo Eduardo Rolim Campos (UFPI)

17:00 – 18:00 - **Lançamento de Livros** (Auditório Fontes Ibiapina)

18:00 - 22:00 - **Simpósios Temáticos** (Salas de aula e Auditórios)

## **Dia: 17/06/2026 - Quarta-feira**

08:00 - 10:00 – **Minicursos e Oficinas** (Salas de aula e Auditórios)

10:00 - 12:00 - **Mesa redonda III** (Auditório Fontes Ibiapina)

### **Tema**

Povos Indígenas e a Formação dos Estados Nacionais.

### **Debatedores**

Prof. Dr. Pedro Pinheiro de Araujo Junior (SEEC-RN / Pós-doc PPGHB-UFPI)

Prof. Dr. João Paulo Peixoto Costa (IFPI/UFPI/UESPI)

**Mediadora:** Profa. Dra. Tatiana Gonçalves de Oliveira (UESPI)

14:00 - 18:00 - **Mesa redonda IV** (Auditório Fontes Ibiapina)

### **Tema**

Educação Intercultural Indígena.

### **Debatedores**

Profa. Dra. Maria do Socorro da Silva Arantes (UFPI)

Salvador Gamela (Notório Saber - PARFOR Equidade/UFPI)

Serebí Tukano (Diretor da União Plurinacional dos Estudantes Indígenas)

Profa. Ma. Rebeca Freitas Lopes (UNIFESP)

Profa. Ma. Cristina Potiguara (Integrante da União Plurinacional dos Estudantes Indígenas – UPEI e Diretora da OJIP-PB)

**Mediador:** Prof. Dr. Mairton Celestino da Silva (UFPI)

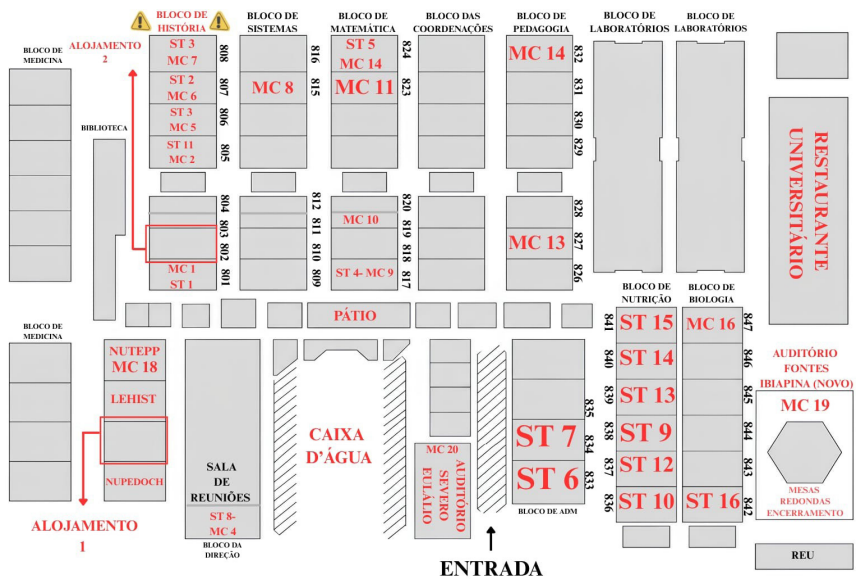
18:30 - 21:30 - **Conferência de Abertura** (Auditório Fontes Ibiapina)

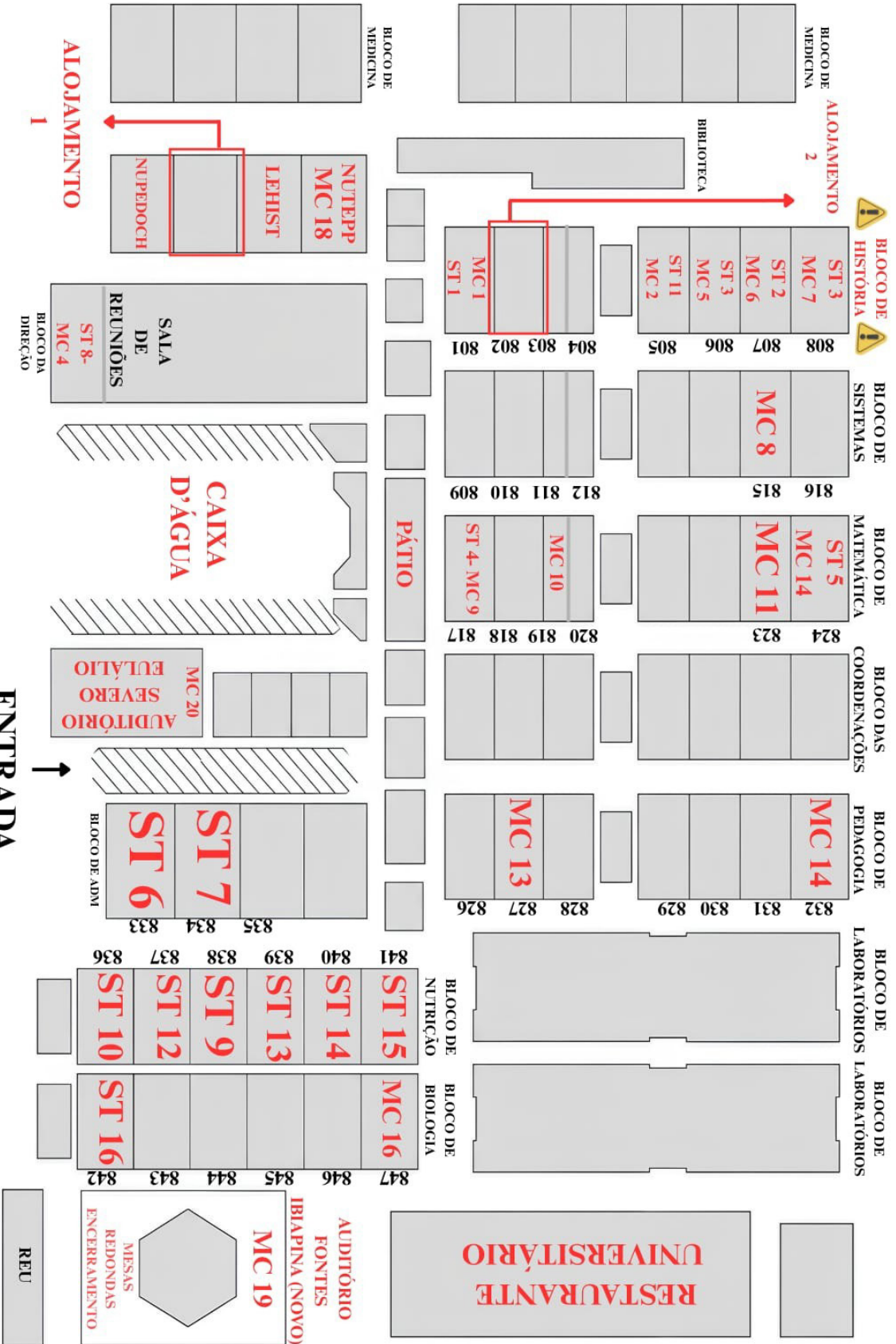
### **Tema**

A questão indígena da Ditadura Militar no humor gráfico da revista missionária Porantim (1978-1988)

**Conferencista:** Prof. Dr. Carlos Benítez Trinidad (Universidad de Salamanca – Espanha)

## **MAPA DO EVENTO**





RESTAURANTE  
UNIVERSITÁRIO

AUDITÓRIO  
FONTES  
IBIAPINA (NOVO)

MESA S  
REDONDAS  
ENCERRAMENTO

REU

ALOJAMENTO  
1

ALOJAMENTO  
2

BLOCO DE  
HISTÓRIA

BLOCO DE  
SISTEMAS

BLOCO DE  
MATEMÁTICA

BLOCO DAS  
COORDENAÇÕES

BLOCO DE  
PEDAGOGIA

BLOCO DE  
LABORÁTORIOS

BLOCO DE  
LABORATÓRIOS

BLOCO DE  
MEDICINA

BLOCO DE  
MEDICINA

BIBLIOTECA

BLOCO DA  
DIREÇÃO

PÁTIO

CAIXA  
D'ÁGUA

ENTRADA

AUDITÓRIO  
SEVERO  
EULÁLIO

ST 7  
ST 6

ST 3  
MC 7  
808  
ST 2  
MC 6  
807  
ST 3  
MC 5  
806  
ST 11  
MC 2  
805  
MC 1  
ST 1  
804  
803  
802  
801

MC 8  
816  
815  
ST 5  
MC 14  
MC 11  
824  
823  
ST 4 MC 9  
MC 10  
820  
819  
818  
817

MC 14  
832  
831  
830  
829  
828  
827  
826

ST 15  
ST 14  
ST 13  
ST 9  
ST 12  
ST 10  
841  
840  
839  
838  
837  
836

MC 16  
847  
846  
845  
844  
843  
842

SALA  
DE  
REUNIÕES  
ST 8-  
MC 4

NUTEPP  
MC 18  
LEHIST  
NUPEDOCH

## **MINICURSOS**

## MAPA DE SALAS DOS MINICURSOS

Nº	Título	Proponentes	Modalidade
01	MERCADOS DE CICLO CURTO, SENSIBILIDADES E IDENTIDADE: Estratégias de Comercialização para Produtos Indígenas e da Agricultura Familiar.	Celina Maria de Souza Olivindo (UFDFPAR) Elayne da Silva Nascimento (Associação dos Povos Indígenas de Nazaré- APIN)	Presencial Sala 801
02	História Comparada: uma introdução	Alexandre Ribeiro de Sousa (UFRJ)	Presencial Sala 805
03	Afluência, Estado e Sociedades Indígenas: perspectivas de Marshall Sahlins e Pierre Clastres.	Alex de Mesquita Marinho (UESPI)	Remota
04	Quintais Produtivos: Aquicultura em Sistema RAS e Produção Agroecológica em Assentamentos Rurais.	Carlos Eduardo Ferreira de Brito (UFDFPAR) Antonia Vitória de Araújo Nascimento (UFDFPAR)	Presencial Sala de Reuniões do Campus
05	História Oral e Cidade: práticas, narrativas e possibilidades de pesquisa.	Déborah Lays de Moura Lélis Cabral (UFPI) Maria Edwirges de Jesus Sá (UFPI)	Presencial Sala 806
06	O Museu no Século XXI: Espaço de Investigação, Memória e Ensino-Aprendizagem.	Estella Rodrigues de Carvalho (UFPI) Felipe Barbosa Patrício (UFPI)	Presencial Sala 807
07	Escrever com a câmera um certo Brasil profundo: cinema documentário e antropologia física no Brasil (1940- 1980).	Fábio Leonardo Castelo Branco Brito (UFPI)	Presencial Sala 808

08	MARCOS JURÍDICOS E EPISTÊMICOS DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA: da margem do direito a direitos marginalizados, uma análise de percurso.	Flávio Pereira de Oliveira (UEMA) Ricardo Bezerra de Oliveira (IFMA)	Presencial Sala 815
09	Grafismo Indígena Corporal: tessitura de linguagens e memórias.	Rodolfo de Sousa Pereira (IFPI) Joselma Ferreira Lima e Silva (IFPI)	Presencial Sala 817
10	LÉXICO E CULTURA: pistas históricas presentes no léxico da língua.	Luiz Egito de Souza Barros (UFPI)	Presencial Sala 819
11	Descolonizando o olhar: Uma imersão em Ailton Krenak.	Cícero Augusto do Rego Sousa (UFPI) Margarida Hélen de Brito Santos (UFPI)	Presencial Sala 823
12	Posturas modernizadoras no Piauí do século XIX e início do XX: significações de desenvolvimento.	José Lins Duarte (UFPI)	Presencial Sala 824
13	Os povos indígenas nas capitâneas dos Norte (XVII-XVIII).	Reinaldo Forte Carvalho (UPE)	Presencial Sala 827
14	Descomplicando a escrita acadêmica: a produção de projetos de pesquisa em História.	Graziela Reis da Silva (UFRN)	Presencial Sala 832
15	Documentos manuscritos e hemerográficos: procedimentos metodológicos para a pesquisa histórica	Kércia Andressa Vitoriano Gonçalves (UFPI) Kátia de Araújo Silva (UFPI)	Presencial Sala 844
16	Gênero, poder e violência: a objetificação masculina de mulheres na ditadura civil-militar brasileira.	Ana Júlia Pimentel A. Leônida (UFPI) Grazielle Gonçalves de Holanda (UFPI) Hislaine Silva Custódio Maciel (UFPI) Virnna Ívila De França Batista (UFPI)	Presencial Sala 847

17	Memória e Sensibilidades: Um Percorso Historiográfico.	Antonio Jeferson de Sousa (UFPI) Natália Ferreira de Sousa (UFPI)	Remota
18	História das Ciências e da Saúde no Piauí: institucionalização do saber médico, modernização, controle social e gestão da pobreza.	Jônatas Lincoln Rocha Franco (UFPI) Aleisa de Sousa Carvalho Rocha (UFPI)	Presencial Sala do NUTEPP
19	Entre imaginários: indígenas e indigenismo na disputa pela nação durante a Ditadura Militar.	Carlos Benítez Trinidad (Universidad de Salamanca)	Presencial Auditório Fontes Ibiapina
20	Letramento Literário Indígena: palavras ancestrais, cultura, memória e tradição.	Alessandra Lopes de Oliveira Castelini (UFPI) Equipe do PIBID Interdisciplinar	Presencial Auditório Severo Eulálio

## **SIMPÓSIOS TEMÁTICOS**

# MAPA DE SALAS E HORÁRIOS DOS SIMPÓSIOS TEMÁTICOS

**Simpósio Temático 1:** Ensino de História e Prática Pedagógicas

**Coordenadora:** Profa. Ma. Nádia Narcisa de Brito Santos

**Sala:** 801

**Dia e Horário:** 15 de junho de 2026 (14h às 17h)

Ordem	Título	Autores (as)
01	Práticas Pedagógicas e Saberes Étnico-Raciais: Uma Experiência no IFPI – Campus Picos.	Ariany Maria Farias de Souza (IFPI) Lara Laiane Augusto Leal (IFPI)
02	Ensino de História Afrocêntrico no Ensino Fundamental II: metodologias pedagógicas, experiências educativas, práticas contracoloniais e recursos didáticos afrocentrados nas turmas do 7º ano da rede municipal de Codó-MA.	Renato Ramos de Almeida (UFPI)
03	As reminiscências africanas nos livros didáticos de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas do PNLD/2021: miscigenação, colonialidade e as tessituras do embranquecimento na narrativa histórico-escolar.	Nádia Narcisa de Brito Santos (UFPI)
04	Ensino de História e Cultura Digital: perspectivas acerca da atividade docente perante um saber histórico descentralizado.	André Luiz Costa e Silva (UFPI) Priscila Rocha da Silva (UFPI)

05	Quando a memória vira lei: Disputas, narrativas e poder na institucionalização da História Local em Picos-PI.	Déborah Lays de Moura Lélis Cabral (UFPI)
06	A BNCC e os currículos estaduais - recontextualização curricular nas escolas.	Estella Rodrigues de Carvalho (UFPI) Maria Lanilda Ribeiro Oliveira (UFPI) Carla Silvino de Oliveira (UFPI)
07	PRADO/NE's- Práxis Docente/Necessidades Estudantis: investigação escolar no contexto do ensino médio Picos-PI.	Quézia da Costa Gabriel (UFPI) Ademar Hendres de Sousa Chagas (UFPI) Carla Silvino de Oliveira (UFPI)
08	Entre a Desvalorização e a Resistência: A Precarização do Ensino de História nas Escolas Pública Brasileiras.	Daniel Alves de Castro (UFPI) Jacineide Lima Santos (SEDUC-PI)
09	Indisciplina e Militarização da Educação: um estudo a partir das vivências de Estágio Obrigatório em História (2025)	Rayane de Sousa Rodrigues (UFPI) Carla Silvino de Oliveira (UFPI)

## **Simpósio Temático 2: História do Piauí e do Brasil Imperial**

**Coordenadores:** Prof. Dr. José Lins Duarte (UFPI), Kátia de Araújo Silva (UFPI) e Profa. Ma. Kércia Andressa Vitoriano Gonçalves (UFPI)

**Sala:** 807

**Dia e Horário:** 15 de junho de 2026 (14h às 17h)

<b>Ordem</b>	<b>Título</b>	<b>Autores (as)</b>
01	O Piauí Oitocentista e a Busca pelo Progresso Imperial: Indícios de Modernização na Economia Provincial.	Gabriel Galindo de Lima (UFPI)
02	Sobrevivendo à seca, resistindo ao trabalho: a experiência dos migrantes nas obras públicas do Piauí (1877-1879).	Kátia de Araújo Silva (UFPI)
03	Desenvolvimento educacional no Piauí oitocentista.	Daniel Ferreira Santos (UFPI)
04	Inovações e conquistas: tecnologia e trabalho no Piauí oitocentista.	José Lins Duarte (UFPI)
05	As disposições dos planos modernizadores para o Piauí no século XIX: entre concordâncias e controvérsias.	Layonara Nanda Jesus Brito (UFPI)
06	Seca, migração e controle social: experiências dos pobres livres no sul do Piauí oitocentista.	Kércia Andressa Vitoriano Gonçalves (UFPI)

## **Simpósio Temático 2: História do Piauí e do Brasil Imperial**

**Coordenadores:** Prof. Dr. José Lins Duarte (UFPI) e Profa. Ma. Kércia Andressa Vitoriano Gonçalves (UFPI)

**Sala:** 807

**Dia e Horário:** 16 de junho de 2026 (18h às 22h)

<b>Ordem</b>	<b>Título</b>	<b>Autores (as)</b>
01	Nasce uma capital: o perigo da vadiagem na Teresina oitocentista.	Letícia Teixeira Torres (UFPI)
02	Sociedade Rural, Escravidão e Elites no sertão piauiense: Reflexões a partir da trajetória de Antônio Coelho Rodrigues.	Beatriz Buenos Aires Firmino (UFPI)
03	Entre a Fé e o Bordado: Educação, Religiosidade e Construção da Feminilidade entre Mulheres da Elite no Brasil Império (1840-1889).	Maria Eduarda Rodrigues Rocha (UFPI)
04	Um olhar social do Brasil: a partir da percepção de Maria Graham nos anos de 1821 a 1823.	Maria Clara da Silva de Sousa (UFPI)
05	Dona Leopoldina: Entre a Invisibilidade Histórica e ativa participação Política no Processo de Independência do Brasil (1817-1826).	Ana Beatriz Gonçalves da Silva (UFPI)
06	Entre memória e preservação: o patrimônio histórico no Rio de Janeiro do século XIX.	Francisco Dannel Carvalho de Sousa (UFPI)

### **Simpósio Temático 3: História e Arte: teatro e produções audiovisuais**

**Coordenador:** Prof. Dr. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito (UFPI)

**Sala:** 808

**Dia e Horário:** 15 de junho de 2026 (14h às 17h)

<b>Ordem</b>	<b>Título</b>	<b>Autores (as)</b>
01	“Perna Cabeluda Ataca Outra Vez”: Memória subterrânea, realismo fantástico e ditadura em <i>O Agente Secreto</i> (2025).	Ananda Theresa Martins Nascimento de Macedo (UFPI) Ludmila dos Santos Gonçalves (UFPI)
02	As lentes do super-8 sob as terras de cocais: <i>Coco Amargo</i> (1981) e as experiências de trabalhadoras no interior do Maranhão.	Andre Guilherme Silva Fonseca (UFPI)
03	Os usos do passado no documentário “A Última Cruzada” da Brasil Paralelo.	Carlos Eduardo da Silva Mendes (UFPI) João Paulo Charrone (UFPI)
04	“A convicção de que a melhor forma de apreender a realidade brasileira só poderia ser através de filmes documentários”: Thomaz Farkas e a configuração do cinema documentário no Brasil (1954-1981).	Fábio Leonardo Castelo Branco Brito (UFPI)
05	O cinema como espaço de resistência e memória: uma análise do filme “ Ainda estou aqui” na compreensão da ditadura-militar entre o período de 1968-1975.	Leticia Araújo de Sousa (UFPI)

### **Simpósio Temático 3: História e Arte: teatro e produções audiovisuais**

**Coordenador:** Prof. Dr. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito (UFPI)

**Sala:** 808

**Dia e Horário:** 16 de junho de 2026 (18h às 22h)

<b>Ordem</b>	<b>Título</b>	<b>Autores (as)</b>
01	Entre a “Margem e o Centro: A trajetória de Kátia Nogueira Tapety.	Diego da Silva Sousa (UFPI)
02	Entre palcos e censores: a institucionalização da censura teatral no Rio de Janeiro durante o Governo Vargas (1930–1939).	Pedro Paulo Machado (UFPI)
03	Arte, memória e representação: Experiências do Grupo Teatral TEMPUS em 2019.	Maria Edwirges de Jesus Sá (UFPI) Raimundo Nonato Lima dos Santos (UFPI)
04	O voo da “brabuleta”: representações do nordeste piauiense na novela Cheias de Charme (2012).	Milena de Barros Lima (UFPI)
05	Indústria cultural, Estado e controle simbólico nas Telenovelas da década de 1970.	Shallana Victoria Barbosa Araujo (UFPI)

#### **Simpósio Temático 4: História, Literatura e Música**

**Coordenador:** Prof. Dr. Fernando Muratori (UFPI) e Prof. Dr. Ronyere Ferreira da Silva (UFPI)

**Sala:** 817

**Dia e Horário:** 15 de junho de 2026 (14h às 17h)

<b>Ordem</b>	<b>Título</b>	<b>Autores (as)</b>
01	Agronegócio musical: representações do meio rural e do campesinato na música sertaneja dentro da indústria cultural.	Ana Caroline Rodrigues da Silva (UFPI) Teresa Geovana Fernandes de Carvalho (UFPI)
02	Pifeiros e cultura popular no Piauí.	Natanael Kennedy Silva (UFPI)

03	“Faça você mesmo” (DIY): constituição de arquivo digital sobre a contracultura punk-rock anarquista (décadas de 1980 e 1990).	Itallo Matheus de Sousa Reis (UFPI)
04	Entre a modernidade e a pós-modernidade: experiência temporal e subjetividade em Água Viva.	Natanael da Silva Cardoso (UFPI)
05	Os reflexos de uma juventude homossexual estadunidense da década de 1980 nas obras DE Benjamin Alire Sáenz.	Francisco Ailton da Silva Pereira (UFPI)

## **Simpósio Temático 5: História Política**

**Coordenador:** Prof. Me. Jônatas Lincoln Rocha Franco (UFPI)

**Sala:** 824

**Dia e Horário:** 15 de junho de 2026 (14h às 17h)

<b>Ordem</b>	<b>Título</b>	<b>Autores (as)</b>
01	Os conselhos de Churchill e os limites do multilateralismo atual.	Natanael Luís dos Santos Nobre (UFPI)
02	De “Coração Valente” À “Presidenta Da República”: Representações De Dilma Rousseff Nas Eleições Presidenciais De 2010 E 2014.	Sophia Rodrigues Moreira (UESPI)
03	PETRÔNIO & ALBERTO REVISITADOS: sujeitos, trajetórias e escrita da história.	Jônatas Lincoln Rocha Franco (UFPI)
04	EMÍLIO GARRASTAZU MÉDICI, O “TORCEDOR NÚMERO UM”: futebol, propaganda e poder na Ditadura Militar brasileira (1969-1974).	Lucas Vinícius Lima de Viveiros (UFPI)
05	Lutas do Passado, Fantasmas do Presente: A atuação dos coletivos estudantis contra o Golpe de 2016 e o legado da resistência à Ditadura (2015-2018).	Vitor Gabriel Bezerra Arrais (UFPI)
06	“Ecos da Grande Guerra no Piauí e Maranhão”: aspectos políticos, sociais e econômicos do Piauí e Maranhão no contexto da primeira guerra mundial.	Caio Leonardo da Silva Sousa (UFPI)

## **Simpósio Temático 6: História, Imprensa e Mídia**

**Coordenadora:** Profa. Dra. Olívia Candeia Lima Rocha (UFPI)

**Sala:** 833

**Dia e Horário:** 15 de junho de 2026 (14h às 17h)

<b>Ordem</b>	<b>Título</b>	<b>Autores (as)</b>
01	“Famintos a nossa porta”: flagelados nas páginas do jornal piauiense “O Tempo” (1915-1916).	Aryane Maria Miranda Lima (UFPI)
02	Uma análise da abordagem do feminicídio no portal G1 Piauí (2015–2022).	Emily Miranda (UFPI)
03	Práticas decoloniais na imprensa feminista: uma análise do jornal <i>Mulherio</i> (1981–1988).	Gabriela Gonçalves de Holanda Moura (UFPI)
04	Bailar também é verbo no masculino: A subjetivação de bailarinos piauienses atuantes entre as décadas de 1970-1990.	João Vitor dos Santos (UFPI)
05	História Pública Digital e a Divulgação Científica: Mediações narrativas no Instagram, Spotify e Substack.	José Armando Leal (UFPI)
06	CONJUNTURA NACIONAL ENTRE 2013 E 2016: crise política, antipetismo e o papel da mídia.	José Clecionarton Teixeira (UFPI)

## Simpósio Temático 7: História do Brasil e do Piauí Republicano

**Coordenador:** Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos (UFPI)

**Sala:** 834

**Dia e Horário:** 15 de junho de 2026 (14h às 17h)

<b>Ordem</b>	<b>Título</b>	<b>Autores (as)</b>
01	ENTRE LUTAS E MEMÓRIAS: A RESISTÊNCIA DO MST EM PIO-IX E AS NARRATIVAS FAMILIARES DO ASSENTAMENTO PAULO FREIRE (2005-2010).	Laila Mides Sousa Santos (UFPI)
02	Religiosidade e ação social: Permanências e reconfigurações na atuação das Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena no Conjunto Dirceu Arcoverde (1978-1995).	Maria Eduarda Gonçalves de Oliveira (UFPI)
03	ENTRE O SOCORRO E O CONTROLE: A ATUAÇÃO DO DNOCS E A VIDA DOS RETIRANTES NO AÇUDE CAJAZEIRAS, PIO IX-PI, 1959-1980.	Naira Valdilene dos Santos (UFPI)
04	ASSISTÊNCIA AOS “FLAGELADOS DA SECA” PELA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE PARNAÍBA (1915-1923).	Aleisa de Sousa Carvalho Rocha (UFPI)
05	A Lei Áurea e a arquitetura da exclusão: cidadania, raça e a influência na formação social brasileira republicana.	Virnna Ívila de França Batista (UFPI) Ana Júlia Pimentel Araújo Leonidas (UFPI)
06	Massacre no Retiro da Boa Esperança: anticiganismo no sertão piauiense (1913).	Maria Lanilda Ribeiro Oliveira (UFPI) Ananda Theresa Martins Nascimento de Macedo (UFPI)
07	As ações da Igreja Católica, via Comissão Pastoral da Terra (CPT), nas lutas pela terra no Piauí entre 1979 e 1990.	Maria Izadora Rodrigues Teixeira (UFPI)

## **Simpósio Temático 8: História Antiga**

**Coordenador:** Prof. Alexandre Ribeiro de Sousa (UFRJ)

**Sala:** Sala de Reuniões do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros

**Dia e Horário:** 15 de junho de 2026 (14h às 17h)

<b>Ordem</b>	<b>Título</b>	<b>Autores (as)</b>
01	Cristãos na Província Romana da Bitínia: uma análise das Cartas 96 e 97 de Plínio, o Jovem (século II EC).	Alexandre Ribeiro de Sousa (UFRJ)
02	Mito e corpo feminino: a representação da mulher como espaço de dominação e poder.	Grazielle Gonçalves de Holanda (UFPI) Hislaine Silva Custódio Maciel (UFPI) Nívea Dávila de Carvalho Leal (UFPI)

**Simpósio Temático 9:** Educação Intercultural Indígena e Ensino de História Indígena

**Coordenadora:** Profa. Dra. Alessandra Lopes de Oliveira Castellini (UFPI)

**Sala:** 838

**Dia e Horário:** 15 de junho de 2026 (14h às 17h)

Ordem	Título	Autores (as)
01	Letramento Literário Indígena no Campus: Relatos e Reflexões das Ações do PIBID UFPI Interdisciplinar.	Alessandra Lopes de Oliveira Castellini (UFPI)
02	O Letramento Literário Indígena na Formação Inicial Docente: Ações do PIBID Interdisciplinar de Picos na Reeducação das Relações Étnico-Raciais.	Alessandra Lopes de Oliveira Castellini (UFPI)
03	Os povos indígenas no ensino de história do Piauí - Novos caminhos: da invisibilidade ao protagonismo indígena no Piauí (2021-2024).	Ana Suelle de Oliveira Gomes (UFC)
04	Agência Indígena e Independência do Brasil nos livros didáticos de História do PNL 2024: uma análise à luz da Nova História Indígena.	Keile Socorro Leite Felix (Secretaria Municipal da Educação de Fortaleza – SME)

**Simpósio Temático 9:** Educação Intercultural Indígena e Ensino de História Indígena

**Coordenadora:** Profa. Dra. Alessandra Lopes de Oliveira Castellini (UFPI)

**Sala:** 838

**Dia e Horário:** 16 de junho de 2026 (18h às 22h)

<b>Ordem</b>	<b>Título</b>	<b>Autores (as)</b>
01	Saberes, resistência e interculturalidade: caminhos e desafios para a efetivação da Educação Escolar Indígena no Piauí.	Maria Joaquina Leite da Silva (UESPI) Rayara da Silva Mota (UESPI)
02	Ay Kakyri Tama (Eu sou da Cidade): Usos das poesias indígenas no ensino de História.	Hevelyn Menezes Nascimento (UFPI)
03	POLÍTICAS EDUCACIONAIS E O ATENDIMENTO DE INDÍGENAS WARAO NO ESTADO DO PIAUÍ.	Lucas de Oliveira Martins (UESPI) Lucineide Barros Medeiros (UESPI)
04	Raízes do cerrado: história, memória e diálogo intercultural com os povos indígenas Akroá-Gamella.	Elen Alves dos Santos (UESPI)

## **Simpósio Temático 10: Política Indigenista e Política Indígena no Brasil Império**

**Coordenadores:** Prof. Dr. João Paulo Peixoto Costa (IFPI/UESPI/UFPI) e Profa. Dra. Tatiana Gonçalves de Oliveira (UESPI)

**Sala:** 836

**Dia e Horário:** 16 de junho de 2026 (18h às 22h)

<b>Ordem</b>	<b>Título</b>	<b>Autores (as)</b>
01	FONTES PARA HISTÓRIA INDÍGENA NO ARQUIVO PÚBLICO DO PIAUÍ (1822 – 1889).	Carlos Eduardo Feitosa Coêlho (UESPI)
02	Política Indigenista e o Esbulho das Terras Indígenas no Piauí (1830-1860).	Diego Leandro Lima Pereyra (UFC)
03	Presença Indígena nos Relatórios de Presidentes de Província do Piauí (1835 a 1889).	Evellyn Vitória Carvalho Lima (UESPI)
04	Política indígena e a câmara municipal de Vila Viçosa na independência do Brasil no Ceará.	João Paulo Peixoto Costa (IFPI/UFPI/UESPI)
05	Conflito entre indígenas Kaingang de Palmas (PR) e do aldeamento de Nonohay (RS) e as estratégias indígenas durante o período imperial brasileiro.	Marina Braga Carneiro (UFPR)
06	Escravidão ilegal indígena no Brasil: experiências a partir do Piauí e Espírito Santo - Século XIX.	Tatiana Gonçalves de Oliveira (UESPI)
07	A resistência adaptativa dos Puri contra a colonização do governo provincial e particulares na Província do Espírito Santo no período de 1845 a 1860.	Sérgio Vinicius Lyrio Ganda (UFES)

**Simpósio Temático 11:** Existências, Saberes e Resistências Indígenas e Quilombolas no Brasil Contemporâneo.

**Coordenadora:** Profa. Dra. Simoní Portela Leal (UFPI)

**Sala:** 805

**Dia e Horário:** 15 de junho de 2026 (14h às 17h)

<b>Ordem</b>	<b>Título</b>	<b>Autores (as)</b>
01	Identidade e Tradição: Vivências no IX Encontro de Casas de Terreiros de Comunidades Quilombolas.	Francisca Jéfany Calácio Pereira (UFPI)
02	Caboclas e quilombolas, entrecruzos identitários e práticas do feminino na transmissão do SERTÃO de RODELAS, O PIAUÍ.	Simoní Portela Leal (UFPI)
03	Entre território, corpo e memória: práticas organizativas e saberes do feminismo indígena na produção de histórias outras.	Elayne da Silva Nascimento (MUPI) Celina Maria de Souza Olivindo (UFDPAR)
04	Entre o rio e a memória: retomada ancestral, luta e resistência indígena na fronteira Piauí–Maranhão.	Celina Maria de Souza Olivindo (UFDPAR)
05	Chuva, arco-íris e o dragão Iorubá: perspectivas dracônicas na cosmologia iorubana de Oxumarê através de pontos cantados.	Rebeca Maria da Silva Lima (UFPI)

**Simpósio Temático 11:** Existências, Saberes e Resistências Indígenas e Quilombolas no Brasil Contemporâneo.

**Coordenadora:** Profa. Dra. Simoní Portela Leal (UFPI)

**Sala:** 805

**Dia e Horário:** 16 de junho de 2026 (18h às 22h)

<b>Ordem</b>	<b>Título</b>	<b>Autores (as)</b>
01	Festas Juninas e Cultura Indígena: Processos de Híbridação Cultural no Brasil.	Adriano Castro de Souza (UFDFPAR) Celina Maria de Souza Olivindo (UFDFPAR)
02	Saberes e Fazeres Afro-Indígenas no Piauí: diálogos entre extensão e comunidades tradicionais.	Adalto Domingos Ferreira Filho (UFPI) Eliardo Soares e Silva (UFPI)
03	As oficinas e confluências de saberes indígenas em Piripiri e a relevância de uma história antropológica.	Ana Beatriz Magalhães Melquiades (UFPI) Karllos Miguel Marinho Andrade (UFPI)
04	Grafismo Indígena Corporal: tessitura de linguagens e memórias.	Rodolfo de Sousa Pereira (IFPI) Joselma Ferreira Lima e Silva (IFPI)
05	Evidências da cultura material/imaterial Kariri nos sertões do Cariri cearense na contemporaneidade.	Antonio José de Oliveira (UFRN)
06	A esperança como estratégia de sobrevivência: os Warao no Piauí.	Pétala Medeiros Leite (UESPI) Luciano Silva Figueiredo (UESPI)

**Simpósio Temático 12:** Existências e Resistências Indígenas no Brasil Contemporâneo: Identidade e a luta pela Terra.

**Coordenadores:** Prof. Dr. Paulo Eduardo Rolim Campos (UFPI) e Prof. Me. Gisvaldo Oliveira da Silva (UESPI)

**Sala:** 837

**Dia e Horário:** 16 de junho de 2026 (18h às 22h)

<b>Ordem</b>	<b>Título</b>	<b>Autores (as)</b>
01	Invasões de terras indígenas no Maranhão: impactos da extração ilegal de madeira, da grilagem e da violência sobre os povos originários.	Adriana Dias Silva (UFMA)
02	Amazônia narrada e disputada: memória, saberes ancestrais e autodeclaração identitária.	Maianne Caroline da Silva e Silva (UFPA) Raquel Amorim dos Santos (UFPA)
03	Cartografia histórica, etnográfica e socioambiental dos povos indígenas Caboclos Akroá-Gamella e gueguê do sangue de Uruçuí-PI.	Rayara Silva da Mota (UESPI)
04	“Nós fomos buscar um abrigo na Baixa Funda”: memória, território e reterritorialização dos Akroá-Gamella após a expulsão do território Santo Antônio.	Rebeca Freitas Lopes (UNIFESP)
05	Resistência indígena no sul do Piauí: história e lutas do povo Gueguê do sangue pelo direito à terra.	Gisvaldo Oliveira da Silva (UESPI)
06	Entre “O Sonho e o Feijão”: a (di)gestão estadual no processo de regularização fundiária para povos indígenas do Piauí (2006-2026).	Paulo Eduardo Rolim Campos (UFPI) Luciana Melo de Medeiros Rolim Campos (UFPI)
07	O impacto da lei 7.389/2020 para os Povos Indígenas do Piauí.	Sara Sâmela Lima (UFPI)
08	Os movimentos dos Povos Indígenas no Piauí: luta, identidade e território [2010-2015]	Jaira De Sousa Luz (UFPI)

### **Simpósio Temático 13: Práticas de Cura e Religiosidades Indígenas.**

**Coordenador:** Prof. Dr. Reinaldo Forte Carvalho (UPE)

**Sala:** 839

**Dia e Horário:** 16 de junho de 2026 (18h às 22h)

<b>Ordem</b>	<b>Título</b>	<b>Autores (as)</b>
01	A Jurema é minha madrinha: rito e religiosidade na comunidade indígena Tabajara Ypy.	Maurício Silva Amorim (UFPI) Antônio de Pádua Dias Cardoso (UFPI)
02	DO SAGRADO A RESISTÊNCIA: PRÁTICAS RELIGIOSAS INDÍGENAS E O CONFRONTO COM A COLONIZAÇÃO.	Joaquim Barros Feitosa Junior (UFPI)
03	Ancestralidades e religiosidades naturais dos povos indígenas no Brasil.	Reinaldo Forte Carvalho (UPE)
04	O uso das ervas e as práticas de cura como resistência indígena no Piauí.	Maria Yasmim de Freitas Santos (UFPI) Flávio Henrique Rodrigues de Lima Silva (UFPI)
05	As matas e os rios curam: curas e saberes ancestrais indígenas em Piripiri/PI.	Genilson da Penha Rosa (UFPI/UFPI) Agostinho Júnior Holanda Coe (UFPI)

**Simpósio Temático 14:** História Indígena no Brasil Colônia e História do Império Português.

**Coordenadores:** Prof. Dr. Mairton Celestino da Silva (UFPI) e Prof. Dr. Rafael Ricarte da Silva (UFPI)

**Sala:** 840

**Dia e Horário:** 16 de junho de 2026 (18h às 22h)

<b>Ordem</b>	<b>Título</b>	<b>Autores (as)</b>
01	A Guerrilha Indígena e os Nativos Guerreiros na Amazônia Pombalina.	Gustavo Garcia Ramos (UERJ)
02	Descendentes da “índia” Josefa Maria da Conceição: genealogia de uma família matrifocal nos Sertões do Seridó (séculos XVIII-XIX).	Helder Alexandre Medeiros de Macedo (UFRN)
03	“NÃO EXISTE PECADO DO LADO DE BAIXO DO EQUADOR”: Uma Colônia Travestida chamada Brasil.	Pedro Rangel Ferreira Silva (UFPI) Klayver Phellipi Gomes de Oliveira (UFPI)
04	Vozes silenciadas, ações insubmissas: os processos de resistência dos indígenas Pimenteira no Piauí colonial (1770–1806).	Maira Pinheiro de Moura (UFPI)
05	Fazenda Serra Negra: Participação Indígena, Arquitetura Rural e Memória Histórica no Processo de Ocupação do Piauí Colonial.	Patrícia Mendes dos Santos (UNINASSAU) Clarissa Borges Nonato (UNINASSAU) Mara Cristine Dias Fagundes (UNINASSAU)
06	A Expansão Marítima Portuguesa nos Séculos XV e XVI: Redes, Tecnologia e Conexões Culturais como Fatores da Formação Imperial.	Jonathan da Silva Barros (UFPI)

07	Piauí Colonial: Economia e Trabalho.	Pedro Machado Marreiros dos Santos (UFPI) Caio Rodrigues Sousa (UFPI) Evandro Araújo Fontinele (UFPI)
08	ESCOLAS NAS “VILAS DE ÍNDIOS”: PROJETO POMBALINO, EDUCAÇÃO DE PRIMEIRAS LETRAS E AGÊNCIA INDÍGENA NAS ANTIGAS ALDEIAS JESUÍTICAS DAS CAPITANIAS DO NORTE (C. 1759-1832).	Lígio José de Oliveira Maia (UFRN)
09	Território, poder e populações subalternas no mapa pombalino da Cidade de Oeiras do Piauí, 1758.	Mairton Celestino da Silva (UFPI)

**Simpósio Temático 15:** Pensar e Escrever sobre os Povos Indígenas.

**Coordenador:** Prof. Me. Jônatas Lincoln Rocha Franco (UFPI)

**Sala:** 841

**Dia e Horário:** 16 de junho de 2026 (18h às 22h)

<b>Ordem</b>	<b>Título</b>	<b>Autores (as)</b>
01	Da Revolução à Resistência: O marxismo anticolonial na América Latina.	Ian Rodner Torres Moura (UFPI)
02	O silêncio de Domingas: a trajetória do indígena do século XX em Dois Irmãos de Milton Hatoum.	João Victor Neri Macedo de Negreiros (UFPI) Halysen Borges de Sousa (UFPI)
03	Descrever o que se vê, entrever o que se imagina: indígenas, natureza e paisagem nos escritos de Leonardo Castello-Branco (1856).	Luís Carlos Albano Duarte Sousa (UFMG)
04	Capistrano de Abreu e a invenção de uma brasilidade indígena na historiografia do século XIX.	Luís Carlos Pereira Barbosa (UFPI) Jônatas Lincoln Rocha Franco (UFPI)

**Simpósio Temático 16:** Toponímia, Comunidades Indígenas e presença dos saberes e fazeres tradicionais no Piauí.

**Coordenadora:** Profa. Dra. Celina Maria de Souza Olivindo (UFDPAR)

**Sala:** 842

**Dia e Horário:** 16 de junho de 2026 (18h às 22h)

<b>Ordem</b>	<b>Título</b>	<b>Autores (as)</b>
01	Quintais Agroecológicos: Fortalecimento da agricultura familiar e segurança alimentar em comunidades rurais e tradicionais do Piauí.	Carlos Eduardo Ferreira de Brito (UFDPAR) Antonia Vitória de Araújo Nascimento (APIN)
02	Tecnologias digitais, rastreabilidade e empreendedorismo verde na agricultura familiar: uma leitura decolonial a partir de territórios tradicionais.	Celina Maria de Souza Olivindo (UFDPAR) Josenildo de Souza e Silva (UFDPAR)
03	Topônimos de origem indígena no Piauí: estudo linguístico e sócio-histórico-cultural da toponímia em municípios do território Tabuleiros do Alto Parnaíba.	Melka Maria Sene Silva (UESPI/FAPEPI) Messias dos Santos Santana (UESPI/FAPEPI)
04	TOPONÍMIA DE ORIGEM INDÍGENA NO PIAUÍ EM 2010: ESTUDO LINGUÍSTICO E SÓCIO-HISTÓRICO-CULTURAL DE TOPÔNIMOS EM MUNICÍPIOS DO TERRITÓRIO CHAPADA VALE DO ITAIM – RESULTADOS PARCIAIS.	Letícia dos Santos de Holanda Rocha (UESPI) Messias dos Santos Santana (UESPI)
05	TOPONÍMIA DE ORIGEM TUPI NO TERRITÓRIO SERRA DA CAPIVARA: ESTUDO LINGUÍSTICO E SÓCIO-HISTÓRICO-CULTURAL.	Cícero Júnior Ferreira da Silva (UESPI) Messias dos Santos Santana (UESPI)

**PAINÉIS – MOMENTO PIBID**  
**(AÇÕES INTERDISCIPLINARES)**

## SESSÃO DE PAINÉIS – MOMENTO PIBID (AÇÕES INTERDISCIPLINARES)

**Local: Pátio Central do Campus e Bloco da Direção do Campus**

**Dia e Horário:** 15 de junho de 2026 (17h às 18h)

<b>Ordem</b>	<b>Título</b>	<b>Autores (as)</b>
01	Antroponímia Indígena na Aldeia Canto da Várzea (Piripiri): Identidade e Memória.	Maria Clara Sá Rocha Amanda de Sousa Silva Samire de Sousa Bezerra Kethlen Dayane de Oliveira Marques Aldinéia Ribeiro de Sousa Almeida Luiz Egito de Souza Barros
02	Da Exclusão à Escrita: a trajetória das mulheres brasileiras na educação e na literatura.	Amanda Maria Barbosa Viana Cassandra de Sousa Silva Mariana Rodrigues Lima Rafael Ricarte da Silva
03	Literatura Indígena e Educação nas ações do PIBID Interdisciplinar: desconstruindo estereótipos sobre os povos originários.	Marília Eduarda de Moura Rocha Maria Conceição Silva Sara Sâmela Pereira Lima Susy Evine da Silva Lima Maria Elioneide da Silva Marinho Alessandra Lopes de Oliveira Castelini
04	O LÉXICO INDÍGENA E A CORRELAÇÃO COM AS PRÁTICAS CULTURAIS, CRENÇAS E LENDAS NA COMUNIDADE CANTO DA VÁRZEA EM PIRIPIRI-PI.	Thayson Levi Leal Rocha Nathaly Vitória de Moura Amorim Nicole da Silva Moreira Geovana de Sousa Oliveira Rosilene Maria da Silva Janaina Saraiva Varão Luiz Egito de Sousa Barros

05	Saberes que Contam Histórias: oralidade, tradição e cultura indígena no espaço escolar.	Andréia Maria de Moura Santos Daniel Alves Castro Estella Rodrigues de Carvalho Pedro Paulo Machado Jacineide Lima Santos Rafael Ricarte da Silva
06	DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS SOBRE OS POVOS INDÍGENAS.	Luís Carlos Pereira Barbosa Larissa Rodrigues Martins Magalhães Margarida Hélen de Brito Santos Naira Valdilene dos Santos Andrea Karla Bezerra da Silva Rafael Ricarte da Silva
07	Vozes indígenas na literatura contemporânea: práticas pedagógicas no PIBID UFPI Interdisciplinar.	Malvina Guilhermina do Rego Arthur Angelo De Sousa Jaqueline Edilene De Sousa Sabrina Soares Lourenço Maria Elioneide Da Silva Marinho Alessandra Lopes De Oliveira Castelini
08	Gamificando o ensino da língua dos povos originários: Uma busca por significado por meio da caça ao tesouro ancestral.	Márcia Marília Lopes Alves da Silva Joana Evelyn Moura e Vale Sabrina Pereira Reis Hellen Roberta de Oliveira Silva Iraí Silva Moura Alessandra Lopes Oliveira Castelini
09	Entre a cultura escolar e a vivência dos alunos: fracasso escolar e desigualdade educacional no sistema educacional brasileiro.	Francisca Silva Carvalho Ana Isabeli Gomes de Alencar Yasmin Gabriela dos Santos Theodor Lore da Conceição Almeida Maria Conceição Rodrigues Martins
10	Círculo de literatura indígena no PIBID UFPI Interdisciplinar: valorização de autores e obras dos povos originários.	Jaqueline Edilene de Sousa Malvina Guilhermina do Rego Sousa Arthur Ângelo de Sousa Sabrina Soares Lourenco Maria Elioneide da Silva Marinho Alessandra Lopes Oliveira Castelini

11	Vozes da Ancestralidade: O Uso de Textos de Ailton Krenak para o ensino de literatura indígena no PIBID Interdisciplinar.	Laila Mides Sousa Santos Luiz Carlos de França Dalila Maria de Sousa Rodrigues Antônio Samuel Ferreira Lima Figueiredo Iraí Silva Moura Alessandra Lopes Oliveira Castellini
12	A Representatividade Feminina na Música — Um Relato de Experiência do Pibid.	Maria Eduarda Rodrigues Rocha Nívea Dávila de Carvalho Leal Mariana Rodrigues Lima Rafael Ricarte da Silva
13	CULINÁRIA, PRESERVAÇÃO AMBIENTAL E SABERES POPULARES: COMO SE ORGANIZA A COMUNIDADE INDÍGENA DE PIRIPIRI SEGUNDO AS TRADIÇÕES DO POVO TABAJARA.	Ângela Kaylane de Jesus Carvalho Amanda Santos Sousa Juenyfer Aemilly Barbosa Ferreira Sávio Wallace Brito Sousa Luiz Egito de Souza Barros
14	Relato de experiência: aula sobre início da educação feminina no Brasil no CETI Ozildo Albano.	Ana Júlia Pimentel Araújo Leonidas Grazielle Gonçalves de Holanda Kelma Maria da Silva José Mateus de Moura Ferreira Tatiana Duarte de Brito Mariana Rodrigues Lima Alex Sandro Lopes Santos Rafael Ricarte da Silva
15	Do debate ao reconhecimento: um relato de experiência sobre a intervenção do PIBID acerca do feminicídio e mulheres na história.	Ana Nicolý dos Santos Maria Heloísa de Sousa Mariana Rodrigues Lima Rafael Ricarte da Silva
16	De Piripiri ao Preá: Estudo Toponímico da Herança Indígena na Lexicologia de Cidades e Animais no Piauí.	Angella Pereira Saturnino Lucas João de Oliveira Diogo Marques de Sousa Rayanne Gonçalves de Moura Costa Janaina Saraiva Varão Luiz Egito de Souza Barros
17	Jogos e Alfabetização: Vivências do PIBID no Desenvolvimento da Leitura e Escrita.	Arieni de Assis Lacerda Maria Cezar de Sousa

18	EDUCAÇÃO QUILOMBOLA NA FORMAÇÃO DE TERRITÓRIOS ÉTNICOS.	Auridete Andreia dos Santos Mariana Rodrigues Barros Maria Danila da Silva Nascimento Gomes Maria Conceição Rodrigues Martins
19	Evolução Humana e o Povoamento das Américas: Uma Abordagem Interdisciplinar entre História e Biologia no Ensino Médio.	Cícero Augusto do Rego Sousa Kauã Cavalcante Espíndola Pinto Lara Gabriela de Moura Rocha Maíra Pinheiro de Moura Andréa Karla Bezerra da Silva Adriana Carvalho dos Anjos Nilda Masciel Neiva Goncalves Rafael Ricarte da Silva
20	HISTÓRIA LOCAL E SILENCIAMENTOS: A INVISIBILIZAÇÃO DA HISTÓRIA DOS POVOS INDÍGENAS NO ESPAÇO MUSEOLÓGICO E URBANO DE AMARANTE (2021-2025).	Francisca Emanuela Macêdo dos Santos Gabriela Berthou de Almeida
21	Ensino de história e protagonismo indígena: experiências do PIBID-História no PREMEN.	Iamanda Rocha Ribeiro Felipe Barbosa Patricio Jacineide Lima Santos Rafael Ricarte da Silva
22	Geometria nas Civilizações Antigas.	Iza Beatryz Arrais Batista Cléo Marcos Silva Sousa Maria Eduarda Carvalho Araújo Maria das Graças Rodrigues Alex Sandro Lopes Santos
23	O protagonismo indígena nas práticas educativas: experiências do PIBID Interdisciplinar na UFPI.	Maria Janaína dos Santos Oliveira Kathllen Kalyne dos Anjos Sousa Daniel Ferreira Santos Antônio Ferreira da Silva Mara Gonçalves Carvalho Alessandra Lopes de Oliveira Castelini

24	Instrumentos Tradicionais de Trabalho, Caça e Pesca para os Povos Originários: Saberes, Cultura e Relação com a Natureza.	Lara Kailany de Moura Leal Emanuele Lívia Silva Cabral Francisco Victor de Jesus Pereira Yara Esthephany de Moura Soares Aldinéia Ribeiro de Sousa Almeida Rosilene Maria da Silva Luiz Egito de Sousa Barros
25	Povos Originários e Saberes Ancestrais: A importância das veras medicinais na preservação cultural e na saúde indígena.	Maria Clara de Sousa Silva Hislaine Silva Custódio Maciel Jacineide Lima Santos Rafael Ricarte da Silva
26	Linguagem, Escola e Desigualdade Social: reflexões sobre exclusão e fracasso escolar.	Maria Gabriela da Silva Sousa Maurilane Pereira da Costa Eduarda Almeida de Sousa Maria Clara dos Santos Maria Claudeni da Silva Araújo Maria da Conceição Rodrigues Martins
27	O planejamento didático: metodologias ativas no contexto escolar.	Lygia Maria dos Santos Ferreira Samuel Henrique J. da Silva Luana Raquel de Sousa Maria Vitória Rodrigues Coutinho Danila da Silva Nascimento Gomes Josileny Antônia de Carvalho Maria da Conceição Rodrigues Martins
28	Ditadura militar, violência estatal e resistência indígena: o caso dos Waimiri-Atroari (1972-1974).	Weturiana Rodrigues Ferreira Helane Karoline Tavares
29	ETNOMATEMÁTICA – Reflexões a partir dos saberes indígenas.	Kelma Maria da Silva Jean João de Sousa Carvalho Tatiana Duarte Brito Mariana Rodrigues Lima Alex Sandro Lopes Santos Rafael Ricarte da Silva

30	<p>PIBID e o Ensino de História através das telas: uma análise do projeto implementado no Colégio da Polícia Militar do Piauí.</p>	<p>Caio Rodrigues de Sousa          Evandro Araújo Fontinele          Antonio Rocha de Macedo          João Paulo Charrone</p>
31	<p>Formação docente e garantia de direitos na contemporaneidade: o papel do ECA e da proteção digital na educação.</p>	<p>Arlete Maria Luz Araújo          Heloísa Gonçalves de Sousa          Lanna Lysa de Sousa Campos          Vinícius João de Oliveira Araújo          Josileny Antonia de Carvalho          Maria da Conceição Rodrigues          Martins</p>
32	<p>Hidronímias no léxico do português brasileiro: um estudo na comunidade indígena Aldeia Canto da Várzea em Piripiri/PI</p>	<p>Matheus Barros Rocha          Ranieri Neves de Oliveira          José Damião Nogueira Farias          Isadora de Sousa          Rosilene Maria da Silva          Luiz Egito de Souza Barros</p>

## **RESUMOS DOS SIMPÓSIOS TEMÁTICOS**

# SIMPÓSIOS TEMÁTICOS (RESUMOS POR ORDEM DE ST E APRESENTAÇÃO)

**ST 01: Ensino de História e Prática Pedagógicas**

**Coordenadora: Profa. Ma. Nádia Narcisa de Brito Santos**

**01 - PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E SABERES ÉTNICO-RACIAIS:  
UMA EXPERIÊNCIA NO IFPI – CAMPUS PICOS.**

*Ariany Maria Farias de Souza (IFPI)*

*Lara Laiane Augusto Leal (IFPI)*

**Resumo:** Este relato de experiência tem como objetivo apresentar e refletir sobre o desenvolvimento da disciplina Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas, ministrada para estudantes do 2º ano do Ensino Médio do IFPI – Campus Picos, destacando as estratégias pedagógicas utilizadas para promover a compreensão crítica sobre as histórias, culturas e produções intelectuais de povos africanos, afro-brasileiros, indígenas e quilombolas. Foram realizadas aulas expositivas dialogadas, leituras e debates sobre textos e obras de autores africanos, indígenas e quilombolas, além da exibição de vídeos que serviram como base para discussões coletivas. Entre os temas abordados destacaram-se a intolerância religiosa, especialmente relacionada às religiões de matriz africana, bem como as questões ligadas à demarcação de terras indígenas e quilombolas. As atividades buscaram estimular o pensamento crítico dos estudantes, incentivando a reflexão sobre direitos, identidade, memória e resistência desses povos. Também foram promovidos momentos de análise e debate de produções literárias e intelectuais elaboradas por autores pertencentes a comunidades indígenas e quilombolas. Como principal

conclusão, o relato evidencia que a articulação entre teoria e prática, aliada ao contato direto com produções intelectuais desses povos e ao uso de recursos audiovisuais para debate, favoreceu o engajamento dos estudantes e ampliou sua compreensão sobre a diversidade cultural e os desafios enfrentados por populações afro-brasileiras e indígenas. **Palavras-chave:** Ensino de História; Relações Étnico-Raciais; Práticas Pedagógicas.

## 02 – ENSINO DE HISTÓRIA AFROCÊNTRICO NO ENSINO FUNDAMENTAL II: METODOLOGIAS PEDAGÓGICAS, EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS, PRÁTICAS CONTRACOLONIAIS E RECURSOS DIDÁTICOS AFROCENTRADOS NAS TURMAS DO 7º ANO DA REDE MUNICIPAL DE CODÓ-MA.

*Renato Ramos de Almeida (UFPI)*

**Resumo:** O Ensino de História da África e Afro-Brasileira na educação básica brasileira ainda enfrenta desafios relacionados à permanência de currículos eurocêntricos e práticas pedagógicas coloniais. Nesse contexto, a Lei nº 10.639/03 tornou obrigatório o ensino da História e Cultura da África e Afro-Brasileira, fortalecendo debates sobre ancestralidade, identidade negra e Educação Afrocêntrica. Para Asante (2014), a Afrocentricidade propõe a centralidade dos sujeitos africanos em suas próprias narrativas históricas. Já Munanga (2005) afirma que a valorização da identidade negra é essencial para a construção de uma educação antirracista. Objetivo: analisar como o ensino de História Afrocêntrico é desenvolvido nas turmas do 7º ano da rede municipal de Codó-MA. Métodos: A pesquisa terá abordagem qualitativa, exploratória e descritiva, fundamentada em pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo no centro de ensino municipal no município de Codó-MA, com aplicação de questionários e entrevistas semiestruturadas a professores de História das turmas do 7º ano do ensino fundamental II, utilizando análise de conteúdo temática. Espera-se identificar práticas pedagógicas afrocêntricas e ampliar reflexões sobre Educação Afrocêntrica e Kilombista no contexto do Ensino de História nas salas de aulas. Conclui-se, parcialmente, que a Afrocentricidade pode fortalecer práticas educativas no contexto do Ensino de História da África e Afro-brasileira comprometidas com valorização das epistemologias negras e afro-brasileiras que contribuem para o desenvolvimento letramento racial, empoderamento negro, fortalecimento da identidade, memória, cultura e história negra.

**Palavras-chave:** Afrocentricidade. Lei 10.639/03. Ensino de História Afrocêntrica. Ensino de História da África e Afro-brasileira.

### 03 - AS REMINISCÊNCIAS AFRICANAS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS DO PNLD/2021: MISCIGENAÇÃO, COLONIALIDADE E AS TESSITURAS DO EMBRANQUECIMENTO NA NARRATIVA HISTÓRICO-ESCOLAR.

*Nádia Narcisa de Brito Santos (UFPI)*

**Resumo:** O texto analisa a presença da categoria da miscigenação nos livros didáticos de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas aprovados no PNLD de 2021, demonstrando como a herança africana frequentemente é representada por meio de narrativas conciliadoras da mestiçagem e do branqueamento. A análise concentra-se, sobretudo, na recorrência da pintura *A Redenção de Cam* (1895), de Modesto Brocos, presente nas obras *Diálogo*, *Dimensões* e *Multiversos*. A pesquisa argumenta que a insistente mobilização dessa iconografia revela a permanência de uma pedagogia visual marcada pela colonialidade e pelo racismo científico, que transforma o embranquecimento em horizonte civilizatório da nação brasileira. A pintura de Brocos é compreendida como um documento histórico atravessado por narrativas eugenistas do final do século XIX. Na composição, a figura da mulher negra agradecendo pelo nascimento de um neto branco simboliza a lógica do branqueamento como forma de “redenção racial”. O texto demonstra que a obra articula símbolos cristãos e teorias pseudocientíficas para legitimar a ideia de que o progresso nacional dependeria da eliminação gradual da negritude. Assim, a tela não é apenas uma representação artística, mas uma síntese visual das teorias raciais que projetavam a branquitude como ideal de civilização e modernidade. A análise evidencia que os livros didáticos apresentam a imagem de maneiras distintas, porém frequentemente superficiais. Na obra *Diálogo*, a tela aparece vinculada ao debate sobre escravidão e pós-abolição, acompanhada de um breve comentário acerca do “branqueamento da população”. Embora o livro reconheça a transição cromática entre as gerações representadas, não aprofunda suficientemente as implicações epistemológicas e políticas dessa

narrativa. O texto critica a ausência de problematização mais consistente, ressaltando que o branqueamento é frequentemente tratado apenas como dado histórico, sem conexão efetiva com as permanências do racismo estrutural na contemporaneidade. Na coleção *Dimensões*, a discussão da miscigenação é articulada às interpretações de Gilberto Freyre em *Casa-Grande & Senzala*. O livro reconhece a importância de Freyre ao romper parcialmente com o determinismo racial biologizante e ao valorizar as contribuições africanas e indígenas para a formação cultural brasileira. Contudo, também aponta o caráter ambivalente dessa interpretação, pois a exaltação da mestiçagem contribuiu para a construção do mito da democracia racial. O texto argumenta que essa perspectiva conciliadora obscureceu violências coloniais, desigualdades estruturais e projetos de embranquecimento que marcaram a história nacional. O trabalho destaca ainda uma contradição pedagógica importante: embora os livros reconheçam o branqueamento como categoria histórica, a abordagem permanece subordinada à lógica classificatória do vestibular e do ENEM. Em *Dimensões*, por exemplo, a pintura de Brocos aparece associada a uma questão do ENEM cuja resposta correta é “embranquecimento da população”. Entretanto, a atividade limita-se à identificação objetiva do conceito, sem promover uma reflexão sobre a historicidade do racismo científico e seus desdobramentos no presente. A aprendizagem torna-se, portanto, classificatória e não problematizadora. Na obra *Multiversos*, a tela é apresentada em uma seção de leitura de imagem acompanhada de perguntas interpretativas sobre racismo, arte e teorias raciais. A referência ao médico João Batista de Lacerda, defensor da tese do branqueamento da população brasileira, oferece potencial para discussões acerca da colonialidade do poder e da naturalização das hierarquias raciais. Contudo, o Manual do Professor limita essa abertura interpretativa ao fornecer respostas previamente delimitadas, reduzindo a polissemia da obra e conduzindo a leitura docente para sentidos rigidamente prescritos. O texto argumenta que essa prática transforma o professor em executor de interpretações prontas, enfraquecendo sua mediação crítica. A pesquisa também relaciona essa dinâmica às condições concretas do trabalho docente contemporâneo. A precarização estrutural da educação, a sobrecarga burocrática e a pressão por resultados em avaliações externas favorecem a reprodução mecanizada do livro didático, dificultando

práticas pedagógicas reflexivas. Dialogando com Paulo Freire, o texto aponta que o ensino tende a assumir características da “educação bancária”, na qual o conhecimento é transmitido de forma acrítica e acumulativa. Ensinar História, nesse contexto, exige romper com a mera reprodução de conteúdos e promover leituras insurgentes capazes de problematizar silenciamentos e desigualdades. Como alternativa pedagógica, o estudo propõe a utilização de releituras contemporâneas da obra *A Redenção de Cam*, como *A Bênção*, de Skellton Araújo, e a releitura em aquarela de Mariana Sguilla. Essas produções artísticas deslocam o sentido original da pintura ao afirmar a ancestralidade negra como lugar de orgulho, dignidade e pertencimento. Em vez de celebrar o embranquecimento como ascensão social, as releituras valorizam a negritude e confrontam a lógica colonial da vergonha racial. Dessa forma, transformam a imagem-documento em espaço de disputa de narrativas e de produção de consciência histórica. O texto conclui defendendo que o ensino de História deve ir além da simples identificação de conceitos ou imagens consagradas pelo currículo. A análise de representações visuais, especialmente quando articulada a releituras contemporâneas, possibilita desenvolver competências previstas pela BNCC relacionadas à interpretação de fontes, problematização de desigualdades e construção da consciência histórica. Assim, a recorrência de *A Redenção de Cam* nos livros didáticos revela não apenas a permanência de uma pedagogia visual do branqueamento, mas também a urgência de práticas decoloniais capazes de desnaturalizar hierarquias raciais e reinscrever a experiência negra como dimensão legítima da memória e da história brasileira.

**Palavras-chave:** História; Ensino de História; Livro Didático; Miscigenação.

#### **04 - ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA DIGITAL: PERSPECTIVAS ACERCA DA ATIVIDADE DOCENTE PERANTE UM SABER HISTÓRICO DESCENTRALIZADO.**

*André Luiz Costa e Silva (UFPI)*

*Priscila Rocha da Silva (UFPI)*

**Resumo:** Este trabalho analisa os impactos do desenvolvimento da cultura digital no desenvolvimento do conhecimento histórico, compreendendo que esta é responsável pela construção da consciência histórica para além do conteúdo administrado nas escolas. Com a compreensão de que esses novos saberes históricos são desenvolvidos e disseminados por uma variedade de grupos, incluindo ataques à história por parte de grupos de extrema direita, este trabalho apresenta reflexões e direções para o professor de história a lidar com estes aspectos da cultura digital e o saber histórico descentralizado dentro da sala de aula.

**Palavras-chave:** Ensino de História, Cultura Digital, Internet, Extrema Direita.

## 05 - QUANDO A MEMÓRIA VIRA LEI: DISPUTAS, NARRATIVAS E PODER NA INSTITUCIONALIZAÇÃO DA HISTÓRIA LOCAL EM PICOS-PI.

*Déborah Lays de Moura Lélis Cabral (UFPI)*

**Resumo:** O presente trabalho busca analisar a institucionalização da História Local no município de Picos-PI a partir da Lei nº 3049/2020, tomando como eixo interpretativo o campo das políticas educacionais. Parte-se da compreensão de que a inserção da história local no currículo escolar constitui um processo atravessado por disputas, seleções e relações de poder que definem quais memórias e narrativas são legitimadas como conhecimento oficial. Nesse sentido, investiga-se de que maneira a referida legislação, e a sua posterior implementação, atua na produção e normatização de conteúdos históricos no âmbito da educação básica, articulando dimensões políticas e indenitárias. Para tanto, a metodologia da pesquisa fundamenta-se na análise documental da legislação, bem como no diálogo com a produção acadêmica sobre história local, currículo e ensino de história, e na realização de entrevistas semiestruturadas com sujeitos envolvidos na implementação da política educacional. Busca-se compreender como a política educacional local transforma a memória em saber escolar, evidenciando os tensionamentos entre pluralidade de experiências e processos de oficialização do passado. Como resultado, o estudo aponta que a lei, ao mesmo tempo em que amplia o espaço da história local no ensino, também opera como mecanismo de regulação e enquadramento das narrativas, revelando o caráter disputado do currículo.

**Palavras-chave:** História Local; Políticas Educacionais; Currículo, Memória e Poder.

## 06 - A BNCC E OS CURRÍCULOS ESTADUAIS - RECONTEXTUALIZAÇÃO CURRICULAR NAS ESCOLAS.

*Estella Rodrigues de Carvalho (UFPI)*  
*Maria Lanilda Ribeiro Oliveira (UFPI)*  
*Carla Silvino de Oliveira (UFPI)*

**Resumo:** Este trabalho propõe uma investigação acerca de como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é recontextualizada nas escolas estaduais do Piauí, problematizando as escolhas realizadas pelos órgãos responsáveis por conduzir a elaboração e/ou reelaboração das propostas curriculares escolares, no que se refere ao Ensino de História nos anos do Ensino Médio. Seu objetivo é analisar como a escrita do documento se insere em um campo de disputas políticas, e quais são as estratégias utilizadas no processo de formação docente no Piauí e como os professores podem ressignificar essa norma em sala de aula. A metodologia utilizada foi o estudo do documento e a leitura da bibliografia proposta, somados à investigação dos meios de comunicação da Secretaria de Educação do Estado do Piauí e da 9ª Gerência Regional de Educação e às pesquisas de campo feitas nesta última para fins de realizar um diagnóstico acerca da formação de professores nos últimos oito anos. O referencial teórico mobiliza autores como Sacristán e Gómez (1998), Reis (2023), Nogueira e Borges (2022), Silva e Butin (2018), De Lara Jakimiu (2023), Alves e Carvalho (2023), etc. cujas contribuições permitem compreender mais profundamente a respeito do contexto nacional de implementação da Base. Com isso, conclui-se que, até o momento, a BNCC foi implementada no Piauí de maneira tardia e desigual, com maior atenção ao Ensino Médio e uma lacuna no Ensino Fundamental, no que tange à recontextualização do currículo.

**Palavras-chave:** BNCC, Formação de Professores, Currículo do Piauí.

## 07 - PRADO/NE's- PRÁXIS DOCENTE/NECESSIDADES ESTUDANTIS: INVESTIGAÇÃO ESCOLAR NO CONTEXTO DO ENSINO MÉDIO PICOS-PI.

*Quézia da Costa Gabriel (UFPI)*

*Ademar Hendres de Sousa Chagas (UFPI)*

*Carla Silvino de Oliveira (UFPI)*

**Resumo:** O presente trabalho resulta das atividades desenvolvidas pelo projeto de extensão PRADO/NE's - Práxis Docente/Necessidades Estudantis, que discutiu os impactos da reforma do Novo Ensino Médio e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no CETI Miguel Lidião, em Picos-PI, no âmbito docente em 2024 e no discente em 2025. A partir disso, entre os anos 2024 e 2025, o projeto investigou como docentes e discentes estavam lidando com essas mudanças. Inicialmente, foram ouvidos docentes das disciplinas afetadas e, posteriormente, estudantes da rede pública de ensino integral em estudo. Assim, a pesquisa buscou analisar se as políticas de formação docente da Secretaria de Educação do Piauí atendem às necessidades dos professores diante das reformas curriculares daquele período e posteriormente investigou as necessidades estudantis nesse contexto de mudanças que afetou tanto professores quanto estudantes. Portanto, a proposta deste trabalho é reunir as pesquisas realizadas nesse projeto de extensão e produzir uma análise comparativa entre esses âmbitos, a fim de evidenciar as problemáticas que estariam afetando negativamente o trabalho docente e conseqüentemente a aprendizagem dos estudantes.

**Palavras-chave:** Práxis Docente; Formação Docente; Reforma do Novo Ensino Médio; Necessidades Estudantis.

## 08 - ENTRE A DESVALORIZAÇÃO E A RESISTÊNCIA: A PRECARIZAÇÃO DO ENSINO DE HISTÓRIA NAS ESCOLAS PÚBLICAS BRASILEIRAS.

*Daniel Alves de Castro (UFPI)*

*Jacineide Lima Santos (SEDUC-PI)*

**Resumo:** O presente trabalho propõe uma reflexão sobre a precarização do ensino de História nas escolas públicas brasileiras, destacando os impactos das transformações políticas, econômicas e institucionais sobre o trabalho docente e o processo de ensino-aprendizagem. A discussão foi construída a partir das experiências da professora de História Jacineide Lima Santos, que atua há mais de vinte anos na educação pública, em diálogo com o estudante Daniel Castro, estagiário da docente. O trabalho aborda questões como desvalorização profissional, sobrecarga de trabalho, insuficiência de recursos didáticos e os desafios enfrentados pelos professores na construção de um ensino crítico e reflexivo. Metodologicamente, a pesquisa fundamenta-se em revisão bibliográfica e nos relatos das experiências vivenciadas no cotidiano escolar, evidenciando tanto os processos de precarização quanto as práticas de resistência construídas no espaço da sala de aula.

**Palavras-chave:** Precarização, Ensino, História.

## **09 - INDISCIPLINA E MILITARIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO: UM ESTUDO A PARTIR DAS VIVÊNCIAS DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO EM HISTÓRIA (2025).**

*Rayane de Sousa Rodrigues (UFPI)*

*Carla Silvino de Oliveira (UFPI)*

**Resumo:** O presente trabalho intitulado “Indisciplina e Militarização da Educação: um estudo a partir das vivências de Estágio Obrigatório em História 2025”, tem como objetivo analisar as manifestações de indisciplina no ambiente escolar e refletir principalmente sobre a questão da militarização como estratégia de enfrentamento à indisciplina. Esta presente pesquisa baseia-se em observações e experiências vivenciadas durante o estágio obrigatório, permitindo assim uma análise crítica das relações estabelecidas entre estudantes, professores e a Gestão Escolar. Nesse contexto, evidenciam-se fatores sociais, culturais tal como institucionais na qual contribuem para a indisciplina, compreendida não apenas como desobediência às normas, mas também como reflexo de desigualdades presentes na realidade escolar. O estudo também problematiza o modelo de gestão militarizada, caracterizado pela rigidez disciplinar, hierarquia e padronização de comportamentos, discutindo seus impactos no processo educativo. Entende-se que, embora essa militarização possa promover controle assim como a organização, ela pode limitar o desenvolvimento da autonomia, da criticidade e do diálogo, sendo necessário investir em práticas pedagógicas mais inclusivas, participativas e contextualizadas.

**Palavras-chave:** Práticas pedagógicas; Gestão escolar e Autoridade docente.

## ST 02: História do Piauí e do Brasil Imperial

Coordenadores: Prof. Dr. José Lins Duarte (UFPI), Kátia de Araújo Silva (UFPI) e Profa. Ma. Kércia Andressa Vitoriano Gonçalves (UFPI)

### 01 - O PIAUÍ OITOCENTISTA E A BUSCA PELO PROGRESSO IMPERIAL: INDÍCIOS DE MODERNIZAÇÃO NA ECONOMIA PROVINCIAL.

*Gabriel Galindo de Lima* (UFPI)

**Resumo:** O trabalho tem como objetivo analisar os indícios de modernização presentes no Piauí oitocentista, considerando sua inserção no projeto de progresso articulado pelo Brasil ao longo do século XIX. Parte-se da problematização do conceito de modernização a partir das contribuições teóricas de Marshall Berman, Karl Marx, Friedrich Engels e Eric Hobsbawm, compreendendo a modernidade como resultado das transformações econômicas, sociais e políticas impulsionadas pela expansão do capitalismo no século XIX. A partir dessa perspectiva, busca-se compreender de que maneira os ideais de progresso e desenvolvimento difundidos pelo Império repercutiram na província do Piauí. Embora situada em uma região economicamente periférica, a província apresentou tentativas de inserção nos projetos modernizadores oitocentistas, sobretudo por meio de investimentos econômicos, incentivo às atividades comerciais e fortalecimento de grupos ligados às elites mercantis provinciais. Nesse contexto, o trabalho analisa como os discursos de progresso, civilização e modernidade foram mobilizados para legitimar iniciativas de reorganização econômica e administrativa voltadas à integração da província aos interesses do Estado imperial e ao favorecimento de setores economicamente dominantes. Desse modo, propõe-se compreender o Piauí oitocentista não como um espaço plenamente modernizado, mas como uma província marcada por processos parciais e desiguais de modernização, nos quais coexistiam projetos de desenvolvimento, permanências estruturais e profundas desigualdades sociais.

**Palavras-chave:** Piauí oitocentista, Modernização, Progresso imperial, Brasil Império, Século XIX

## 02 – SOBREVIVENDO À SECA, RESISTINDO AO TRABALHO: A EXPERIÊNCIA DOS MIGRANTES NAS OBRAS PÚBLICAS DO PIAUÍ (1877-1879).

*Kátia de Araújo Silva (UFPI)*

**Resumo:** O trabalho examina os trabalhadores e as obras públicas no Piauí, durante a seca de 1877-1879, além da resistência e das estratégias de sobrevivência dos trabalhadores frente à exigência do trabalho imposta pelo governo provincial. A imposição do trabalho constitui numa tática para manter a população pobre e livre sob o controle do Estado Imperial. Como resultado, essas pessoas reagem de maneira distinta, seja recusando-se a trabalhar ou abandonando as obras. As fontes hemerográficas foram utilizadas como metodologia para este artigo, com ênfase nos seguintes jornais, “A Imprensa: Periódico Político (PI)” e “A Época: Órgão Conservador (PI)”, ambos acessados na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Depois de analisar esse material, as informações foram comparadas com os documentos manuscritos, como relatórios e ofícios enviados a presidência da província. Esses documentos fazem parte dos códices/caixas da Comissão de Socorros Públicos das vilas de Piripiri, Piracuruca, Valença e Pedro II, que estão sob a custódia do Arquivo Público do Estado do Piauí. Em relação ao diálogo com a historiografia escolhemos autores que tratam do tema da seca, como Araújo (1991), Monteiro (2016), Silva (2023) e as análises e reflexões de Thompson (1987).

**Palavras-chave:** Trabalho; Obras públicas; Migrantes.

### 03 – DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL NO PIAUÍ OITOCENTISTA.

*Daniel Ferreira Santos (UFPI)*

**Resumo:** No século XIX, o Piauí apresentava uma sociedade marcada por desigualdades sociais e econômicas, com predomínio da população rural e concentração do poder nas elites urbanas e agrárias. Nesse contexto, a educação era restrita e não considerada um direito universal. As primeiras instituições educacionais surgiram de forma limitada, destacando-se o Liceu Piauiense, criado em 1845, principal espaço de ensino secundário da província. O ensino formal possuía caráter elitista, urbano e excludente, voltado à formação dos filhos das classes dominantes, enquanto pobres, indígenas, libertos e escravizados permaneciam afastados da instrução. Além disso, o sistema educacional era frágil, com poucas escolas, falta de recursos e baixo interesse do Estado em ampliar o acesso ao ensino. Nas áreas rurais predominava o ensino informal e familiar, baseado na transmissão de conhecimentos práticos ligados ao trabalho no campo e à sobrevivência. Embora funcional, esse modelo limitava o acesso à cultura letrada e reforçava as desigualdades sociais existentes na província.

**Palavras-chave:** Educação oitocentista; Desigualdade social; Ensino formal e informal.

## 04 – INOVAÇÕES E CONQUISTAS: TECNOLOGIA E TRABALHO NO PIAUÍ OITOCENTISTA.

*José Lins Duarte (UFPI)*

### **Resumo:**

O Brasil, no século XIX, estava passando por mudanças bastante peculiares no campo da modernização tecnológica. Foi um período em que técnicas modernas, equipamentos e máquinas foram introduzidos em algumas localidades, dependendo do nível de prioridade e das influências, visando melhorar e substituir atividades e procedimentos antes considerados rústicos e precários, distantes das inovações em curso em distintos países europeus. Diante disso, ocorreu um processo de mudanças em certos setores, no qual o ferro passou a ocupar o lugar da madeira ou a concorrer com ela, por exemplo. Isso criou problemas, mas ampliou possibilidades, pois abriu espaço para o campo do emprego mais especializado. Nessas circunstâncias, trabalhadores livres passaram a ocupar determinadas funções antes exercidas, em boa parte, por estrangeiros. Cabe destacar a participação de alguns desses profissionais no exercício de seus ofícios e o trajeto de suas ascensões e aprendizados, em diversas categorias, atuando no Piauí oitocentista.

**Palavras-chave:** Trabalhadores livres. Tecnologia. Ofício. Aprendiz.

## 05 – AS DISPOSIÇÕES DOS PLANOS MODERNIZADORES PARA O PIAUÍ NO SÉCULO XIX: ENTRE CONCORDÂNCIAS E CONTROVÉRSIAS.

*Layonara Nanda Jesus Brito (UFPI)*

**Resumo:** A presente análise circunscreve o século XIX no Piauí como um período de transição paradigmática. Durante este intervalo temporal, a elite local empenhou-se em consolidar seus ideais de progresso, visando a superação do isolamento geográfico e a promoção do desenvolvimento socioeconômico com ênfase nas atividades pecuária e agrícola. Além disso, a convergência de interesses dos sujeitos que tinham maior poder aquisitivo manifestou-se no apoio à navegação a vapor no rio Parnaíba e na transferência da capital de Oeiras para Teresina, considerada uma localização estratégica entre dois rios. Entretanto, tal deslocamento deflagrou conflitos de poder e evidenciou a ascensão do grupo social dominante. O projeto inovador em sua essência, revelou-se incompleto e intrinsecamente contraditório, priorizando a economia, a reestruturação política e o controle social em detrimento do bem-estar da população, notadamente durante o período de seca de 1877 a 1879. Conclui-se que a modernização no Piauí se constituiu como um instrumento de reconfiguração do poder nas mãos da nobreza, resultando em tensões latentes entre o anseio por progresso e a persistência da desigualdade social.

**Palavras-chave:** Piauí oitocentista. Transferência de capital. Navegação a vapor. História do Piauí. Modernização.

## 06 – SECA, MIGRAÇÃO E CONTROLE SOCIAL: EXPERIÊNCIAS DOS POBRES LIVRES NO SUL DO PIAUÍ OITOCENTISTA.

*Kércia Andressa Vitoriano Gonçalves (UFPI)*

**Resumo:** A presente pesquisa analisa os impactos da seca no sul da província do Piauí entre os anos de 1877 e 1879, compreendendo-a para além de um fenômeno climático, mas como elemento responsável por profundas transformações sociais, políticas e econômicas na região. O estudo investiga os deslocamentos populacionais motivados pela estiagem, sobretudo de trabalhadores pobres livres em busca de terras e meios de subsistência, evidenciando as dinâmicas sociais produzidas pela crise. Nesse contexto, a pesquisa problematiza as relações estabelecidas entre retirantes, autoridades provinciais e elites locais, que articularam mecanismos de assistência, controle e disciplinarização da mão de obra migrante. A partir da perspectiva da História Social, dialogando com discussões acerca da experiência e da cultura dos sujeitos subalternizados, o estudo analisa os pobres livres enquanto sujeitos históricos, considerando suas práticas culturais, experiências e estratégias de sobrevivência diante das adversidades impostas pela seca. Metodologicamente, a pesquisa fundamenta-se na digitalização e análise de documentos oficiais, relatórios provinciais e correspondências administrativas. Dessa forma, busca-se contribuir para os debates sobre as secas oitocentistas no Nordeste brasileiro, enfatizando seus desdobramentos históricos e sociais para além das interpretações estritamente naturalizantes.

**Palavras-chave:** Seca; Migração; Pobres livres; História Social; Piauí oitocentista.

## 07 – NASCE UMA CAPITAL: O PERIGO DA VADIAGEM NA TERESINA OITOCENTISTA.

*Letícia Teixeira Torres (UFPI)*

**Resumo:** O presente estudo analisa a vadiagem como parte do cotidiano dos homens livres e escravizados na cidade de Teresina, bem como as tentativas do Império e da Província do Piauí em construir a formação de um Estado social moderno através do Código Criminal de 1830, da Lei da Vadiagem e da atuação da polícia durante a segunda metade do século XIX (1852-1889). As principais fontes utilizadas foram o Código Criminal de 1830, os Relatórios de Província e as Cartas da Delegacia de Polícia da capital piauiense. Para tal pesquisa, as principais teorias e metodologias utilizadas são as de Michel Foucault e Michel de Certeau. E buscamos também subsídios na historiografia brasileira especializada em estudos sobre a polícia como instrumento de força disciplinadora como os estudos de Marcos Luiz Bretas e Larissa Biato de Azevedo; e também em pesquisas brasileiras sobre a vadiagem, como os trabalhos de Mairton Celestino da Silva e Walter Fraga Filho.

**Palavras-chave:** História. Vadiagem. Teresina.

## 08 – SOCIEDADE RURAL, ESCRAVIDÃO E ELITES NO SERTÃO PIAUIENSE: REFLEXÕES A PARTIR DA TRAJETÓRIA DE ANTÔNIO COELHO RODRIGUES.

*Beatriz Buenos Aires Firmino (UFPI)*

**Resumo:** Este projeto propõe o estudo das sociedades rurais e das elites do sertão piauiense no século XIX, tendo como eixo central a trajetória de Antônio Coelho Rodrigues, considerado um dos maiores juristas do Piauí. A pesquisa busca compreender como o contexto rural, as relações de poder e o sistema escravocrata influenciaram sua formação intelectual, política e jurídica. Além de analisar sua importância para o cenário político piauiense e nacional, o trabalho também pretende discutir as contradições presentes em sua trajetória, especialmente no que se refere à escravidão, já que Coelho Rodrigues esteve inserido em uma sociedade marcada pelas relações escravistas e pelo domínio das elites agrárias. Nesse contexto, a Fazenda Pedra do Boqueirão, localizada no povoado Torrões, em Picos-PI, será analisada como espaço representativo das dinâmicas econômicas, sociais e escravistas do sertão piauiense, contribuindo para a compreensão da memória histórica e das relações de poder presentes na região.

**Palavras-chave:** Sociedade rural; Escravidão; Antônio Coelho Rodrigues; Elites piauienses; Fazenda Pedra do Boqueirão.

## **09 – ENTRE A FÉ E O BORDADO: EDUCAÇÃO, RELIGIOSIDADE E CONSTRUÇÃO DA FEMINILIDADE ENTRE MULHERES DA ELITE NO BRASIL IMPÉRIO (1840-1889).**

*Maria Eduarda Rodrigues Rocha (UFPI)*

**Resumo:** O artigo Entre a Fé e o Bordado: Educação, Religiosidade e Construção da Feminilidade entre Mulheres da Elite no Brasil Império (1840–1889) foi desenvolvido na disciplina de História do Brasil Império, sob orientação do professor Dr. José Lins Duarte, e analisa os mecanismos que estruturaram os papéis sociais femininos no Brasil Imperial. A pesquisa investiga como a educação feminina, a religiosidade católica e os discursos morais contribuíram para a consolidação da ordem patriarcal oitocentista, especialmente entre as mulheres da elite. Com base em uma abordagem histórico-cultural e em autores como Gilberto Freyre, Mary Del Priore e Roderick J. Barman, o trabalho demonstra que a formação feminina era voltada à construção da mulher ideal: recatada, obediente, religiosa e preparada para o casamento e para a vida doméstica. A educação funcionava como instrumento de disciplina moral e reforço dos valores cristãos, limitando a participação feminina nos espaços públicos. O estudo também evidencia o papel da Igreja Católica no controle social e na legitimação da autoridade masculina dentro da família patriarcal. Entretanto, destaca que, mesmo diante das restrições impostas, as mulheres desenvolveram formas sutis de atuação e agência social, revelando tensões entre normas sociais e experiências vividas no Brasil Império.

**Palavras-chave:** Feminilidade, Mulheres da Elite, Brasil Império.

## 10 – UM OLHAR SOCIAL DO BRASIL: A PARTIR DA PERCEPÇÃO DE MARIA GRAHAM NOS ANOS DE 1821 A 1823.

*Maria Clara da Silva de Sousa (UFPI)*

**Resumo:** A presente proposta de pesquisa possui natureza qualitativa e bibliográfica, e busca não apenas apresentar a figura da autora Maria Graham, mas também analisar criticamente suas percepções sobre o Brasil. De nacionalidade britânica, Maria Graham (1785-1842) esteve no país entre os anos de 1821 a 1823 como esposa de um oficial naval, e mais tarde como tutora da Princesa Maria da Glória futura Rainha de Portugal. O estudo está focado em ponderar como uma estrangeira, observadora perspicaz e escritora, registrou e interpretou uma parte significativa do início do século XIX para o Brasil, um período crucial que culminaria na consolidação de sua independência (1822). A fonte primária para a construção desta análise é o seu notório livro, o “Diário de uma Viagem ao Brasil” *Journal of a Voyage to Brazil, and Residence There, During Part of the Years 1821, 1822, 1823*, publicado em 1824. Através dessa obra, o estudo visa explorar as observações de Graham sobre a sociedade, a política, os costumes e a natureza do país em um momento de profunda transformação.

**Palavras-chave:** Maria Graham, Narrativa de viajantes, Brasil, Independência.

## 11 - DONA LEOPOLDINA: ENTRE A INVISIBILIDADE HISTÓRICA E ATIVA PARTICIPAÇÃO POLÍTICA NO PROCESSO DE INDEPENDÊNCIA DO BRASIL (1817-1826).

*Ana Beatriz Gonçalves da Silva (UFPI)*

**Resumo:** Esse é um tema para o meu projeto de conclusão de curso, onde iniciei a preparação do pré-projeto, no qual falo da importância de Maria Leopoldina de Habsburgo no processo de Independência do Brasil e de como sua participação foi apagada pela história tradicional. Tal pesquisa tem o intuito de mostrar que a Leopoldina não foi apenas uma esposa do Imperador D. Pedro I, mas uma mulher inteligente e preparada intelectualmente e politicamente, que teve, sim, uma participação significativa nas decisões no período da Independência. O objetivo do trabalho é analisar como a história tradicional acabou apagando a participação da Leopoldina por conta do sistema patriarcal, dando destaque somente aos homens. Para isso, serão analisados suas cartas, documentos oficiais e a bibliografia de diferentes autores que retratam a imagem da princesa ao longo do tempo. Já a inovação desse trabalho é justamente trazer uma imagem diferente da historiografia tradicional. Em vez de mostrar a Leopoldina apenas como uma mulher frágil e marcada por traições e problemas conjugais, mostrando a visão dela como uma mulher com protagonismo político, formação intelectual na Corte de Viena e sua participação nas decisões importantes do Império brasileiro. O trabalho também inova ao discutir a presença de mulheres na política do século XIX, onde podemos analisar que o processo de Independência não foi feito apenas por figuras masculinas, mas que contou com mulheres que foram silenciadas ao longo da história.

**Palavras-chave:** Protagonismo político, Maria Leopoldina de Habsburgo, Invisibilidade histórica, Brasil imperial, Participação feminina na política.

## 12 – ENTRE MEMÓRIA E PRESERVAÇÃO: O PATRIMÔNIO HISTÓRICO NO RIO DE JANEIRO DO SÉCULO XIX.

*Francisco Dannel Carvalho de Sousa (UFPI)*

**Resumo:** Este trabalho busca analisar a importância da preservação dos patrimônios materiais históricos no Rio de Janeiro ao longo do século XIX, destacando de que maneira esses bens contribuíram para a construção da cultura, da memória coletiva e da valorização da história brasileira. A pesquisa parte da compreensão de que a memória permanece viva por meio da conservação desses patrimônios, os quais atuam como importantes referências do passado e da formação histórica da sociedade. Nesse sentido, a preservação da memória coletiva e individual por meio dos patrimônios históricos revela-se fundamental para a valorização da identidade cultural e para a manutenção da história social. Esses patrimônios funcionam como marcas do tempo, permitindo que as gerações atuais e futuras compreendam costumes, acontecimentos e transformações ocorridas ao longo da trajetória histórica brasileira. Assim, mais do que estruturas materiais, os patrimônios históricos representam elementos de continuidade entre passado e presente. Portanto, este trabalho contribui para a reflexão acerca da importância da preservação do patrimônio histórico, com ênfase no Rio de Janeiro e na valorização de sua memória cultural ao longo do século XIX. Desse modo, a preservação dos patrimônios históricos fortalece o interesse pela cultura, pela história e pela identidade social, mantendo viva a relação entre as experiências do passado e as gerações futuras.

**Palavras-chave:** Patrimônio Histórico; Rio de Janeiro; Século XIX

### ST 03: História e Arte: teatro e produções audiovisuais

Coordenador: Prof. Dr. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito (UFPI)

#### 01 – “PERNA CABELUDA ATACA OUTRA VEZ”: MEMÓRIA SUBTERRÂNEA, REALISMO FANTÁSTICO E DITADURA EM O AGENTE SECRETO (2025).

*Ananda Theresa Martins Nascimento de Macedo (UFPI)*

*Ludmila dos Santos Gonçalves (UFPI)*

**Resumo:** O presente trabalho analisa o filme “O Agente Secreto” (2025) a partir do problema da memória coletiva sob regimes de exceção, tomando como fio condutor a lenda urbana recifense da Perna Cabeluda, reativada cinematograficamente como dispositivo de elaboração simbólica da violência ditatorial. Com um referencial teórico que articula Pollak (1989), Portelli (2001) e a historiografia recente sobre o regime civil-militar brasileiro, o artigo pretende explorar três dimensões contidas na narrativa fílmica de Kleber Mendonça Filho: os interesses empresariais que sustentaram a ditadura civil-militar, dimensão sistematicamente apagada pela memória hegemônica liberal; a disputa institucional pelo controle do passado; e a Perna Cabeluda como memória subterrânea (Pollak, 1989), que circulou como uma narrativa para preencher o espaço da “não-dita” violência do Estado, condensando o medo difuso da repressão numa imagem fragmentada que o filme materializa como realismo fantástico. Da bocarra de um tubarão ao ataque em praças públicas, o filme ressignifica-a como sintoma de uma história traumática que, silenciada oficialmente, assombra o presente. Assim, propõe-se uma reflexão sobre como o fantástico e o arquivístico se entrelaçam para denunciar as estruturas de poder que ainda reivindicam o controle sobre a narrativa histórica brasileira.

**Palavras-chave:** Memória; Controle de narrativa; Ditadura; O Agente Secreto.

## 02 – AS LENTES DO SUPER-8 SOB AS TERRAS DE COCAIS: COCO AMARGO (1981) E AS EXPERIÊNCIAS DE TRABALHADORAS NO INTERIOR DO MARANHÃO.

*Andre Guilherme Silva Fonseca (UFPI)*

**Resumo:** Inserido no contexto de ascensão da utilização da câmera Super-8 pela juventude ludovicense, em meados da década de 1970, como ferramenta para a produção de filmes de caráter documental, o presente trabalho se propõe a analisar o curta-metragem “Coco Amargo (1981)” como lente para o estudo do cotidiano árduo das quebradeiras de coco do interior do estado do Maranhão. A produção, liderada por João Mendes Sampaio, foi realizada no ano de 1980 com o viés de denúncia da miséria e do descaso em relação às tensões e violências vividas por trabalhadoras nas áreas dos babaçuais no Maranhão, ilustrando a corriqueira invasão de propriedades privadas para a coleta do babaçu e o processo até a subsequente troca de amêndoas por provisões para garantirem a sobrevivência familiar ameaçada pela pobreza. O trabalho analisa, portanto, o filme “Coco Amargo (1981)”, e toma como principais referências Leide Ana Oliveira Caldas, Fábio Leonardo Castelo Branco Brito, Gabriel Bandeira Alexandre, Renato Luiz Pucci Jr. e Bernardo Pereira de Sá Filho.

**Palavras-chave:** História, Super-8, São Luís.

### 03 – OS USOS DO PASSADO NO DOCUMENTÁRIO “A ÚLTIMA CRUZADA” DA BRASIL PARALELO.

*Carlos Eduardo da Silva Mendes (UFPI)*

*João Paulo Charrone (UFPI)*

**Resumo:** Este trabalho analisa a atuação da empresa Brasil Paralelo na construção e disseminação de narrativas revisionistas sobre a história brasileira, com destaque para o documentário Brasil: A Última Cruzada (2017). O estudo adotou uma abordagem qualitativa, baseada em revisão bibliográfica e análise documental do conteúdo audiovisual, considerando elementos como cinematografia, discurso, seleção de entrevistados, referências utilizadas e estratégias de marketing. O referencial teórico dialoga com autores que discutem revisionismo histórico, negacionismo, extrema-direita, think tanks e o papel das plataformas digitais na formação da opinião pública. Os resultados evidenciam que a Brasil Paralelo constrói uma narrativa pautada em valores ultraconservadores, nacionalistas e patriarcais, apresentando a história como uma verdade única e imutável. Observou-se também o uso de estratégias audiovisuais que reforçam a sensação de autenticidade e credibilidade, contribuindo para a disseminação de discursos que deslegitimam a produção acadêmica e fortalecem interpretações seletivas do passado. Conclui-se que a empresa atua como agente de disputa simbólica no campo da História Pública, influenciando a memória coletiva e ampliando a circulação de discursos alinhados à extrema-direita contemporânea.

**Palavras-chave:** Negacionismo; Brasil Paralelo; História; Usos do passado.

**04 - “A CONVICÇÃO DE QUE A MELHOR FORMA DE APREENDER A REALIDADE BRASILEIRA SÓ PODERIA SER ATRAVÉS DE FILMES DOCUMENTÁRIOS”: THOMAZ FARKAS E A CONFIGURAÇÃO DO CINEMA DOCUMENTÁRIO NO BRASIL (1954-1981).**

*Fábio Leonardo Castelo Branco Brito (UFPI)*

**Resumo:** O projeto objetiva um estudo histórico, a pretexto do fotógrafo e cineasta húngaro-brasileiro Thomaz Jorge Farkas, da cultura visual no Brasil entre as décadas de 1950 e 1980. Tomando os fragmentos de registros escritos de Farkas e sobre ele em jornais como a Folha de S. Paulo e outros veículos de comunicação impressa, entrevistas e, principalmente, os filmes produzidos pelo grupo que seria, a posteriori, nomeado como “Caravana Farkas”, busca-se compreender as condições de existir no Brasil da segunda metade do século XX, sobretudo a experiência democrática e ditatorial e as vanguardas culturais que mobilizaram as letras e as artes no país, com as quais Farkas e seu grupo dialogaram.

**Palavras-chave:** História; Cultura; Thomaz Farkas; Cinema; Visualidades.

**05 – O CINEMA COMO ESPAÇO DE RESISTÊNCIA E MEMÓRIA: UMA ANÁLISE DO FILME “AINDA ESTOU AQUI” NA COMPREENSÃO DA DITADURA-MILITAR ENTRE O PERÍODO DE 1968-1975.**

*Leticia Araújo de Sousa (UFPI)*

**Resumo:** Este estudo dedica-se à análise do filme ‘Ainda estou aqui’, dirigido pelo cineasta Walter Salles. A trama desenvolve-se durante a ditadura militar brasileira, situando-se especificamente no início da década de 1970. Sua narrativa fundamenta-se em fatos reais, centrando-se na trajetória da família do ex-deputado Rubens Paiva que, apesar de ter tido seu mandato cassado em 1964, mantinha-se engajado em articulações políticas. Após a interceptação de correspondências de militantes exilados no Chile destinadas ao seu endereço, Paiva foi conduzido para interrogatório pelos militares, tornando-se, posteriormente, um desaparecido político. Esta pesquisa encarrega-se do exame deste período histórico através da produção fílmica e da experiência familiar retratada, propondo uma investigação sobre as perspectivas de memória legadas por esta obra. Analisa-se como o filme atua na preservação da memória coletiva e no enfrentamento do esquecimento institucional, consolidando o cinema como um espaço vital de testemunho e reparação histórica.”

**Palavras-chave:** História – Cinema -Ditadura- militar – Memória.

## 06 – ENTRE A “MARGEM E O CENTRO: A TRAJETÓRIA DE KÁTIA NOGUEIRA TAPETY.

*Diego da Silva Sousa (UFPI)*

**Resumo:** O presente trabalho tem como alvo de estudo os relatos de vida e as experiências políticas de Kátia Nogueira Tapety, presentes no filme “Kátia” (2012) da diretora Karla Holanda, assim como os relatos orais realizados com Kátia Nogueira Tapety a partir de entrevistas concedidas por ela. A pesquisa busca compreender como grupos LGBTs foram e/ou são invisibilizados socialmente, além de refletir sobre os impactos que esta prática causa à efetiva garantia dos seus direitos e da sua cidadania. Será ressaltado ao longo deste projeto as singularidades que permeiam a vida de Kátia Nogueira Tapety durante os seus mandatos municipais na cidade de Colônia do Piauí (1992-2008). Respectivamente sendo três vezes eleita vereadora (1992; 1996 e 2000) e uma vez vice-prefeita (2004). Busca-se através da análise, compreender o contexto social conservador presente no início do século XXI, dando ênfase a concepção de ‘sub-representação’ e de “Transgressão” que permeia e atinge negativamente estes grupos, justamente por fugirem às “normas heterossexuais” socialmente impostas.

**Palavras-chave:** Política institucional; Cidadania; Colônia-PI; Kátia Tapety.

## 07 – ENTRE PALCOS E CENSORES: A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA CENSURA TEATRAL NO RIO DE JANEIRO DURANTE O GOVERNO VARGAS (1930–1939).

*Pedro Paulo Machado (UFPI)*

**Resumo:** A pesquisa busca necessariamente analisar o teatro carioca através da reformulação da máquina burocrática do estado, introduzida pelo regime de Vargas, fundamentadas em análises de fontes oficiais regulamentos, decretos e leis, hemerográficas, jornais e periódicos de época e policiais, originais de espetáculos analisados e anotados pelas autoridades policiais durante o processo censório. A pesquisa também situará o cenário teatral dentre os anos selecionados, pautados por Angélica Ricci Camargo (2013), que demonstra que o teatro foi transformado em um objeto de interesse no Regime Varguista em 1930, institucionalizou o processo de censura e cultura no Brasil. A pesquisa trata de uma análise bibliográfica e documental, baseada na metodologia de Tania Regina de Luca (2006), que é especialista no trato da imprensa como fonte da pesquisa historiográfica. Utilizando como base os arquivos presentes nos acervos da Fundação Biblioteca Nacional, Biblioteca do Senado e sites governamental, ambientados no Rio de Janeiro e São Paulo em meados do século XX, baseada exclusivamente na lei Getúlio Vargas, decreto Nº 19.398, de 11 de novembro de 1930, que institui o governo provisório, estabelece uma reorganização constituinte, impõe interventores estaduais e centraliza o poder no chefe do governo provisório.

**Palavras-chave:** Institucionalização, Regime-Varguista, Censura-Teatral.

## 08 – ARTE, MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO: EXPERIÊNCIAS DO GRUPO TEATRAL TEMPUS EM 2019.

*Maria Edwirges de Jesus Sá (UFPI)*  
*Raimundo Nonato Lima dos Santos (UFPI)*

**Resumo:** O trabalho analisa as atividades produzidas pelo Grupo Teatral TEMPUS (Teatro Experimental Universitário em Estudos Históricos), no âmbito da Universidade Federal do Piauí/Campus Senador Helvídio Nunes de Barros (UFPI/CSHNB), no ano de 2019. Para tanto, tomamos como mote a peça “A energia que vem do povo”, observando, em sua produção e apresentações, a interação entre atores, texto e público. Assim, o estudo tem como fontes relatos orais, registros imagéticos e o texto da referida peça, bem como as reflexões teóricas de Michel de Certeau (2009), para discutir as práticas; Roger Chartier (2002), para pensar as representações; Aleida Assmann (2011), para abordar a memória; Sandra Jatahy Pesavento (2007), para refletir sobre cidades; e Sábado Magaldi (1994), para tratar de teatro. Portanto, investigamos, por meio das apresentações da turnê, as experiências com a performance e a relação entre teatro e memória.

**Palavras-chave:** História. Teatro. Memória. Cidade. Grupo TEMPUS.

## 09 – O VOOD DA “BRABULETA”: REPRESENTAÇÕES DO NORDESTE PIAUIENSE NA NOVELA CHEIAS DE CHARME (2012).

*Milena de Barros Lima (UFPI)*

**Resumo:** O presente trabalho discute a representação do Nordeste piauiense a partir da novela *Cheias de Charme* (2012), da Rede Globo de Televisão e a forma como o Piauí é representado na teledramaturgia brasileira. A pesquisa parte do pressuposto de que essas representações reforçam estereótipos negativos da identidade piauiense, como atraso, ignorância e vulgaridade e, fazem uso do humor como ferramenta para disfarçar e reproduzir preconceitos. O processo investigativo tem como base empírica a referida novela, entrevistas e matérias jornalísticas sobre essa produção audiovisual, comentários sobre esse folhetim televisivo na Internet, em redes sociais como Youtube, Facebook e Instagram. Este estudo discute os conceitos de *representação*, dialogando com Roger Chartier (1990), *humor*, dialogando com Freud (2017) e Bergson (1983), além de investigar a *recepção* do público, por meio das reflexões de Eco (2015). O estudo se insere no campo da história cultural e utiliza métodos qualitativos baseados na análise do discurso e na semiótica social. Conclui-se que, embora apresente elementos da cultura nordestina, a narrativa tende a simplificar e caricaturar o Piauí, contribuindo para a manutenção de estigmas no imaginário social e disputas de sentido por parte do público.

**Palavras-chave:** História Cultural; *Cheias de Charme*; Identidade piauiense; Recepção do público.

## 10 – INDÚSTRIA CULTURAL, ESTADO E CONTROLE SIMBÓLICO NAS TELENÓVELAS DA DÉCADA DE 1970.

*Shallana Victoria Barbosa Araujo (UFPI)*

**Resumo:** Um mundo novo instalado no centro da sala. Assim a televisão se apresentou ao cotidiano dos brasileiros na década de 1960, quando esta se consolidou como um dos principais meios de comunicação de massa no país. Durante a ditadura militar, em especial os anos 1970, – período em que a telenovela se firma como o produto televisivo mais assistido no Brasil –, esse processo se intensificou. Diante disso, fundamentando-se nos conceitos de Indústria Cultural (Adorno; Horkheimer) e na interpretação de identidade e cultura nacional (Ortiz, 1985), esta pesquisa analisa relatórios do Serviço Nacional de Informações (SNI) acerca do monitoramento de supostas “infiltrações” e mensagens de teor transgressor no campo da teledramaturgia brasileira. Apoiada nas reflexões de Hamburger (2005) e Napolitano (2001), o estudo busca compreender a telenovela um complexo campo de negociação simbólica, onde o controle institucional enfrentava fissuras, subjetividades e discursos de resistência velada que desafiavam a moralidade oficial da modernização autoritária.

**Palavras-chave:** Telenovela; Indústria Cultural; Controle Simbólico.

## ST 04: História, Literatura e Música

**Coordenadores: Prof. Dr. Fernando Muratori (UFPI) e Prof. Dr. Ronyere Ferreira da Silva (UFPI)**

### **01 – AGRONEGÓCIO MUSICAL: REPRESENTAÇÕES DO MEIO RURAL E DO CAMPESINATO NA MÚSICA SERTANEJA DENTRO DA INDÚSTRIA CULTURAL.**

*Ana Caroline Rodrigues da Silva (UFPI)*

*Teresa Geovana Fernandes de Carvalho (UFPI)*

**Resumo:** A apresentação deste trabalho tem como por objetivo, explicar as profundas articulações entre o avanço do agronegócio, o processo de globalização, neoliberalismo e as transformações no cenário da música sertaneja a partir da década de 1980 até o ano de 2020. Partiremos da premissa de que o agronegócio não deve ser compreendido unicamente como um setor econômico de produção midiática, mas sim como um setor que abrange projetos de hegemonia cultural e ideológica, demonstrando como o setor apropria-se de símbolos e expressões populares para fabricar consensos, suavizar as contradições sociais e naturalizar as novas relações de poder dentro do campesinato brasileiro. Teremos como objetivo analisar como a chamada “modernização conservadora” reestruturou as representações do meio rural dentro dos mecanismos da indústria cultural, investigando como a música sertaneja, em sua transição do modelo que é popularmente chamado de “raiz” para vertentes como a de rodeio, passou a atuar como um espaço de mediação simbólica, convertendo a experiência histórica do trabalhador rural em um produto de consumo massificado para os grandes centros urbanos. As análises de canções demonstram como a música sertaneja tornou-se um campo de disputas de narrativas, de um lado, canções que apresentam registros de trauma do êxodo rural, da marginalização do sujeito do campo, que perde sua identidade dentro do espaço urbano, de forma análoga, discutiremos como outras canções utilizam-se de uma estética sofisticada, para narrar

tragédias decorrentes de desigualdades raciais e de classe, evidenciando que a modernização agrícola não superou as violências estruturais do país. O campo passou por enormes reformulações através da medida em que o agronegócio ia avançando no cenário econômico e mundial, aproveitando das novas políticas neoliberais, que fortaleciam esse acúmulo de capital e monopolização dos meios de produção, só que todavia, essa influência ultrapassou as barreiras da realidade campestre para se fazer presente na sociedade contemporânea por meio das influências presente na indústria cultural, que compreende esse movimento das massas sociais em que existe essa exploração dos interesses capitais e do comércio pela música. No momento em que houve a chama globalização se tornou mais fácil uma distribuição de ideias mundo a fora e os meios de comunicação não ficaram para trás nesse aspecto, também evoluíram junto, especialmente o rádio e a televisão. Esses que foram muito importantes para formar uma espécie de identificação social nas pessoas, e é nesse contexto que as propagandas do agronegócio começam um trabalho massivo em se tornarem constantes e chegando até mesmo adquirirem caráter apelativo na intencionalidade de buscar nos telespectadores uma aceitação. A padronização de representações, da música ou até mesmo de figuras que estão a frente nesse movimento de contrarrevolução estética do gênero sertanejo não passa despercebido por aqueles que se debruçam por essa temática. É com esse intuito que a pesquisa surge, de mapear, analisar e debater sobre a forma como não apenas a música foi se transformando durante os anos, mas como houve toda uma exploração dos significados que o sertanejo possuía para houvesse então uma nova face para este.

**Palavras-chave:** Agronegócio, Indústria Cultural, Música Sertaneja, Neoliberalismo, Campesinato.

## 02 – PIFEIROS E CULTURA POPULAR NO PIAUÍ.

*Natanael Kennedy Silva (UFPI)*

**Resumo:** O trabalho, o qual vem sendo desenvolvido no PPGHB/UFPI em nível de mestrado, aborda a cultura popular no Piauí tomando como referência empírica a banda de pífanos Banda de Pífanos Caju Pinga Fogo. A tradição do pífano – ou pife, como se popularizou no nordeste do Brasil – é tradicionalmente rural e está intimamente ligada às experiências culturais construídas em torno desse instrumento. A Pinga Fogo, entretanto, desloca essa tradição na medida em que se formou e se popularizou em Teresina, capital e maior centro urbano do estado do Piauí. Operando com a noção de *cultura ordinária*, de Michel de Certeau (2008) e com a ideia de *fronteiras culturais* de Homi K. Bhabha (1998), este trabalho olha para esse universo não só pelos objetos culturais em si, mas principalmente pelos usos que os sujeitos históricos fazem deles no cotidiano. A proposta é entender como uma manifestação tradicionalmente ligada ao meio rural se reinventa nos espaços urbanos, passando por universidades e eventos culturais, além de refletir sobre as formas de ensino do instrumento.

**Palavras-chave:** História do Brasil; Cultura popular; Pífanos.

### 03 – “FAÇA VOCÊ MESMO” (DIY): CONSTITUIÇÃO DE ARQUIVO DIGITAL SOBRE A CONTRACULTURA PUNK-ROCK ANARQUISTA (DÉCADAS DE 1980 E 1990).

*Itallo Matheus de Sousa Reis (UFPI)*

**Resumo:** O campo de estudos sobre arte e cultura marginal no Piauí é uma das linhas de pesquisa mais ricas e que cada vez mais demandam de repositórios digitais que democratizem o acesso a documentos históricos que nos mostrem a existência desses movimentos. Nesse cenário, este projeto propõe a constituição de um arquivo digital focado exclusivamente nos fanzines como os personagens principais da contracultura marginal das décadas de 1980 e 1990, tendo como base o valioso acervo salvaguardado pelo professor Edwar de Alencar Castelo Branco. Como publicações artesanais, marginais e independentes, os fanzines foram uma das formas de protagonismo da resistência jovem underground e da experimentação estética, configurando um campo que demanda uma análise profunda vasto e ainda carente de catalogação. Esta pesquisa visa suprir essa lacuna ao digitalizar, catalogar e disponibilizar em formato de sítio eletrônico (site) esse rico material de imprensa alternativa, que funcionou como um circulador de ideias e produções literárias e visuais da juventude punk-rock anarquista no final do século XX. O objetivo geral é estruturar esse repositório virtual para preservar e difundir a memória gráfica e contestadora dos fanzines, enquanto os objetivos específicos envolvem o estudo metodológico da História Digital, a higienização física do acervo do professor Edwar e a construção do catálogo na internet. Metodologicamente, a pesquisa ampara-se nos paradigmas da História Digital.

**Palavras-chave:** Fanzines; Contracultura; História Digital; Faça Você Mesmo (DIY); Teresina.

## 04 - ENTRE A MODERNIDADE E A PÓS-MODERNIDADE: EXPERIÊNCIA TEMPORAL E SUBJETIVIDADE EM ÁGUA VIVA.

*Natanael da Silva Cardoso (UFPI)*

**Resumo:** O presente trabalho propõe uma análise histórico-cultural de *Água Viva*, de Clarice Lispector, tomando a obra como expressão das transformações da experiência subjetiva e temporal no contexto de transição da modernidade para a pós-modernidade no Brasil, entre as décadas de 1960 e 1970. Partindo das contribuições teóricas do pós-estruturalismo e da História Cultural, busca-se compreender como a narrativa fragmentária, a recusa da linearidade temporal e a centralidade do instante presentes na obra dialogam com a crise das concepções modernas de sujeito, representação e historicidade. Metodologicamente, o trabalho articula literatura e História a partir das noções de descontinuidade histórica e subjetivação em Michel Foucault, bem como das concepções de intensidade, devir e afecto em Gilles Deleuze. Dialoga ainda com as discussões sobre pós-modernidade em Jean-François Lyotard e sobre identidade fragmentada em Stuart Hall. Argumenta-se que *Água Viva* pode ser compreendida como documento sensível das mutações culturais e epistemológicas da contemporaneidade, evidenciando a emergência de novas formas de percepção do tempo e da subjetividade

**Palavras-chave:** História; Literatura; Transição Temporal.

## 05 – OS REFLEXOS DE UMA JUVENTUDE HOMOSSEXUAL ESTADUNIDENSE DA DÉCADA DE 1980 NAS OBRAS DE BENJAMIN ALIRE SÁENZ.

*Francisco Ailton da Silva Pereira (UFPI)*

**Resumo:** As obras literárias, por muito tempo, não foram percebidas como um objeto factível a uma análise crítica sobre as perspectivas sociais, políticase,principalmente,históricaspresentenasociedade.Nesse sentido, este trabalho, apropriando-se do campo historiográfico da relação entre a História e a Literatura e do conceito de representação, tem por objetivo analisar as duas obras sequenciais do escritor e professor americano Benjamin Alire Sáenz, sendo essas “Aristóteles e Dante Descubrem os Segredos do Universo” (2012) e “Aristóteles e Dante Mergulham nas Águas do Mundo” (2021), dilacerando-as a partir da compreensão dessas como um objeto de análise e retrato acerca da juventude homossexual dos Estados Unidos da década de 1980, essa marcada por um forte dinamismo político-social e inserida em múltiplas e plurais identidades configurantes de uma sociedade que, ao mesmo tempo em que se define como singular, é projetada pelo sentido comunitário em si. Durante a narrativa destes dois livros de Benjamin, é possível perceber que este se alinha muito com algumas questões políticas-sociais que se fazem presentes durante a década de 1980 no território estadunidense, como, por exemplo, a grande efervescência da pandemia de HIV e AIDS, que será um fato crucial determinante e modificador das relações identitárias dos jovens dessa época. Para além disso, os livros chamam atenção para com a atuação das instituições sociais, como o Estado e a Igreja, que foram agentes fulcrais para o fomento de discursos que discriminaram e apontaram a homossexualidade como problema social, sendo-lhe culpabilizada a disseminação do vírus HIV e, conseqüentemente, ocorrência da AIDS. Dessa forma, a partir de tais realidades será analisado o impacto desses fatores político-sociais na construção e entendimento da identidade dos jovens homossexuais dos Estados Unidos ao longo da década de 1980, tomando como base a representação proposta por Sáenz em suas obras.

**Palavras-chave:** Juventude. Homossexualidade. História. Literatura.

## **01 – OS CONSELHOS DE CHURCHILL E OS LIMITES DO MULTILATERALISMO ATUAL.**

*Natanael Luís dos Santos Nobre (UFPI)*

**Resumo:** O atual cenário internacional tem sido marcado pelo esvaziamento e impotência das organizações multilaterais - semelhante ao cenário de cem anos atrás, em 1926, quando o Brasil se retirou da Liga das Nações - constituídas em meados do século XX para tentar organizar o mundo e evitar novos embates entre grandes potências que possam levar a conflitos mundiais. Porém, essas organizações têm sido incapazes tanto de corrigir as injustiças econômicas e assegurar, incentivar ou acelerar o desenvolvimento das nações periféricas quanto de parar os conflitos no Leste Europeu, Oriente Médio e outros conflitos menores e mais breves, já resolvidos. Para compreender a situação contemporânea e suas tendências pode-se analisar as rupturas e permanências entre a Liga das Nações e a Organização das Nações Unidas e, além disso, comparar sua estrutura com outras propostas do mesmo período. Nessa tarefa, o presente estudo analisará as memórias do Primeiro-Ministro Inglês Winston Churchill entre 1941 e 1945 - também o epílogo e outros trechos escritos durante os anos 1950 -, destacando sua percepção sobre os mecanismos propostos para essas organizações e as motivações deles, suas críticas ao modelo implementado - que perdura até hoje -, as contradições do autor, suas propostas alternativas para o sistema internacional, assim como alertar para as tendências preocupantes do atual cenário e sugerir o resgate de algumas iniciativas

**Palavras-chave:** Multilateralismo, Crise, Winston Churchill, Organização das Nações Unidas.

## 02 – DE “CORAÇÃO VALENTE” À “PRESIDENTA DA REPÚBLICA”: REPRESENTAÇÕES DE DILMA ROUSSEFF NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2010 E 2014.

*Sophia Rodrigues Moreira* (UESPI)

*Valério Rosa de Negreiros* (UESPI)

**Resumo:** Este trabalho, intitulado “De ‘Coração Valente’ à ‘Presidenta da República’: representações de Dilma Rousseff nas eleições presidenciais de 2010 e 2014” investiga, sob uma perspectiva histórica, como a trajetória militante de Dilma Rousseff durante a ditadura civil-militar brasileira foi transformada em elemento central na construção de sua identidade política no período democrático, especialmente nas campanhas eleitorais que a levaram à Presidência da República, partindo da compreensão de que o processo eleitoral constitui um espaço privilegiado de produção simbólica, no qual biografias são reinterpretadas, memórias são mobilizadas e identidades políticas são estrategicamente construídas em diálogo com expectativas sociais e disputas ideológicas, nesse sentido, a experiência de militância, prisão e tortura vivenciada por Dilma nos anos 1970 deixa de ser apenas um dado biográfico e passa a operar como recurso narrativo, sendo acionada tanto para legitimar sua imagem como liderança resistente e comprometida com a democracia quanto para questionar sua adequação ao cargo, evidenciando um processo contínuo de ressignificação de sua trajetória, o que permite compreender que a memória da ditadura não é estática, mas constantemente reatualizada conforme interesses políticos e disputas discursivas no tempo presente, a pesquisa adota como eixo teórico a articulação entre história política, memória social, estudos de gênero e teoria do discurso, permitindo uma leitura mais complexa das formas pelas quais identidades são construídas, disputadas e naturalizadas no campo político, nesse sentido, as contribuições de Jacques Le Goff e Michael Pollak são mobilizadas para pensar a memória como um campo de disputas, marcado por silenciamentos e enquadramentos que refletem relações de poder, possibilitando compreender como a trajetória de Dilma foi apropriada

por diferentes atores de maneira seletiva e estratégica, ao mesmo tempo, a perspectiva de Joan Scott orienta a análise do gênero como categoria estruturante das relações sociais, evidenciando que a construção da imagem de Dilma esteve profundamente atravessada por expectativas e estereótipos relacionados ao feminino, o que contribuiu tanto para sua afirmação quanto para sua deslegitimação no cenário político, já a teoria discursiva de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe oferece suporte para compreender a identidade política como uma construção contingente, resultante de articulações simbólicas e disputas hegemônicas, permitindo analisar como diferentes discursos buscaram fixar sentidos sobre a figura de Dilma Rousseff, ora enfatizando sua coragem e resistência, ora associando sua militância a aspectos negativos, além disso, as reflexões de Wilson Gomes sobre comunicação política contribuem para compreender o papel do marketing eleitoral e da mídia na organização dessas narrativas, destacando como a construção da imagem pública depende de estratégias que articulam elementos biográficos com demandas simbólicas do eleitorado, no plano metodológico, a pesquisa se estrutura a partir de uma abordagem histórico-documental, com ênfase na análise qualitativa de fontes diversas, incluindo propagandas eleitorais, discursos oficiais, materiais de campanha, entrevistas, reportagens e conteúdos audiovisuais, privilegiando o ambiente digital como espaço de circulação e disputa de narrativas políticas, a organização e interpretação dessas fontes seguem a proposta de José D'Assunção Barros, que orienta a análise a partir dos critérios de posição, qualidade, intencionalidade e serialidade, o que permite não apenas classificar os documentos, mas também problematizar suas condições de produção, seus objetivos e suas inserções em séries discursivas mais amplas, contribuindo para uma leitura mais crítica e contextualizada, além disso, a pesquisa articula procedimentos de levantamento bibliográfico, mapeamento de fontes, fichamento e análise interpretativa, buscando construir uma documentação analítica capaz de evidenciar padrões, recorrências e deslocamentos nas representações de Dilma Rousseff ao longo das campanhas de 2010 e 2014, os resultados preliminares indicam que a trajetória militante de Dilma foi mobilizada de forma mais controlada e estratégica em 2010, quando sua candidatura estava fortemente associada à figura de Luiz Inácio Lula da Silva, sendo apresentada como continuidade de um projeto político consolidado,

o que contribuiu para suavizar possíveis resistências relacionadas ao seu passado e enfatizar atributos como competência administrativa e confiabilidade, nesse contexto, sua militância aparece de maneira mais indireta, funcionando como elemento de legitimidade histórica, mas sem ocupar o centro da narrativa, já na campanha de 2014 observa-se uma inflexão significativa, marcada por um cenário de maior polarização política e intensificação das disputas simbólicas, no qual sua trajetória passa a ser mais diretamente acionada, tanto por sua própria campanha, que a apresenta como “combatente” e “sobrevivente”, quanto por adversários, que buscam ressignificar esse passado de maneira negativa, associando-o à radicalização e à instabilidade, evidenciando um processo mais explícito de disputa pela memória da ditadura e pelos sentidos atribuídos à militância de esquerda, outro aspecto relevante identificado diz respeito à centralidade do gênero na construção dessas representações, uma vez que Dilma Rousseff, ao ocupar um espaço historicamente masculino, teve sua imagem constantemente atravessada por discursos que questionavam sua postura, seu comportamento e sua capacidade de liderança, revelando que, para além das disputas ideológicas, há também uma dimensão simbólica relacionada às desigualdades de gênero que influencia diretamente a forma como lideranças femininas são percebidas e avaliadas, ao mesmo tempo, sua campanha buscou ressignificar esses elementos, articulando atributos tradicionalmente associados ao masculino, como firmeza e autoridade, com aspectos relacionados ao cuidado e à sensibilidade, construindo uma identidade política híbrida que dialogasse com diferentes expectativas sociais, nesse processo, torna-se evidente que a construção da imagem de Dilma Rousseff não se deu de forma linear ou homogênea, mas resultou de um conjunto complexo de negociações, disputas e reinterpretações, nas quais memória, gênero e estratégia política se entrelaçam, a análise também evidencia o papel central da mídia na circulação e reconfiguração dessas narrativas, atuando tanto como espaço de reprodução quanto de contestação de sentidos, contribuindo para amplificar determinadas representações em detrimento de outras, por fim, a pesquisa demonstra que a trajetória de Dilma Rousseff, longe de ser apenas um elemento biográfico, constitui um campo privilegiado para a análise das relações entre passado e presente, permitindo compreender como a memória da ditadura civil-

militar continua a influenciar o debate político contemporâneo no Brasil, ao mesmo tempo em que evidencia os desafios enfrentados por mulheres na construção de suas identidades políticas em contextos marcados por desigualdades históricas, desse modo, o estudo contribui para os debates historiográficos sobre memória, identidade e gênero, ao oferecer uma análise que articula diferentes dimensões do processo político e evidencia a importância de se compreender a história como um campo de disputas simbólicas em permanente construção.

**Palavras-chave:** História; Dilma Rousseff; Ditadura civil-militar; Memória; Representações políticas.

### 03 – PETRÔNIO & ALBERTO REVISITADOS: SUJEITOS, TRAJETÓRIAS E ESCRITA DA HISTÓRIA.

*Jônatas Lincoln Rocha Franco (UFPI)*

**Resumo:** O presente texto constitui um exercício de reflexão historiográfica que toma as trajetórias de Petrônio Portela e Alberto Tavares Silva como eixo central de análise. Ambos exerceram intensa atuação no cenário político piauiense ao longo de diferentes décadas, ocupando cargos de destaque na política estadual e nacional. Petrônio Portela foi prefeito de Teresina (1959-1963), governador do Piauí (1963-1966) e Ministro da Justiça do Brasil (1979-1980), destacando-se ainda como articulador da chamada Missão Portela, iniciativa voltada para o processo de abertura política e redemocratização do país. Já Alberto Tavares Silva exerceu por duas vezes os cargos de prefeito de Parnaíba (1948-1951; 1955-1959) e governador do Piauí (1971-1975; 1987-1991), além de desempenhar outras funções eletivas ao longo de sua trajetória pública. As biografias desses sujeitos, escritas pelo jornalista Zózimo Tavares, são mobilizadas como suporte empírico para discutir as potencialidades da biografia enquanto possibilidade metodológica para a pesquisa histórica, especialmente no campo da História Política. Busca-se, igualmente, compreender os contextos históricos, as redes de poder e as dinâmicas políticas nas quais tais personagens estiveram inseridos, considerando as relações entre memória, narrativa e construção historiográfica. Do ponto de vista teórico-metodológico, o trabalho dialoga com autores como Philippe Artières, Giovanni Levi, Pierre Bourdieu e Benito Bisso Schmidt, cujas contribuições permitem problematizar os usos da biografia, os limites da escrita de si e as relações entre indivíduo e sociedade na produção do conhecimento histórico.

**Palavras-chave:** Biografias. História. Petrônio Portela. Alberto Silva.

**04 – EMÍLIO GARRASTAZU MÉDICI, O “TORCEDOR NÚMERO UM”: FUTEBOL, PROPAGANDA E PODER NA DITADURA MILITAR BRASILEIRA (1969-1974).**

*Lucas Vinícius Lima de Viveiros (UFPI)*

**Resumo:** O presente trabalho analisa a instrumentalização do futebol durante a ditadura militar brasileira, com ênfase no governo de Emílio Garrastazu Médici (1969–1974). Examina-se como o esporte foi incorporado ao discurso do “Brasil Grande” e utilizado como mecanismo de legitimação política, sobretudo a partir da Copa do Mundo de 1970. A construção da imagem de Médici como líder simples, patriota e apaixonado por futebol — o chamado “torcedor número um do Brasil” — articulou-se com estratégias de propaganda estatal coordenadas pela Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP), bem como com a ampla cobertura midiática do tricampeonato mundial. O artigo discute ainda a interferência política na seleção brasileira, a militarização da preparação esportiva e a conversão da euforia popular em sustentação pública do regime.

**Palavras-chave:** Ditadura Militar; Futebol e Política; Copa de 1970; Propaganda; Emílio Garrastazu Médici.

**05 – LUTAS DO PASSADO, FANTASMAS DO PRESENTE: A ATUAÇÃO DOS COLETIVOS ESTUDANTIS CONTRA O GOLPE DE 2016 E O LEGADO DA RESISTÊNCIA À DITADURA (2015-2018).**

*Vitor Gabriel Bezerra Arrais (UFPI)*

*Cláudia Cristina da Silva Fontineles(UFPI)*

**Resumo:** O presente trabalho almeja investigar a atuação do movimento estudantil na política brasileira entre 2015 e 2018, com ênfase nas mobilizações contrárias ao golpe jurídico-midiático de 2016 e às medidas neoliberais do período que o sucede, como a PEC 241/2016 (Novo Regime Fiscal), a PEC 55/2016 (Teto de Gastos) e a Reforma Trabalhista de 2017, expressas em matérias virtuais nos *websites* da UNE e de coletivos políticos juvenis. Os estudantes brasileiros, nesse período, promoveram protestos e reivindicaram a manutenção de direitos em ameaça. Por uma análise prévia das fontes midiáticas sobre os movimentos sociais e as forças reacionárias no período, percebe-se uma operação de memória sobre a Ditadura Militar de distintos vieses. Ao passo em que o movimento estudantil aciona sua memória de resistência à opressão e autoritarismo do regime (1964-1985), os políticos e os apoiadores da extrema direita usam de revisionismo e negacionismo histórico para vangloriar os feitos ditatoriais e legitimar práticas autoritárias. Estudos prévios como as teses e dissertações de A. Muller (2010), G. Lacerda (2015), A. Sudário (2015), S. Everton (2018) e M. Rodrigues (2021) permitem ponderar a conexão entre esses tempos históricos e a sua presença estudantil. Admite-se utilizar, para tais fins, de reflexões teóricas de R. Rémond (2018), M. Castells (2013), N. Viana (2020), L. M. Schwarcz (2019), dentre outros, e a metodologia qualitativa de fontes digitais.

**Palavras-chave:** História; Movimento Estudantil; Golpe de 2016; Memória.

## 06 – “ECOS DA GRANDE GUERRA NO PIAUÍ E MARANHÃO”: ASPECTOS POLÍTICOS, SOCIAIS E ECONÔMICOS DO PIAUÍ E MARANHÃO NO CONTEXTO DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL.

Caio Leonardo da Silva Sousa (UFPI)

**Resumo:** Este trabalho investiga os impactos da Primeira Guerra Mundial nos estados do Piauí e Maranhão entre 1914 e 1918, buscando compreender como regiões distantes do *front* europeu foram afetadas política, econômica e socialmente pelo conflito. Parte-se da problemática de que boa parte da historiografia brasileira privilegia os grandes centros, em especial, o eixo Sul-Sudeste como atuantes ou impactados nos anos da Primeira Guerra Mundial, seja na cobertura midiática, economia, envolvimento político e intelectual ou no *front* de guerra, relegando espaços considerados periféricos a um papel secundário. O estudo propõe, portanto, analisar esses estados como territórios transformados pela guerra, indo além da dimensão meramente noticiosa e explorando seus desdobramentos concretos. Ancoramo-nos em análise documental e bibliográfica, articulando autores como Celso Castro (2004), no âmbito da *Nova História Militar Brasileira*, e em plano internacional, Lawrence Sondhaus (2013), David Stevenson (2016) e Martin Gilbert (2017), para compreensão do contexto e desenvolvimento do conflito. Para analisar a participação do Brasil e o papel da imprensa, dialoga com Carlos Daróz (2019), Johny Santana de Araújo (2012; 2014; 2022) e Sidney Garambone (2003). No campo econômico de Piauí e Maranhão, apoia-se em Teresinha Queiroz (1994). A reflexão teórica mobiliza ainda Eric Hobsbawm (1990), sobre nacionalismo e elementos cívicos, e Carl Von Clausewitz (1984), acerca da guerra como continuação da política. A pesquisa utiliza fontes hemerográficas e oficiais, como jornais, conferências e relatórios de governo. Sua relevância reside em demonstrar como o contexto internacional e brasileiro moldou o posicionamento da imprensa piauiense e maranhense no início do conflito e após a entrada do Brasil na guerra em 1917, evidenciando também os impactos da guerra na estrutura militar e na economia dos estados, analisando reorganizações

do Exército e as crises de exportações e financeiras. Destacamos ainda a atuação como Adido Naval de José Maria Magalhães de Almeida e as mobilizações cívicas pró-guerra no Piauí e Maranhão, assim como o papel das Academias de Letras na formulação de discursos nacionalistas, por meio de conferências e na criação de ligas em consonância com as nacionais em apoio à causa aliada e brasileira na guerra.

**Palavras-chave:** Primeira Guerra Mundial. Piauí. Maranhão. Imprensa. Mobilização.

**01 – “FAMINTOS A NOSSA PORTA”: FLAGELADOS NAS PÁGINAS DO JORNAL PIAUIENSE “O TEMPO” (1915-1916).**

*Aryane Maria Miranda Lima (UFPI)*

**Resumo:** Delimitamos como objetivo principal para a pesquisa analisar as representações da seca e dos flagelados publicadas no jornal “*O Tempo*” entre os anos de 1915 e 1916, período este em que o território piauiense foi atravessado pelos efeitos da estiagem. O flagelo do “*quinze*”, com o seu caráter calamitoso, provocou duras consequências para a recém-delimitada região do Nordeste, inventada sobre as engenharias das secas, e o Piauí foi um dos estados mais afetados pelos “horrores” deste fenômeno histórico em razão de determinados fatores que são exploradas no estudo. As primeiras matérias publicadas nos jornais, que buscaram narrar os efeitos ocasionados pelas secas, emergem na Grande Seca de 1877, como uma tentativa de clamar por atenção do Governo Imperial para o triste cenário pelo qual as províncias do Norte seco estavam enfrentando, sendo assim, entendemos que os textos que analisamos estão permeados por interesses de grupos letrados piauienses. Para a metodologia, escolhemos a orquestrada pela intelectual Tânia Regina de Luca, para compreendermos os jornais como espaços de inclinações de determinados sujeitos da sociedade piauiense. Sobre a bibliografia utilizada para a construção das discussões, escolhemos os estudos de Manoel Domingos Neto (1983), Durval Muniz de Albuquerque Júnior (1988), Maria Mafalda Balduino de Araújo (1991) e Frederico de Castro Neves (2000). Ademais, para os debates teóricos recorreremos aos autores Roger Chartier (1990) e Sandra Jatahy Pesavento (2003).

**Palavras-chave:** Seca; Flagelados; Jornal e Representação.

## 02 – UMA ANÁLISE DA ABORDAGEM DO FEMINICÍDIO NO PORTAL G1 PIAUÍ (2015–2022).

*Emily Miranda (UFPI)*

**Resumo:** Este trabalho analisa a abordagem do feminicídio no portal G1 Piauí entre os anos de 2015 e 2022, com o objetivo de compreender como as estratégias discursivas adotadas na cobertura jornalística influenciam a percepção pública sobre a violência de gênero. A pesquisa baseia-se na análise de 110 reportagens, selecionadas a partir de palavras-chave relacionadas ao tema, e articula procedimentos quantitativos e qualitativos, fundamentados na Análise do Discurso e em estudos sobre mídia e gênero. Os resultados evidenciam a recorrência de práticas como o apagamento do agressor, o uso da voz passiva, a culpabilização indireta das vítimas, o sensacionalismo e a ausência de contextualização estrutural do feminicídio. Tais estratégias contribuem para a naturalização da violência e para a reprodução de estereótipos de gênero. Conclui-se que a imprensa exerce papel central na construção de sentidos sobre o feminicídio, sendo fundamental a adoção de uma cobertura ética, contextualizada e comprometida com os direitos humanos.

**Palavras-chave:** Feminicídio; Violência de gênero; Mídia; Jornalismo; Análise do discurso.

### 03 – PRÁTICAS DECOLONIAIS NA IMPRENSA FEMINISTA: UMA ANÁLISE DO JORNAL *MULHERIO* (1981–1988).

*Gabriela Gonçalves de Holanda Moura* (UFPI)

**Resumo:** Este trabalho possui o objetivo de analisar o jornal *Mulherio* (1981–1988) a partir da perspectiva da decolonialidade, buscando compreender em que medida suas produções podem ser interpretadas como práticas discursivas de ruptura com a lógica colonial no interior do movimento feminista brasileiro. A pesquisa busca interpretar como as narrativas e temáticas mobilizadas pelo periódico tensionaram padrões eurocêtricos e universalizantes, contribuindo para a construção de um feminismo plural. Inserido no campo da História das Mulheres, o estudo dialoga com os aportes teóricos da decolonialidade, com destaque para María Lugones e Chandra Talpade Mohanty, articulados às reflexões de Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro sobre raça, gênero e poder. Metodologicamente, a análise partirá das fontes documentais, das edições do jornal, considerando suas colunas, temáticas recorrentes e composição editorial. O recorte temporal corresponde ao período de circulação do periódico, entre 1981 e 1988, no contexto da redemocratização brasileira. Como argumento central, sustenta-se que o *Mulherio* operou como um espaço de enunciação contra-hegemônico, no qual emergem vozes e experiências historicamente marginalizadas, articulando uma crítica às hierarquias de gênero e raça e contribuindo para a construção de práticas feministas de caráter decolonial.

**Palavras-chave:** Jornal *Mulherio*; Decolonialidade; Feminismo; Imprensa alternativa; História das Mulheres.

## 04 – BAILAR TAMBÉM É VERBO NO MASCULINO: A SUBJETIVAÇÃO DE BAILARINOS PIAUIENSES ATUANTES ENTRE AS DÉCADAS DE 1970-1990.

*João Vitor dos Santos (UFPI)*

*Francisco de Assis de Sousa Nascimento (UFPI)*

**Resumo:** O presente trabalho lança olhar crítico sobre o estigma que recai socialmente sobre o homem bailarino, problematizando as tensões existentes nos códigos normativos da masculinidade hegemônica e a construção estética do corpo masculino diante do contra-ataque da subjetivação da vivência de bailarinos piauienses atuantes entre as décadas de 1970 e 1990. A pesquisa desenvolve-se por meio da metodologia da História Oral em uma abordagem qualitativa e sustentada pela revisão bibliográfica, com o intuito de compreender como a performance do bailarino em cena pode subverter ou reafirmar paradigmas culturais relacionados ao gênero. Fundamenta-se, pois, nas contribuições de Judith Butler (2024), cuja noção de performatividade de gênero revela a instabilidade das identidades tidas como naturais; de Judith Lynne Hanna (1999), ao discutir as dinâmicas entre corpo, cultura e dança; de Michel Foucault (2022), na análise dos dispositivos de poder que regulam os corpos; de Michel de Certeau (2014), para vislumbrar a potencialidade da resistência cotidiana dos indivíduos; e de Giuliano Andreoli (2010), com reflexões sobre estética, masculinidade e subjetivação em torno da dança. O estudo evidencia que o campo da dança, longe de ser um espaço neutro, torna-se território de disputas simbólicas onde o gênero é constantemente reinscrito, revelando, assim, as potências políticas e estéticas da presença masculina no universo da dança.

**Palavras-chave:** Dança; Masculinidades; Gênero; História; Teresina.

## 05 – HISTÓRIA PÚBLICA DIGITAL E A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: MEDIAÇÕES NARRATIVAS NO INSTAGRAM, SPOTIFY E SUBSTACK.

*José Armando Leal (UFPI)*

**Resumo:** O presente simpósio analisa a prática da História Pública na era da “virada digital”, investigando como a historiografia contemporânea pode transcender os limites acadêmicos através de plataformas de consumo rápido, como Instagram, Spotify e Substack. Fundamentado nos conceitos de Jill Liddington (2011) e Thomas Durlacher (2022), o estudo discute a reconfiguração epistemológica do saber histórico e o risco da “opacidade epistemológica” em meios digitais. Metodologicamente, propõe-se uma abordagem tripartida: a utilização da Análise de Redes Sociais (SNA), conforme Antonio Maria Fiscarelli (2022), para a visualização de complexidades estruturais, a adoção dos Princípios FAIR, de Sytze Van Herck (2022), para a gestão ética e transparente de dados, e a síntese narrativa baseada na colaboração entre jornalismo e pesquisa, segundo Valéria Dias (2011). O trabalho conclui que o historiador-divulgador deve atuar como um “tradutor de mundos”, equilibrando o rigor documental com a sensibilidade comunicacional para democratizar o conhecimento e combater o negacionismo científico de forma ética e eficaz.

**Palavras-chave:** História Pública Digital; Divulgação Científica; Humanidades Digitais; Metodologia Histórica.

## 06 – CONJUNTURA NACIONAL ENTRE 2013 E 2016: CRISE POLÍTICA, ANTIPETISMO E O PAPEL DA MÍDIA.

*José Clecionarton Teixeira (UFPI)*

**Resumo:** O trabalho analisa a conjuntura política brasileira entre 2013 e 2016, buscando compreender as relações entre crise política, antipetismo e atuação da mídia na construção de narrativas sobre corrupção e políticas públicas durante o governo petista. A pesquisa toma como objeto as reportagens *Repórter Record Investigação* (Rede Record, 2014) e *Profissão Repórter* (Rede Globo, 2015), exibidas em rede nacional acerca das denúncias de irregularidades no Programa Brasil Alfabetizado em Alagoinha do Piauí. A análise dialoga com Angela Alonso (2023), ao discutir as Jornadas de Junho de 2013 e a reconfiguração conservadora das mobilizações; José Victor Joly (2023), sobre as disputas de sentidos presentes nas manifestações; e André Borges e Robert Vidigal (2023), acerca da emergência da nova direita no Brasil. O estudo também mobiliza autores que discutem mídia, discurso e produção de narrativas políticas, atentando para o papel dos grandes meios de comunicação na construção de um ambiente de polarização e deslegitimação do governo federal. No contexto local, a pesquisa dialoga com Ana Geórgia Bezerra (2025), ao examinar as disputas políticas em Alagoinha do Piauí e os possíveis rearranjos envolvidos nas denúncias relacionadas ao Programa Brasil Alfabetizado. Metodologicamente, o trabalho articula análise discursiva, contextualização histórica e investigação empírica, utilizando fontes audiovisuais, hemerográficas e documentais. O estudo aponta que as reportagens sobre Alagoinha do Piauí não podem ser compreendidas de maneira isolada, mas inseridas em um contexto mais amplo de crise política, fortalecimento do antipetismo e disputas de poder em escalas nacional e local.

**Palavras-chave:** História; Antipetismo; Políticas Públicas; Mídias Sociais; Alagoinha do Piauí.

**01 – ENTRE LUTAS E MEMÓRIAS: A RESISTÊNCIA DO MST EM PIO-IX E AS NARRATIVAS FAMILIARES DO ASSENTAMENTO PAULO FREIRE (2005-2010).**

*Laila Mides Sousa Santos (UFPI)*

**Resumo:** O seguinte trabalho “Entre Lutas e Memórias: A Resistência do MST em Pio-IX e as Narrativas Familiares do Assentamento Paulo Freire (2005-2010)” busca analisar como ocorreu a primeira ocupação organizada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) em Pio-IX, no Piauí, e como essa luta resultou na formação do Assentamento Paulo Freire. A pesquisa destaca o papel das famílias assentadas como protagonistas do processo de resistência, organização e construção da identidade coletiva do movimento. O estudo parte da ideia de que a memória não é apenas lembrança do passado, mas também uma forma de resistência e afirmação social. Por isso, serão investigadas as narrativas familiares, as experiências de luta pela terra e os desafios enfrentados durante a ocupação e consolidação do assentamento entre 2005 e 2010. A metodologia utilizada será qualitativa, baseada principalmente em História Oral, com entrevistas semiestruturadas realizadas com famílias assentadas. Além disso, a pesquisa utilizará fotografias, documentos do assentamento e análises de campo para compreender as vivências e transformações ocorridas nesse território. Teoricamente, o trabalho dialoga com autores como Michael Pollak, Jacques Le Goff e Caio Prado Júnior, discutindo temas como memória, identidade, silenciamento histórico e questão agrária no Brasil. Assim, o projeto pretende contribuir para a valorização da história das populações camponesas de Pio-IX, combatendo o apagamento histórico e fortalecendo a memória coletiva das famílias Sem-Terra, reconhecendo suas trajetórias como parte importante da história social e regional do Piauí.

**Palavras-chave:** História e Memória; História Oral; Trajetórias Familiares; MST; Assentamento Paulo Freire; Pio IX.

## 02 - RELIGIOSIDADE E AÇÃO SOCIAL: PERMANÊNCIAS E RECONFIGURAÇÕES NA ATUAÇÃO DAS IRMÃS DOS POBRES DE SANTA CATARINA DE SENA NO CONJUNTO DIRCEU ARCOVERDE (1978-1995).

*Maria Eduarda Gonçalves de Oliveira (UFPI)*

*Marcelo de Sousa Neto (UESPI)*

**Resumo:** O presente trabalho analisa a atuação das Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena no período entre 1978 e 1995, no Conjunto Habitacional Dirceu Arcoverde, em Teresina-PI. Desde a chegada ao Conjunto, em 1978, as Irmãs desempenharam funções centrais na administração da Igreja local, coordenando atividades pastorais e ações assistenciais, além de atuarem na mediação entre a comunidade e a instituição religiosa. A pesquisa busca compreender a transição de um período em que as irmãs detinham a administração plena das atividades religiosas e comunitárias para uma nova configuração institucional, marcada, a partir de 1995, pela chegada de um padre e pela entrega das chaves da igreja à administração paroquial masculina. Nesse sentido, pretende-se analisar os processos de permanência e reconfiguração das práticas religiosas e sociais desenvolvidas pela congregação após essa mudança. A metodologia do trabalho envolve a análise de livros paroquiais do Santuário Arquidiocesano de São Francisco de Assis e de registros fotográficos da congregação. O diálogo teórico inclui Cubas (2018), Fontineles e Sousa Neto (2017) e Monte (2010). Assim, busca-se evidenciar o papel histórico das mulheres religiosas na formação social e religiosa do conjunto habitacional.

**Palavras-chave:** Irmãs dos Pobres; Administração Eclesial; Assistência; Cidade.

### **03 – ENTRE O SOCORRO E O CONTROLE: A ATUAÇÃO DO DNOCS E A VIDA DOS RETIRANTES NO AÇUDE CAJAZEIRAS, PIO IX-PI, 1959-1980.**

*Naira Valdilene dos Santos (UFPI)*

**Resumo:** A pesquisa visa analisar a atuação do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS) em Pio IX, Piauí, entre 1950 e 1980, enfocando as experiências de retirantes que trabalharam na construção do Açude Cajazeiras e na formação da comunidade local. O estudo busca entender como as ações do DNOCS se relacionaram com práticas de controle social e relações de poder envolvendo elites locais, para além da narrativa oficial de combate à seca. Metodologicamente, a pesquisa combina análise de fontes documentais (relatórios, folhas de pagamento, contratos de arrendamento) com História Oral, através de entrevistas com trabalhadores e moradores da comunidade. Valorizando as narrativas de sujeitos historicamente excluídos, o trabalho pretende contribuir à historiografia piauiense, destacando vivências invisibilizadas e ampliando o debate sobre políticas públicas de enfrentamento à seca no Nordeste brasileiro.

**Palavras-chave:** DNOCS; retirantes; seca; controle social.

## 04 – ASSISTÊNCIA AOS “FLAGELADOS DA SECA” PELA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE PARNAÍBA (1915-1923).

*Aleisa de Sousa Carvalho Rocha (UFPI)*

**Resumo:** O presente trabalho busca analisar a assistência prestada pela Santa Casa de Misericórdia de Parnaíba aos chamados “flagelados da seca” entre os anos de 1915 e 1923, procurando compreender de que maneira a instituição atuou diante do crescimento da pobreza, das migrações e da precariedade das políticas públicas de saúde no início da República. A pesquisa pretende investigar como a Santa Casa, mesmo após o fechamento temporário do hospital em 1915, continuou exercendo importante função assistencial através da distribuição de esmolas, alimentos e auxílio aos pobres considerados “merecedores”, evidenciando práticas de filantropia, caridade e controle social. Metodologicamente, o estudo fundamenta-se na análise de Atas das Sessões Administrativas da Santa Casa de Misericórdia de Parnaíba, registros de entrada e saída de pacientes, relatórios governamentais, jornais piauienses e almanaques locais. Essas fontes permitem compreender os impactos das secas e dos fluxos migratórios sobre a cidade de Parnaíba, bem como as estratégias mobilizadas para o atendimento da população pobre e retirante. No campo teórico, o trabalho dialoga com as reflexões de Gisele Sanglard e Luiz Otávio Ferreira acerca das relações entre assistência, filantropia e controle social, além das contribuições de Manuel Domingos Neto e Frederico de Castro Neves sobre seca, migração, pobreza e práticas assistenciais no Nordeste republicano.

**Palavras-chave:** Assistência, Seca, Santa Casa de Misericórdia.

## 05 – A LEI ÁUREA E A ARQUITETURA DA EXCLUSÃO: CIDADANIA, RAÇA E A INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO SOCIAL BRASILEIRA REPUBLICANA.

*Virrma Ívila de França Batista (UFPI)*  
*Ana Júlia Pimentel Araújo Leonidas (UFPI)*

**Resumo:** O presente trabalho trata-se de uma pesquisa inicial, que tem como objetivo estabelecer uma linha reflexiva quanto às questões formadoras da sociedade republicana brasileira que se perpetuam até os dias contemporâneos, dialogando especialmente com as reflexões de Ynaê Lopes dos Santos, sobretudo na obra *Racismo brasileiro: uma história da formação do país*, em que a autora problematiza a constituição histórica do racismo no Brasil e define a existência de uma “arquitetura da exclusão” edificada após a abolição. Além de propor uma linha conectiva com as ideias de José Murilo de Carvalho, especialmente em *Cidadania no Brasil: o longo caminho*, obra na qual o autor evidencia as limitações históricas da cidadania brasileira e a permanência de profundas desigualdades no acesso aos direitos civis, políticos e sociais. Metodologicamente a pesquisa fundamenta-se em revisão bibliográfica e análise historiográfica, mobilizando especialmente autores que discutem escravidão, pós-abolição, cidadania e relações raciais no Brasil. Além da bibliografia especializada, pretende-se examinar a redação da Lei Áurea enquanto documento histórico, compreendendo sua dimensão jurídica e simbólica dentro do contexto político do final do século XIX.

**Palavras-chave:** Lei áurea; pós-abolição; primeira República; Exclusão.

## 06 - MASSACRE NO RETIRO DA BOA ESPERANÇA: ANTICIGANISMO NO SERTÃO PIAUIENSE (1913).

*Maria Lanilda Ribeiro Oliveira (UFPI)*

*Ananda Theresa Martins Nascimento de Macedo (UFPI)*

**Resumo:** Os povos ciganos, tratados como caso de polícia no Brasil desde sua chegada forçada como degredados no século XVIII, encontraram nas Américas, no geral, e no Brasil, em especial, um ambiente hostil, marcado pela violência e pelo silêncio institucional, condições que tornaram sua perseguição não apenas possível, mas socialmente tolerada (TEIXEIRA, 2008; MOONEN, 2011). Foi esse contexto que tornou possível um dos eventos mais marcantes da história cigana no Piauí, o ainda pouco estudado massacre ocorrido no Retiro da Boa Esperança, atual cidade de Esperantina, em 1913; episódio que evidencia o anticiganismo, marcando a relação do Estado e da sociedade brasileira com essa população historicamente marginalizada. Inserido nas dinâmicas da violência rural do sertão piauiense republicano, as autoras da proposta buscam compreender o massacre não como um caso isolado, mas como o desfecho de uma perseguição étnica, mais um componente do racismo brasileiro, agora operado não contra negros mas sobretudo contra os ditos de fora, os estrangeiros, os povos ciganos. O presente trabalho toma esse episódio como ponto de entrada para uma compreensão mais ampla da presença e história dos povos ciganos no Piauí, analisando, a partir do paradigma indiciário (GINZBURG, 1989), as edições do periódico “Diário do Piauí: Órgão Oficial dos Poderes do Estado (PI)” que publicaram telegramas e notas oficiais relatando os avanços da polícia nos dias que antecederam ao massacre.

**Palavras-chave:** Ciganos; Massacre de Esperantina (1913); Anticiganismo.

## 07 - AS AÇÕES DA IGREJA CATÓLICA, VIA COMISSÃO PASTORAL DA TERRA (CPT), NAS LUTAS PELA TERRA NO PIAUÍ ENTRE 1979 E 1990.

*Maria Izadora Rodrigues Teixeira (UFPI)*

**Resumo:** Este projeto de pesquisa investiga as ações da Igreja Católica, via Comissão Pastoral da Terra (CPT), nas lutas pela terra no Piauí entre 1979 e 1990. O objetivo é contextualizar a questão fundiária estadual para compreender as intervenções regionais da CPT, as organizações camponesas e os conflitos no campo. Metodologicamente, o estudo analisa Atas de Assembleia da CPT, relatórios nacionais e estaduais, jornais, relatos orais e o Acervo Digital de Registros Imobiliários Históricos do Piauí. O suporte teórico baseia-se em Antônio Fonseca dos Santos Neto, João Carlos Corso e Scott Mainwaring. O trabalho busca elucidar a relevância da atuação religiosa na mediação dos problemas agrários e na resistência camponesa piauiense.

**Palavras-chave:** Igreja Católica; CPT; Trabalhadores do campo; Problemas agrários.

**01 – CRISTÃOS NA PROVÍNCIA ROMANA DA BITÍNIA: UMA ANÁLISE DAS CARTAS 96 E 97 DE PLÍNIO, O JOVEM (SÉCULO II EC).**

*Alexandre Ribeiro de Sousa (UFRJ)*

**Resumo:** Caio Plínio Cecílio Segundo, também conhecido como Plínio, o Jovem, nasceu entre os anos de 61 e 62 do século I EC, em Como, na Itália, e faleceu em 113, provavelmente na Bitínia. Aos 18 anos, Plínio iniciou carreira na advocacia na cidade de Roma. Esta profissão lhe deu reconhecimento público devido ao seu papel crucial em processos judiciais importantes. Como forma de gratificação, Plínio foi nomeado funcionário do Tesouro público romano. Por volta do ano 111, Plínio recebeu sua última nomeação senatorial, dessa vez para ser governador da província romana da Bitínia e Ponto, região localizada na costa sul do mar Negro. Ali, entre 111 e 112, Plínio escreveu uma carta destinada ao imperador Trajano, informando-lhe que havia cristãos presentes na província e solicitando que o imperador lhe desse instruções sobre como proceder com a situação, porque os cristãos estavam se recusando a adorar os deuses do panteão romano. Trata-se do primeiro documento que se tem notícia escrito por um romano relatando práticas religiosas cristãs. Nesse sentido, esta apresentação tem por objetivo analisar as trocas de correspondência entre Plínio e Trajano, presentes nas Cartas 96 e 97 da obra *As Cartas de Plínio, o Jovem*. Tomando por base a metodologia de pesquisa da História Comparada, o intuito é examinar comparativamente os dois documentos, para entender os procedimentos adotados pelas duas figuras políticas para resolver os infortúnios gerados pelos cristãos da Bitínia e Ponto.

**Palavras-chave:** Plínio, o Jovem. Cristãos. Cartas 96 e 97.

## 02 – MITO E CORPO FEMININO: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER COMO ESPAÇO DE DOMINAÇÃO E PODER.

*Grazielle Gonçalves de Holanda (UFPI)*

*Hislaine Silva Custódio Maciel (UFPI)*

*Nívea Dávila de Carvalho Leal (UFPI)*

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo analisar representação do corpo feminino na mitologia grega, compreendendo o mito como uma construção simbólica e discursiva que reflete e legitima relações sociais e estruturas de poder. Dessa forma, compreendemos a importância de compreendermos o mito, como ele se apresenta e para tal análise contamos com as ideias dos seguintes autores: Everardo Guimarães P. Rocha (1985) em sua obra “*O que é o mito?*”, e o autor Marcel Datienne (1998), em sua obra “*A invenção da Mitologia*”, além disso, esta sendo tomado como metodologia uma análise qualitativa das obras *Ilíada* e *Odisseia*, atribuídas a Homero, bem como de *Hinos Homéricos*, busca-se evidenciar como as figuras femininas como deusas, semideusas, ninfas e mortais são frequentemente associadas à dominação, à violência simbólica e à subordinação ao poder masculino. Observa-se que, nas epopeias, o corpo feminino é reiteradamente apresentado como objeto de disputa, controle moral, punição ou sacrifício, seja por quaisquer os motivos, ou apenas como uma forma de satisfação ou consolo da figura masculina, enquanto nos *Hinos Homéricos* ocorre uma exaltação das deusas que, ainda assim, não rompe completamente com a hierarquia patriarcal. Desse modo, o estudo demonstra que a mitologia grega constrói um imaginário no qual o feminino é constantemente vigiado, apropriado, culpabilizado, além da visão da mulher sexista, revelando permanências de uma lógica patriarcal que atravessa o mito e contribui para a naturalização das desigualdades de gênero.

**Palavras-chave:** Mitologia grega; representação feminina; deusas; violência.

**ST 09: Educação Intercultural Indígena e Ensino de História Indígena**  
**Coordenadora: Profa. Dra. Alessandra Lopes de Oliveira Castellini**  
**(UFPI)**

**01 – LETRAMENTO LITERÁRIO INDÍGENA NO CAMPUS:  
RELATOS E REFLEXÕES DAS AÇÕES DO PIBID UFPI  
INTERDISCIPLINAR.**

*Alessandra Lopes de Oliveira Castellini (UFPI)*

**Resumo:** O presente trabalho socializa ações pedagógicas desenvolvidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) no Subprojeto Interdisciplinar, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros – CSHNB da Universidade Federal do Piauí (UFPI), voltadas ao fomento do letramento literário indígena sob perspectiva interdisciplinar no Campus. O objetivo central é analisar como a introdução de obras de autoria indígena nas escolas de tempo integral contribui para a desconstrução de estereótipos e para o cumprimento da Lei 11.645/08 (Brasil, 2008). De natureza qualitativa apoiado nos estudos de Gil (2002), a metodologia fundamenta-se no relato de experiência, com revisão bibliográfica de autores como Munduruku (2005, 2012, 2017) e Graça Graúna (2013), além dos conceitos de letramento literário de Rildo Cosson (2006), entre outros. Os estudos foram realizados nos encontros semanais do Núcleo de Desenvolvimento Profissional (NDP) e nas ações de monitoria nas escolas parceiras do PIBID Interdisciplinar Picos: CETI Marcos Parente, Mário Martins e Petrônio Portela no primeiro semestre de 2026. Com proposição de oficinas literárias nas escolas e no evento literário no Campus, os estudantes das escolas tiveram oportunidade de transpor a visão folclorizada para a compreensão dos povos indígenas como sujeitos contemporâneos e produtores de cultura viva. Os resultados parciais demonstram que a abordagem interdisciplinar potencializou o diálogo interdisciplinar entre literatura, história e pedagogia no campus, promovendo a reeducação das

relações étnico-raciais mais crítica e sensível. Considera-se que as ações desenvolvidas no PIBID Interdisciplinar contribuíram na formação dos estudantes das escolas parceiras, bem como na formação docente inicial, ao instrumentalizar futuros professores para o trato com a diversidade cultural e com a valorização das epistemologias ancestrais na educação básica piauiense.

**Palavras-chave:** Educação Escolar Indígena; PIBID Interdisciplinar; Letramento Literário; Interdisciplinaridade.

## 02 – O LETRAMENTO LITERÁRIO INDÍGENA NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE: AÇÕES DO PIBID INTERDISCIPLINAR DE PICOS NA REEDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS.

*Alessandra Lopes de Oliveira Castellini (UFPI)*

**Resumo:** Este trabalho sob perspectiva interdisciplinar busca refletir práticas de letramento literário indígena na formação inicial de professores, tomando como objeto as atividades desenvolvidas pelo PIBID UFPI no Subprojeto Interdisciplinar do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros – CSHNB, na cidade de Picos/PI. A problemática central reside na urgência de superar visões eurocêntricas no currículo escolar, conforme preconiza a Lei 11.645/08 (Brasil, 2008). De abordagem qualitativa apoiada nos estudos de Gil (2002) a metodologia adotada consiste no relato de experiência sobre oficinas e mediações de leitura realizadas em três escolas de educação básica de tempo integral, fundamentadas teórica e metodologicamente na literatura de autoria indígena e na pedagogia da alteridade, como: Munduruku (2017), Jesus e Brandão (2000) e Rildo Cosson (2006) entre outros. As ações do PIBID Interdisciplinar Picos buscaram instrumentalizar os Pibidianos para o uso da literatura como ferramenta de combate ao racismo estrutural e aos silenciamentos históricos impostos aos povos originários. Das ações desenvolvidas no primeiro semestre de 2026, observa-se que a inserção de textos nativos nas ações de monitoria em sala de aula atuou como um dispositivo de reeducação das relações étnico-raciais, permitindo que futuros docentes e alunos reconheçam a pluralidade das identidades indígenas, com valorização de diferentes saberes e culturais. Nesse cenário, o trabalho literário com autores indígenas como: Daniel Munduruku, Eliana Potiguara, Kaká Werá Jecupé, Graça Graúna foram importantes para compor uma tradição literária na literatura indígena contemporânea com protagonismo e pelo reconhecimento de sua cultura. Eles, assim como outros nomes, devem estar no cotidiano escolar, compondo o cenário cultural plural destituído de estereótipos. Os resultados indicam que as experiências interdisciplinares do PIBID nas escolas fortaleceram

a sensibilidade estética e ética dos Pibidianos, preparando-os para uma prática pedagógica decolonial que valoriza a diversidade e promove o respeito às matrizes culturais brasileiras. Assim, as ações realizadas no âmbito do PIBID Interdisciplinar Picos reafirmam-se como espaço vital de resistência e renovação do ensino, por meio de práticas pedagógicas que valorizam a pluralidade cultural, a identidade e afetividade por meio da literatura.

**Palavras-chave:** Educação Étnico-Racial; Literatura Indígena; Formação de Professores; PIBID Interdisciplinar.

### 03 – OS POVOS INDÍGENAS NO ENSINO DE HISTÓRIA DO PIAUÍ - NOVOS CAMINHOS: DA INVISIBILIDADE AO PROTAGONISMO INDÍGENA NO PIAUÍ (2021-2024).

*Ana Suelle de Oliveira Gomes (UFC)*

**Resumo:** Este trabalho buscou compreender o lugar dos povos indígenas no ensino de História do Piauí. Tomou-se como ponto de partida esta temática, posto que ainda se faz presente um discurso de inexistência indígena no Piauí. Neste Estado há uma construção histórica e ideológica da invisibilidade indígena na História. Todavia, sabe-se, hoje, que este discurso não se sustenta, haja vista que o Estado tem passado por um processo de emergência identitária indígena em que grupos reivindicam seu pertencimento e a sua valorização étnica-cultural, sua ancestralidade e territorialidade, e, conseqüentemente, seus direitos reconhecidos por parte dos órgãos oficiais. Dito isso, no último Censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2022), dados apontam a presença de mais de 7 mil indígenas vivendo no Piauí, conferindo, assim, um aumento significativo na identificação desses povos na região. Assim, para compreender essa dinâmica entre ensino, povos indígenas e História no Piauí foi analisado livros didáticos dessa disciplina regional e clássicos da historiografia local sobre a temática; como também fez-se um trabalho de campo em 2 comunidades indígenas, em 2 escolas próximas e na Secretaria de Educação do Estado para compreender, além do ensino local, se os povos indígenas são incluídos e de que modo(s) nesse âmbito. Bem como fez-se a análise das representações sobre os povos indígenas trazidas nos materiais didáticos utilizados nessas instituições visitadas. Ademais, entender quais as políticas de inclusão educacional - em relação aos povos indígenas no Estado - têm ocorrido. Isto, numa perspectiva da história social e cultural com enfoque na necessidade de se pensar uma educação decolonial, a fim de compreender como é realizado o ensino da história do Piauí, no que tange aos povos indígenas. Buscou-se, por conseguinte, propor uma alternativa ao modelo vigente: uma pedagogia indígena em que esta população/comunidade deverão ser os protagonistas de sua história.

**Palavras-chave:** Ensino; História; Indígena.

## 04 – AGÊNCIA INDÍGENA E INDEPENDÊNCIA DO BRASIL NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DO PNLD 2024: UMA ANÁLISE À LUZ DA NOVA HISTÓRIA INDÍGENA.

*Keile Socorro Leite Felix* (Secretaria Municipal da Educação de Fortaleza – SME)

**Resumo:** O presente trabalho analisa as representações dos povos indígenas no contexto do processo de independência do Brasil em três coleções didáticas de História aprovadas pelo Plano Nacional do Livro Didático (2024) e destinadas aos anos finais do Ensino Fundamental. O objetivo central consiste em investigar em que medida os pressupostos teórico-metodológicos da Nova História Indígena, especialmente a noção de agência indígena, são incorporados às narrativas históricas presentes nos materiais didáticos. Busca-se compreender se as obras reconhecem os povos indígenas como sujeitos históricos ativos, inseridos nas disputas políticas, territoriais e sociais do período, ou se reproduzem perspectivas tradicionais marcadas pela marginalização, silenciamento e homogeneização dessas populações. A pesquisa fundamenta-se no pensamento decolonial latino-americano, articulado à produção brasileira no campo do ensino de História, em diálogo com os princípios estabelecidos pela Lei 11.645/2008 e pela Base Nacional Comum Curricular. Metodologicamente, adota-se uma abordagem qualitativa, baseada na análise das narrativas textuais, imagens e propostas pedagógicas presentes nas coleções selecionadas. Pretende-se, assim, refletir sobre os limites e potencialidades do livro didático na construção de perspectivas históricas plurais, críticas e comprometidas com a valorização das experiências e protagonismos indígenas no ensino de História.

**Palavras-chave:** Agência indígena; Independência do Brasil; Ensino de História.

## 05 – SABERES, RESISTÊNCIA E INTERCULTURALIDADE: CAMINHOS E DESAFIOS PARA A EFETIVAÇÃO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NO PIAUÍ.

*Maria Joaquina Leite da Silva (UESPI)*

*Rayara da Silva Mota (UESPI)*

**Resumo:** O trabalho tem como objetivo geral analisar a Educação Escolar Indígena, destacando avanços, desafios e caminhos para valorização dos modos de vida das comunidades indígenas, com foco no Piauí. Para tal, foi realizado um debate sobre os avanços legais, por meio de análise de documentos, como a Lei De Diretrizes e Bases da Educação Nacional e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena, além do estudo de experiências concretas nas escolas CETI Oka Ka Inaminanok, em Teresina, e a Escola Santo Antônio, da comunidade Akroá-Gamella, em Uruçuí. A metodologia utilizada foi a qualitativa de caráter exploratória-descritiva, articulando a pesquisa bibliográfica, documental e entrevistas. Com base no estudo, destaca-se o papel fundamental dos professores indígenas na mediação entre saberes tradicionais e escolares, bem como a importância de currículos construídos coletivamente. Além disso, a pesquisa também evidencia a atuação de organizações e projetos educacionais que contribuem para a valorização das identidades indígenas. Conclui-se que, apesar dos avanços legais, a efetivação de uma educação indígena de qualidade ainda enfrenta entraves significativos. Nesse sentido, a educação escolar indígena se apresenta como um espaço de resistência, afirmação identitária e luta por direitos, sendo fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e plural.

**Palavras-chave:** Educação Escolar Indígena; Piauí; Povos Indígenas

## 06 – AY KAKYRI TAMA (EU SOU DA CIDADE): USOS DAS POESIAS INDÍGENAS NO ENSINO DE HISTÓRIA.

*Hevelyn Menezes Nascimento (UFPI)*

**Resumo:** O presente artigo investiga as potencialidades pedagógicas da poesia de Márcia Wayna Kambebe, em especial sua obra Ay Kakyri Tama, enquanto uma ferramenta pedagógica para a implementação da Lei 11.645/2008 no ensino de História (SOUZA, 2024). A pesquisa baseia-se nas premissas do pensamento decolonial e dos estudos subalternos, procurando confrontar a narrativa da historiografia tradicional, que ao longo dos séculos foi constantemente marcada pelo eurocentrismo e pela invisibilização dos povos originários (NERY; NERY; DIAS, 2020). Logo, discute-se como a literatura produzida por indígenas contribui para desconstruir estereótipos sobre o sujeito indígena em contextos urbanos, reforçando a cidade enquanto espaço de identidade e resistência cultural. Apontando o Método Recepcional como uma maneira para construir um diálogo crítico entre aquilo que os estudantes esperam e a memória ancestral que habita os versos de Kambeba. Dessa forma, conclui-se que o uso da poesia indígena nas aulas de História atua tal qual uma “flecha que não sangra”, sendo convite para a reflexão e cura simbólica das feridas coloniais, essencial para a formação de uma consciência história antirracista e intercultural (POLVANI, 2025).

**Palavras-chave:** Poesia Indígena, Márcia Kambeba, Ensino de História, Decolonialidade.

## 07 – POLÍTICAS EDUCACIONAIS E O ATENDIMENTO DE INDÍGENAS WARAO NO ESTADO DO PIAUÍ.

*Lucas de Oliveira Martins (UESPI)*

*Lucineide Barros Medeiros (UESPI)*

**Resumo:** O presente trabalho integra uma dissertação em andamento vinculada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Sociedade e Cultura (PPGSC) da Universidade Estadual do Piauí. A pesquisa analisa a construção da política de acesso à educação escolar indígena no Estado do Piauí, considerando especificamente o direito dos(as) indígenas Warao residentes como refugiados(as) na cidade de Teresina (PI). Desde o ano de 2019, a chegada dos primeiros grupos Warao em Teresina tem repercutido em diferentes dimensões que integram as políticas públicas, acionando a necessidade de aperfeiçoamento e de criação de novas iniciativas voltadas à questão do atendimento escolar de indígena no Estado. Nesse sentido, considerando o acesso à educação como direito, o trabalho que ora se inscreve busca identificar quais políticas educacionais voltadas à população Warao estão sendo implementadas no Piauí. Desse modo, à luz das legislações nacionais a respeito da educação escolar indígena - como o parecer CNE/CEB nº 14/1999, que dispõe sobre as Diretrizes Nacionais para o funcionamento das escolas indígenas e a Resolução CEB nº 3 de 10 de novembro de 1999, que fixa Diretrizes Nacionais para o funcionamento das escolas indígenas, definimos como objetivo: Identificar o conteúdo das políticas educacionais para o atendimento de indígenas no estado do Piauí, considerando avanços e limites. No processo da discussão apresentamos inicialmente: a) Destaques da história das políticas de educação escolar indígena no Brasil; b) A política de educação indígena no estado do Piauí demarcando o disposto na Resolução Normativa CEE/PI nº 004/2023; c) Avanços e limites das políticas públicas de educação indígena no Piauí. A metodologia da pesquisa é de abordagem qualitativa e ancorada na perspectiva dialética que, segundo Minayo (2010), aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, considerando as

intersecções de maneira relacional. A produção dos dados é referenciada em levantamento documental cotejado com dados das realidades socioterritoriais em que se encontram os indígenas Warao no Piauí. Como aporte teórico nos amparamos em autores como Freire (2021), Walsh (2007), Oliveira e Medeiros (2024).

**Palavras-chave:** Política educacional; Educação escolar indígena; Warão.

## 08 – RAÍZES DO CERRADO: HISTÓRIA, MEMÓRIA E DIÁLOGO INTERCULTURAL COM OS POVOS INDÍGENAS AKROÁ-GAMELLA.

*Elen Alves dos Santos (UESPI)*

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo apresentar os resultados parciais do desenvolvimento do projeto de extensão (PIBEU), intitulado “Raízes do cerrado: história, memória e diálogo intercultural com povos indígenas Akroá-Gamella”. Sob a coordenação da professora Tatiana G. de Oliveira, o projeto tem como objetivo produzir uma cartilha com as histórias de luta da comunidade indígena Akroá-Gamella, localizada no sudoeste do Piauí. A partir do diálogo intercultural entre a universidade e os povos indígenas Akroá-Gamella de Uruçuí objetivamos enfatizar o protagonismo da comunidade, contribuindo com a valorização da memória, saberes tradicionais por meio de práticas colaborativas e escuta respeitosa. A metodologia usada baseou-se em abordagem participativa, envolvendo a realização de entrevistas *in locu*. Foram realizadas duas visitas de campo no território Santa Teresa, Assentamento Flores e a Retomada, onde realizamos as entrevistas, por meio de gravação de vídeo com os membros da comunidade no qual relataram suas dificuldades dentro comunidade, suas práticas tradicionais e a importância do território, etc. Após as entrevistas iniciamos as transcrições para posteriormente organizarmos a cartilha. Os resultados parciais evidenciam o fortalecimento do diálogo entre universidade e a comunidade indígena, possibilitando o registro de narrativas sobre a história do povo Akroá-Gamella de Uruçuí. Nos amparamos em um referencial teórico-bibliográfico vinculado à chamada Nova História Indígena, especialmente nos textos de Rebeca Freitas Lopes (2026) e João Paulo Peixoto Costa (2011).

**Palavras-chave:** Povos Indígenas, Akroá-Gamella.

## ST 10: Política Indigenista e Política Indígena no Brasil Império

Coordenadores: Prof. Dr. João Paulo Peixoto Costa (IFPI/UESPI/UFPI) e Profa. Dra. Tatiana Gonçalves de Oliveira (UESPI)

### 01 – FONTES PARA HISTÓRIA INDÍGENA NO ARQUIVO PÚBLICO DO PIAUÍ (1822 – 1889).

*Carlos Eduardo Feitosa Coêlho (UESPI)*

**Resumo:** Este trabalho apresentará os resultados parciais do projeto de Iniciação Científica intitulado “Fontes para História indígena no Arquivo Público do Piauí (1822-1889)”, sob coordenação da professora Tatiana Oliveira. A partir de documentos colhidos no Arquivo Público do Estado do Piauí, num recorte temporal de 1822 a 1889, nota-se a presença indígena no território que corresponde atualmente ao Estado do Piauí, em diferentes formas de contato. Esses documentos são correspondência do presidente de províncias trocadas com diversas autoridades nacionais e locais, relativa à administração da Província. Os indígenas estão mencionados nesses arquivos, na maioria das vezes, como empecilhos aos moradores, problema para o interesse dos governantes. Realizamos a pesquisa indo ao Arquivo e digitalizando/fotografando os documentos para serem analisados logo após e transcritos os trechos onde são mencionados os povos indígenas. O projeto tem o foco em identificar as agências indígenas nesse período, ancorado no referencial teórico da Nova História indígena, onde os povos originários são compreendidos como sujeitos políticos e históricos, mesmo num contexto violento e em condições subalternas (Almeida, 2017). Os resultados obtidos através da análise dos documentos, demonstram o caráter plural da relação com os indígenas nesse contexto, continuava acontecendo campanhas contra os indígenas que não se submetiam ao poder governamental (documento n. 166, 1827 a 1830). Ao mesmo tempo, empregava-se a mão-de-obra indígena em diversos trabalhos (documento n. 0006, de 1827 a 1831). Por fim, a pesquisa busca contribuir para a revisão da historiográfica iniciada

no Piauí, que aponta para a crítica à “crônica do extermínio” indígena no Piauí ainda nas primeiras décadas do século XIX (Costa, 2011). Assim, temos como objetivo apresentar os resultados do projeto de PIBIC em desenvolvimento e contribuir com os debates sobre a temática indígena no Piauí.

**Palavras-chave:** Povos Indígenas; Arquivo; Piauí.

## 02 – POLÍTICA INDIGENISTA E O ESBULHO DAS TERRAS INDÍGENAS NO PIAUÍ (1830-1860).

*Diego Leandro Lima Pereyra (UFC)*

**Resumo:** O trabalho apresentado visa compreender como o se deu o processo de expropriação das terras indígenas e a integração da mão de obra indígena na província do Piauí enquanto trabalhadores nacionais, portanto, sem direitos específicos ligados à sua condição jurídica. Dessa forma visamos apresentar como o processo de usurpação de terras indígenas no Piauí fez parte de um processo político e ideológico de deslegitimação de étnica da identidade indígena no Oitocentos. Este processo ocorreu em diversas regiões do Brasil neste período, o que vem sendo analisado pela historiografia especializada. Para além dessas questões os povos indígenas do Piauí passaram por um outro processo de violência. Onde notórios pensadores piauiense como Monsenhor Joaquim Chaves e Odilon Nunes propagaram a ideia da crônica do extermínio. Tese ainda vigente, ela parte da sentença dada pelo seu mais célebre historiador, Odilon Nunes, para quem os índios “que outrora fervilhavam no território piauiense já não existiam no século XIX”<sup>3</sup>. Defendendo que a população indígena desse local havia sido exterminada ou anexada a sociedade piauiense e que, portanto, não existiriam mais indígenas no Piauí no século XIX. A crônica do extermínio auxiliou a atravancar os estudos sobre os povos indígenas piauiense no período do XIX, dessa forma esse trabalho visa ampliar os estudos que tratam dessa temática neste período.

**Palavras-chave:** Piauí; Terra; Indígenas.

### 03 – PRESENÇA INDÍGENA NOS RELATÓRIOS DE PRESIDENTES DE PROVÍNCIA DO PIAUÍ (1835 A 1889).

*Evellyn Vitória Carvalho Lima (UESPI)*

**Resumo:** O projeto Presença indígena nos Relatórios de Presidentes de Província Piauí (1835-1889) analisa como os povos indígenas são representados nos relatórios administrativos do século XIX. Essas fontes permitem compreender tanto sua presença quanto os discursos e práticas do Estado imperial. A pesquisa insere-se na Nova História Indígena, que questiona a narrativa do desaparecimento e enfatiza o protagonismo desses sujeitos históricos. O estudo busca compreender tais representações, além de organizar e transcrever as fontes documentais. Metodologicamente, fundamenta-se na análise documental histórica, por meio da leitura sistemática, transcrição e interpretação das fontes à luz da bibliografia especializada. Os resultados indicam um padrão de invisibilização, exclusão e desumanização dos indígenas. Eles aparecem associados a discursos tutelares e assimilacionistas, especialmente nas seções de catequese e civilização, evidenciando tentativas de integração forçada. Além disso, são retratados como obstáculos ao progresso. Observa-se também seu apagamento institucional, pois não são incluídos nas categorias oficiais de população nem em registros educacionais ou hospitalares, revelando estratégia de invisibilização e negação de direitos históricos.

**Palavras-chave:** Relatórios de Presidentes de Província; Indígenas; Piauí.

## 04 – POLÍTICA INDÍGENA E A CÂMARA MUNICIPAL DE VILA VIÇOSA NA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL NO CEARÁ.

*João Paulo Peixoto Costa (IFPI/UFPI/UESPI)*

**Resumo:** Cada vez mais se consolida na historiografia a compreensão de que não se pode contar a história do processo de emancipação política e formação do Estado brasileiro sem a atuação dos grupos sociais subalternizados, que, por meio de inúmeras formas de envolvimento, influenciaram nos ritmos e formatos desse processo. No caso da heterogênea população indígena à época, havia populações que vivam nas chamadas *vilas de índios*, onde ainda vigorava o Diretório Pombalino. Nelas, por meio das câmaras municipais, lideranças indígenas se valiam dos cargos de vereadores, juízes e escrivães e da prática da escrita para viabilizar demandas e demarcar suas posições em meio a tão turbulento cenário de incertezas. Analisarei o caso da câmara municipal de Vila Viçosa, no Ceará. Com a consolidação da soberania de Dom Pedro, a deposição do último governador da antiga capitania e a formação de uma Junta Provisória, inicialmente comandada por autoridades da capital da então província, as lideranças indígenas se posicionaram contrárias às autoridades recém constituídas. Junto a outras câmaras municipais, e em aliança com lideranças do interior provincial, o senado de Vila Viçosa atuou representante da comunidade indígena da vila diante de experiências históricas e projetos políticos próprios. Analisarei de que maneira as lideranças e a comunidade indígena de Viçosa se utilizou da câmara municipal de sua vila de índios enquanto espaço de atuação e protagonismo na formação do Estado no Brasil.

**Palavras-chave:** Câmaras municipais, Independência do Brasil, Vila Viçosa.

## 05 – CONFLITO ENTRE INDÍGENAS KAINGANG DE PALMAS (PR) E DO ALDEAMENTO DE NONOHAY (RS) E AS ESTRATÉGIAS INDÍGENAS DURANTE O PERÍODO IMPERIAL BRASILEIRO.

*Marina Braga Carneiro (UFPR)*

**Resumo:** A documentação administrativa, ainda que possa ser considerada seca e invariavelmente evidencie os vieses das autoridades responsáveis pela sua criação, transparece também, ainda que na maioria das vezes de forma indireta, as ações e reivindicações de grupos minoritários, submetidos ao sistema dominante. Nesse sentido, este trabalho tem o objetivo de apresentar, a partir de um estudo de caso, algumas estratégias utilizadas por diferentes grupos indígenas dentro da situação colonial em que se encontravam durante o período imperial brasileiro. Utilizando de fontes disponíveis no Arquivo Público do Paraná, presentes no fundo da Administração Provincial (APs), observei como um conflito envolvendo indígenas Kaingang de Palmas (PR), sob o comando do Cacique Victorino Condá, e Kaingang do Aldeamento de Nonohay, na província do Rio Grande do Sul, envolveu também diversas autoridades de ambas as províncias, que por cerca de nove meses trocaram ofícios durante o ano de 1859, com o intuito de evitar a intensificação da rivalidade e violência entre esses grupos, após o assassinato de indivíduos dos dois lados. Esses registros demonstram, além da preocupação das autoridades, o que denota a relevância da “questão indígena” durante o Segundo Reinado, que os indígenas se aproveitavam de mecanismos da “sociedade nacional” a qual foram sujeitados para resolver problemas e alcançar seus objetivos: neste caso, requisitando que os perpetradores dos crimes fossem punidos pela justiça.

**Palavras-chave:** Conflito entre indígenas Kaingang; estratégias indígenas; fontes administrativas; províncias do Paraná e do Rio Grande do Sul; Império brasileiro.

## 06 - ESCRAVIDÃO ILEGAL INDÍGENA NO BRASIL: EXPERIÊNCIAS A PARTIR DO PIAUÍ E ESPÍRITO SANTO - SÉCULO XIX.

*Tatiana Gonçalves de Oliveira (UESPI)*

**Resumo:** O objetivo desta apresentação é analisar de forma comparativa os indícios de escravidão ilegal indígena no Brasil oitocentista a partir das experiências das províncias do Espírito Santo e Piauí. O recorte inicial para esta pesquisa é o ano de 1850, quando da publicação da Lei de Terras se reorganizou a política fundiária no país e procurou-se restringir o acesso à terra e viabilizar a incorporação precarizada do trabalho de pessoas que viviam à margem da propriedade territorial, como os indígenas. Nos interessa compreender o fenômeno da escravização ilegal indígena no século XIX como parte da estruturação de uma política de expropriação das terras coletivas e deslegitimação das identidades indígenas. A documentação utilizada encontra-se sob a guarda de diferentes instituições, como Arquivo Público do Piauí, Arquivo Público do Espírito Santo e Biblioteca Nacional. A análise comparativa pressupõe o entendimento das especificidades e semelhanças que marcaram as experiências históricas dos indígenas escravizados de forma ilegal no século XIX, buscando elucidar um fenômeno ainda pouco compreendido pela historiografia especializada.

**Palavras-chave:** Escravidão ilegal; indígenas; Império.

## 07 – A RESISTÊNCIA ADAPTATIVA DOS PURI CONTRA A COLONIZAÇÃO DO GOVERNO PROVINCIAL E PARTICULARES NA PROVÍNCIA DO ESPÍRITO SANTO NO PERÍODO DE 1845 A 1860.

*Sérgio Vinicius Lyrio Ganda (UFES)*

**Resumo:** Esta pesquisa pretende analisar as formas de resistência dos Puri na Província do Espírito Santo, contra o avanço do sistema colonial imposto pelo governo provincial e particulares, no período de 1845 até 1860, a fim de construir uma historiografia afirmativa da presença indígena na sociedade capixaba. A partir das variadas formas de resistência dos Puri, utilizamos a metodologia da Nova História Indígena, evidenciando as disputas territorialistas entre o aldeamento, os indígenas, o governo provincial e os particulares, que se reconstituem no Regulamento de Missões e Catequese de 1845, e acabam por criar uma zona de contato entre estes diferentes grupos sociais. O objetivo geral é analisar as formas de resistência dos Puri na província, para observar como as formas de resistir se relacionam com as disputas territorialistas, ao mesmo tempo, investigar a relação direta entre a ação “civilizatória” da política dos aldeamentos com a utilização da sua mão de obra compulsória nos serviços do Estado, analisar como o ponto de contato do Aldeamento Imperial Afonsino organiza relações porosas entre os grupos que fazem parte das interações sociais deste aldeamento. Além disto, busca-se explicar o papel da integração dos indígenas na corporação militar, e por último, descrever a movimentação de Puris na fronteira entre a província do Espírito Santo e Minas Gerais. Assim, percebe-se as várias formas de resistência dos Puri, se integrando à sociedade civil, seja se aldeando ou integrando-se a um particular, ocupando os espaços que outrora não poderiam ocupar, ou mesmo fugindo do aldeamento. Conclui-se que, a despeito de toda a pressão colonizadora que sofreram, os Puri da província do Espírito Santo encontraram formas de resistência adaptativa ao extermínio e enquadramento social forçado promovido pelas autoridades na província do Espírito Santo no período analisado.

Neste sentido, foi iniciada uma busca pelos Puri da região sul da floresta Atlântica que cobria o Espírito Santo e províncias vizinhas ao sul, para anexá-los no Afonsino; a população Puri encontrada nas margens do rio Itabapoana foi transferida para o aldeamento Afonsino. O aldeamento era utilizado como forma de manutenção da mão de obra compulsória dos Puri aldeados, logo o governo provincial passava a solicitar o ‘serviço público’ destes Puri nas guerrilhas para combater os quilombos ou na construção e manutenção da estrada São Pedro de Alcântara. Esta estrada era considerada de importância fundamental para a interligação econômica das províncias do Espírito Santo e de Minas Gerais, e beneficiava os fazendeiros que apoiavam a redução dos Puri ao aldeamento. Muitos indígenas também entraram nas corporações militares, como a Companhia Provisória dos Caçadores de Linha, que passou a recrutá-los para lutarem contra a fuga de escravizados e a manutenção de nativos nos sertões, em prol da efetivação do Regulamento de Missões e Catequese de 1845, que afirma juridicamente a obrigação de integrar os povos indígenas nos aldeamentos, expulsando-os, portanto, de suas terras. Este mecanismo de recrutamento ficou claro no Fundo de Polícia do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. A pesquisadora Vânia Moreira, em seu artigo “Entre as vilas e os sertões: trânsitos indígenas e transculturações nas fronteiras do Espírito Santo (1798-1840).”, publicado em 2011, a partir da corrente historiográfica, Nova História Indígena, afirma que, em relação aos Puri e os povos indígenas do sertão do Espírito Santo, os diferentes pontos de contato entre nativos, colonos, as missões religiosas como os aldeamentos e as regiões policiadas, se desenvolvem movimentações transculturais porosas entre todas as partes envolvidas nestas relações sociais. O historiador Julio Bentivoglio, em seu artigo “O antigo estado de coisas: apontamentos para a história dos povos indígenas no sul da província do Espírito Santo.”, publicado em 2019, afirma que as formas de resistir não necessariamente seguiam linhas étnicas, porque foi construída pela estrutura de poder Imperial, uma binaridade entre o “índio civilizado”, “índio selvagem”, “índio aldeado” e “índio não aldeado”, desenvolvendo assim novas noções de identidade que colocavam em conflito as ligações étnicas, construindo uma sociedade na qual as formas de identificar os indígenas fossem mais por estas binaridades do que pelas próprias etnias em si. A Resistência

Adaptativa foi organizada a partir da subjetividade dos indivíduos e das pequenas agrupações dentro das variadas etnias, portanto, não é possível generalizá-las em tipos isolados de resistência para uma determinada etnia. A pesquisadora Tatiana Oliveira afirma que houve resistência na Província do Espírito Santo, segundo a autora, a integração a sociedade imperial não desvirtua a resistência, porque esta integração é constituída de adaptações feitas pelos povos indígenas na relação com particulares, governo provincial e aldeamento; estas conciliações complexificam as relações entre os diferentes grupos presentes no sistema colonial, criando as Zonas de Contato, que foi um termo elaborado pela historiadora Mary Louise Pratt e também utilizado por Vânia Maria Losada Moreira, afirmando que as Zonas de Contato possuem um aspecto híbrido, mestiço e transcultural, e que os indígenas dentro desta zona de contato com particulares, aldeamento e governo provincial, transitam entre vilas e sertões(2011), e “em um gradiente que poderia ser temporário, cíclico ou definitivo, entre os dois lados de uma fronteira porosa e sempre em movimento.” (Moreira, 2011).

**Palavras-chave:** Nova História Indígena; Resistência Adaptativa; Zonas de Contato.

**ST 11: Existências, Saberes e Resistências Indígenas e Quilombolas no Brasil Contemporâneo.**

**Coordenadora: Profa. Dra. Simoní Portela Leal (UFPI)**

**01 – IDENTIDADE E TRADIÇÃO: VIVÊNCIAS NO IX ENCONTRO DE CASAS DE TERREIROS DE COMUNIDADES QUILOMBOLAS.**

Francisca Jéfany Calácio *Pereira* (UFPI)

**Resumo:** Este trabalho descreve a experiência vivenciada durante o IX Encontro de Casas de Terreiros de Comunidades Quilombolas no Quilombo Custaneira-Pi, em junho de 2025, com o objetivo de registrar as trocas culturais e a resistência ancestral observadas. Por meio da imersão nas atividades, desde rodas de conversa sobre educação quilombola até apresentações como a Lezeira, constatamos como os saberes tradicionais se renovam na prática coletiva, fortalecendo identidades e redes de solidariedade. O diálogo entre lideranças, acadêmicos e comunidades evidenciou não apenas a vitalidade cultural, mas os desafios enfrentados para manter vivas essas tradições diante das pressões externas. A vivência reforçou o quilombo como espaço de memória ativa, onde os conhecimentos ancestrais se transmitem através das gerações e se atualizam no cotidiano da luta por reconhecimento.

**Palavras-chave:** Quilombo; cultura; tradição; resistência.

## 02 – CABOCLAS E QUILOMBOLAS, ENTRECRUZOS IDENTITÁRIOS E PRÁTICAS DO FEMININO NA TRANSMISSÃO DO SERTÃO DE RODELAS, O PIAUÍ.

*Simoni Portela Leal (UFPI)*

**Resumo:** Em diálogos estabelecidos com comunidades quilombolas de Paulistana-PI para o doutoramento em Educação - PPGED/UFPI (2023), nos deparamos com vasta narrativa sobre os elementos simbólicos de afirmação identitária a partir das relações das caboclas (“amansadoras de égua e donas da terra”) com os quilombamentos, que juntas/os resistiam à opressão colonial das fazendas de gado na região. Assim, quando descrevem seus saberes e fazeres como parte de um Sertão nordestino, as caboclas, nos instigam a ampliar as fronteiras epistêmicas do devir feminino, coletivo e interseccional a partir das ancestralidades como possibilidades de constituição e transmissão de territórios de *confluências* (SANTOS, 2015). Para isso, dialogamos com as referidas comunidades sob a abordagem qualitativa *de rodas de conversas*, dinâmica estabelecida pelas comunidades na transmissão da sua história e cultura. Ainda discutimos com autores como Leda Martins (2021), Ailton Krenak (2019) (2020) (2022), Mariléa Almeida (2022), Clóvis Moura (2019) (2020) e Antônio Bispo dos Santos (2015) (2023) que, dentro do contexto-tempo da sua escrita, contribuem para a ampliação e discussões dos estudos *contracoloniais*. O chamamento do trabalho direciona para compreensão dos entrecruzos identitários a partir das caboclas e quilombolas na (re)construção da etnicidade e territorialidade a partir das sabenças e experiências do ser feminino em Comunidades.

**Palavras-chave:** Caboclas, quilombolas, etnicidade, territorialidade, Sertão.

### 03 – ENTRE TERRITÓRIO, CORPO E MEMÓRIA: PRÁTICAS ORGANIZATIVAS E SABERES DO FEMINISMO INDÍGENA NA PRODUÇÃO DE HISTÓRIAS OUTRAS.

*Elayne da Silva Nascimento (MUPI)*  
*Celina Maria de Souza Olivindo (UFDPAR)*

**Resumo:** Este trabalho problematiza como o feminismo indígena, enquanto prática situada, tensiona narrativas históricas hegemônicas ao produzir outras formas de conhecimento ancoradas no corpo, no território e na memória. Parte-se do entendimento de que mulheres indígenas não apenas integram a história, mas a constroem cotidianamente por meio de práticas organizativas, saberes ancestrais e redes de cuidado que articulam resistência, existência e continuidade da vida coletiva. O estudo tem como objetivo analisar como essas práticas reconfiguram a relação entre história, organização social e produção de conhecimento, deslocando o olhar da historiografia tradicional para experiências vividas, sensíveis e territorializadas. Metodologicamente, adota-se uma abordagem pós-qualitativa, inspirada na etnografia sensorial, considerando narrativas, memórias e experiências corporificadas como fontes legítimas de análise e produção de saber. Como contribuição, evidencia-se que o feminismo indígena opera como epistemologia viva, na qual o território se constitui como extensão do corpo e da ancestralidade, produzindo histórias que rompem com a colonialidade do saber, reposicionam sujeitos historicamente silenciados e afirmam outras formas de existir, organizar e narrar o mundo.

**Palavras-chave:** Feminismo indígena; Corpo-território; Memória; Ancestralidade; Decolonialidade.

## 04 – ENTRE O RIO E A MEMÓRIA: RETOMADA ANCESTRAL, LUTA E RESISTÊNCIA INDÍGENA NA FRONTEIRA PIAUÍ-MARANHÃO.

*Celina Maria de Souza Olivindo (UFDPAR)*

**Resumo:** Este trabalho parte do problema de como memórias familiares, territorialidades vividas e saberes sensíveis podem revelar continuidades indígenas historicamente invisibilizadas na fronteira Piauí-Maranhão. Objetiva compreender como a trajetória de Luzia, Nazaré e Celina expressa processos de ancestralidade, luta e retomada, articulando memória oral, território e pertencimento. Fundamenta-se no debate sobre colonialidade e resistência (QUIJANO, 2005; KRENAK, 2019), dialogando com uma abordagem pós-qualitativa, em que pesquisar significa acompanhar intensidades, relações e afetos. Metodologicamente, mobiliza a etnografia sensorial (PINK, 2015), a leitura dos afetos em Spinoza, retomada em abordagens contemporâneas da prática (GHERARDI, 2016), e a análise evocativa de base estética proposta por Strati (2007), permitindo interpretar rio, cantorias, práticas de cura, trabalho na terra e memórias corporificadas como expressões de conhecimento e existência. A reflexão ancora-se em referências etno-históricas sobre presenças Tremembé e Tapuia no Baixo Parnaíba e em indícios de ancestralidade genética ameríndia, compreendidos não como prova isolada, mas como parte de uma ecologia de evidências. Os resultados indicam que a ancestralidade emerge como experiência sensível e política, manifestada em vínculos com a terra e as águas, em práticas intergeracionais de resistência e na reinscrição da luta indígena como permanência histórica. Conclui-se que a retomada ancestral constitui gesto epistemológico e político de reexistência frente ao apagamento colonial.

**Palavras-chave:** Ancestralidade indígena; retomada ancestral; etnografia sensorial; territorialidade; reexistência.

## 05 – CHUVA, ARCO-ÍRIS E O DRAGÃO IORUBÁ: PERSPECTIVAS DRACÔNICAS NA COSMOLOGIA IORUBANA DE OXUMARÊ ATRAVÉS DE PONTOS CANTADOS.

*Rebeca Maria da Silva Lima (UFPI)*

**Resumo:** O imaginário popular ocidental majoritariamente associa a figura dos dragões ao medievo Europeu, enquanto ser fictício cuspidor de fogo e signo do mal, exemplo de entidade a ser combatida e suprimida por heróis e santos. As narrativas decoloniais por vezes buscam na Ásia outros arquétipos do dragão, o *long* que por sua natureza representa a água, benevolência e a figura de seres celestiais, surge a esse exemplo. Todavia, o questionamento que norteia o presente trabalho baseia-se ainda na ótica decolonial do imaginário dracônico, tomando como espaço da análise o continente africano, mais especificamente para a cultura iorubá que através da diáspora chegou na América Portuguesa. Por meio disso surgem os questionamentos: existem dragões na cultura Iorubá? Como e quem são estes dragões? Assim, tomando a figura dos Orixás objetivamos analisar diferentes perspectivas deste dragão na cosmologia iorubana, possuindo como figura central Oxumarê, o senhor das chuvas e a cobra arco-íris, através de pontos cantados afro-religiosos da Umbanda e Candomblé. Ao adentrarmos no campo da História Cultural abordaremos as representações de Roger Chartier; em paralelo ao trabalhar com o campo de História das religiões Max Weber será de grande relevância, onde ambas bases teóricas dialogam à bibliografia de autores brasileiros e africanos, como Reginaldo Prandi e Jacob Olupona.

**Palavras-chave:** Dragão; Cultura Iorubá; Oxumarê.

## 06 – FESTAS JUNINAS E CULTURA INDÍGENA: PROCESSOS DE HIBRIDIZAÇÃO CULTURAL NO BRASIL.

*Adriano Castro de Souza* (UFDFPAR)  
*Celina Maria de Souza Olivindo* (UFDFPAR)

**Resumo:** As festas juninas constituem uma das mais importantes manifestações da cultura popular brasileira, tradicionalmente associadas às celebrações católicas dedicadas a Santo Antônio, São João e São Pedro. Contudo, sua constituição histórica ultrapassa a herança europeia, revelando complexos processos de intercâmbio cultural entre portugueses, povos indígenas e populações africanas. Conforme afirma Luís da Câmara Cascudo (2012), as festas populares brasileiras foram moldadas pela convivência entre diferentes matrizes culturais, especialmente durante o período colonial. Nesse sentido, compreender as festas juninas no Brasil exige reconhecer a participação ativa dos povos originários na construção de símbolos, rituais, práticas alimentares e expressões culturais que permanecem vivas na contemporaneidade. Na Europa, especialmente em Portugal, as festas joaninas coincidiam com o solstício de verão no Hemisfério Norte, período historicamente associado a antigos rituais agrários voltados à fertilidade da terra, à proteção das colheitas e à celebração dos ciclos da natureza. Fogueiras, cantos coletivos, danças e cerimônias religiosas integravam essas festividades. Com a colonização portuguesa, tais tradições foram transferidas para o território brasileiro e progressivamente adaptadas às condições socioculturais da colônia. Entretanto, ao chegarem ao Brasil, os colonizadores encontraram povos indígenas que já possuíam sistemas simbólicos próprios, articulados à agricultura, à espiritualidade, aos ciclos naturais e às práticas comunitárias de celebração. Segundo Darcy Ribeiro (1995), a cultura brasileira foi constituída por intensos processos de contato, negociação e mistura entre diferentes povos, produzindo manifestações híbridas e singulares. Nessa perspectiva, as festas juninas passaram por contínuos processos de ressignificação cultural, incorporando elementos indígenas presentes no cotidiano das comunidades originárias. O milho, por exemplo, alimento

central nas práticas alimentares e cosmológicas indígenas, tornou-se um dos principais símbolos das celebrações juninas brasileiras, estando presente em pratos típicos como pamonha, canjica, mungunzá e bolo de milho. Assim, os alimentos deixam de representar apenas práticas culinárias e passam a expressar memórias, territorialidades e saberes ancestrais. Entre os exemplos da influência indígena destaca-se a tradição da fogueira e da bênção do milho novo realizada pelos Guarani Mbyá, pertencentes à família Tupi-Guarani. Esse ritual ocorre no final de agosto ou início de setembro, marcando o início da primavera e simbolizando fertilidade, renovação e proteção espiritual. A presença do fogo como elemento sagrado aproxima práticas indígenas dos rituais juninos cristianizados, evidenciando permanências culturais que atravessaram o processo de colonização e permanecem inscritas nas festividades populares brasileiras. Além disso, Stuart Hall (2015) destaca que as identidades culturais são construídas por meio de processos históricos de negociação, deslocamento e transformação contínua. Dessa forma, as festas juninas brasileiras não podem ser compreendidas exclusivamente como herança europeia, mas como resultado de um amplo processo de hibridização cultural, no qual elementos indígenas, africanos e portugueses se articulam na produção de novas formas simbólicas. As celebrações juninas, portanto, configuram-se como espaços de memória coletiva, resistência cultural e reinvenção identitária. Este estudo adota uma abordagem pós-qualitativa fundamentada na perspectiva da sociomaterialidade proposta por Silvia Gherardi (2019), compreendendo as festas juninas como práticas sociais produzidas nas relações entre sujeitos, objetos, símbolos, territorialidades e materialidades culturais. A investigação dialoga com a etnografia sensorial de Sarah Pink (2015), considerando os sentidos, as experiências corporais, os sons, sabores, cores, cheiros e afetos presentes nas festividades como elementos constitutivos da cultura. Utiliza-se ainda a estratégia analítica de zoom in e zoom out desenvolvida por Davide Nicolini (2009), permitindo observar simultaneamente as micropáticas culturais das celebrações e os contextos históricos, sociais e políticos mais amplos que atravessam tais manifestações. Complementarmente, a análise evocativa inspirada na estética organizacional de Antonio Strati (2007) possibilita compreender os significados simbólicos, afetivos e sensoriais presentes

nas práticas culturais, valorizando as dimensões estéticas e experienciais das festas populares. Analisar a influência indígena nas festas juninas significa reconhecer a centralidade dos povos originários na formação das tradições culturais brasileiras. Mais do que simples adaptações das festividades europeias, as festas juninas no Brasil representam encontros históricos entre diferentes saberes, crenças, práticas e materialidades culturais, preservando marcas da ancestralidade indígena ainda presentes na contemporaneidade e reafirmando a pluralidade que constitui a identidade cultural brasileira.

**Palavras-chave:** : Festas juninas; Cultura indígena; Hibridização cultural; Povos originários; Cultura popular brasileira.

## 07 – SABER E FAZERES AFRO-INDÍGENAS NO PIAUÍ: DIÁLOGOS ENTRE EXTENSÃO E COMUNIDADES TRADICIONAIS.

*Adalto Domingos Ferreira Filho (UFPI)*

*Eliardo Soares e Silva (UFPI)*

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo apresentar o projeto de extensão Saberes e Fazeress Afro-Indígenas no Piauí, destacando sua função e os diálogos estabelecidos entre a universidade e as comunidades tradicionais. A proposta consiste em promover a aproximação com comunidades quilombolas e indígenas do estado, buscando compreender suas dinâmicas culturais, sociais e os desafios presentes em seus cotidianos. Por meio de visitas de campo, o projeto visa conhecer e valorizar os saberes e fazeres dessas comunidades, articulando-os com os debates acadêmicos desenvolvidos na Universidade Federal do Piauí. Nesse sentido, a extensão universitária configura-se como um espaço de troca e construção compartilhada de conhecimento buscando fortalecer vínculos com lideranças indígenas e quilombolas, incentivando sua participação em atividades acadêmicas, como aulas, oficinas e eventos, contribuindo para um ambiente mais plural, baseado no respeito à diversidade e na valorização dos saberes tradicionais.

**Palavras-chave:** Extensão; Ancestralidade; Territorialidade; Identidade.

## 08 – AS OFICINAS E CONFLUÊNCIAS DE SABERES INDÍGENAS EM PIRIPIRI E A RELEVÂNCIA DE UMA HISTÓRIA ANTROPOLÓGICA.

*Ana Beatriz Magalhães Melquiades (UFPI)*

*Karllos Miguel Marinho Andrade (UFPI)*

**Resumo:** O presente trabalho analisa as oficinas indígenas realizadas pelos Tabajaras Ypy, no Canto da Várzea, em Piripiri, com apoio do Núcleo Piauí Afro-indígena, destacando a relevância de que os povos indígenas contem suas próprias histórias, costumes, saberes e fazeres. Desse modo, buscamos analisar e compreender a relevância de uma abordagem histórico-antropológica, investigando a história indígena local a partir de vivências com a comunidade bem como aprendendo e entendendo o modo de viver, fazer e entender o mundo físico e espiritual para além do que é escrito e da historiografia tradicional que pretere a abordagem antropológica. Dessa forma, salientamos a importância das confluências e trocas como meio para uma historiografia mais inclusiva e que dê voz ativa e efetiva aos povos originários de nosso solo. Destacando essa como uma história presente e que se reinventa, resgata e mantém viva a memória dos ancestrais.

**Palavras-chave:** Oficinas; Saberes; Confluências; História Antropológica.

## 09 – GRAFISMO INDÍGENA CORPORAL: TESSITURA DE LINGUAGENS E MEMÓRIAS.

*Rodolfo de Sousa Pereira (IFPI)*

*Joselma Ferreira Lima e Silva (IFPI)*

**Resumo:** A pesquisa versa sobre o Grafismo Corporal Indígena, de modo a considerar a linguagem corporal indígena piauiense, constituída por aspectos simbólicos da vida sociocultural que permitem a transmissão de significados historicamente construídos, possibilitando a preservação da memória coletiva por meio da perpetuação de costumes. Expressam a linguagem visual geométrica e simétrica, as formas, cores e vetores, os conteúdos ideológicos e discursos simbólicos que possibilitam ampliar a compreensão das relações estabelecidas entre os povos indígenas no Piauí. Um estudo que ocorre no contexto da Licenciatura Intercultural Indígena – PARFOR Equidade, que permite questionar os traços enrijecidos no imaginário brasileiro, reflexo de uma alienação histórica eurocêntrica, por meio da qual se percebe o “índio” como ser primitivo, destituído de memória histórica valorosa, eivado de costumes e tradições ultrajantes. As discussões teóricas, críticas e reflexivas, ancoradas no campo da História Cultural e da História Oral, considerando os resultados de uma pesquisa e um projeto de extensão com povos indígenas de Piripiri-PI na produção de grafismo corporal, destacando sobre a linguagem indígena piauiense, seu aspecto visual geométrico e simétrico, suas formas, cores e vetores, despertando ainda para a importância da valorização da memória coletiva, costume, tradição, tecendo conceitos elementares.

**Palavras-chave:** Grafismo Corporal Indígena. Povos Piauienses. Linguagem e Memória coletivas. História Cultural e Oral.

## 10 – EVIDÊNCIAS DA CULTURA MATERIAL/IMATERIAL KARIRI NOS SERTÕES DO CARIRI CEARENSE NA CONTEMPORANEIDADE.

*Antonio José de Oliveira (UFRN)*

**Resumo:** O presente artigo discute um pouco das evidências histórico/arqueológicas dos indígenas Kariri que atuaram nos sertões sul da capitania do Ceará no período colonial. Partindo das observações dos comportamentos que a população manifesta nas suas mais diversas práticas materiais e imateriais na atualidade, foi possível compreender importantes traços culturais desse povo dito como extintos na região. Percebi, que nos rituais das benzedeiras, na sensibilidade dos caçadores, no artesanato de barro, na toponímia da região e dos muitos utensílios materiais que a população mais simples se utiliza, havia muito dos Kariri. Os vestígios de origens arqueológicas (igaçabas, machados, cachimbos) encontrados entorno da chapada do Araripe, tem remetido a compreender parte da história desse povo e que nos levam a entender não só como se davam as manifestações da vida material, mas também parte do seu sistema de crenças. Analisando-os como componente de uma complexidade sociocultural construída e vivenciada por eles, tais objetos, sejam de uso cotidiano ou ritualístico, de alguma forma, refletem as práticas culturais de diversos grupos Kariri que naquele espaço se estabeleceram a milhares de anos.

**Palavras-chave:** Etnia Kariri, Cultura Material, Contemporaneidade.

## 11 – A ESPERANÇA COMO ESTRATÉGIA DE SOBREVIVÊNCIA: OS WARAO NO PIAUÍ.

*Pétala Medeiros Leite (UESPI)*  
*Luciano Silva Figueiredo (UESPI)*

**Resumo:** Diante da realidade vivenciada pela comunidade Warao em sua diáspora para o Brasil até se estabelecerem em Teresina, percebe-se a esperança como um fator preponderante nas escolhas tomadas como possibilidade de sobrevivência em outros lugares, no intuito de terem e contribuir para melhores condições de vida aos seus parentes. Objetiva-se compreender o papel da esperança como fator estratégico de sobrevivência adotado pela comunidade Warao durante sua diáspora para o Brasil, desde a saída de seu território de origem até o estabelecimento em Teresina (PI). A metodologia possui natureza qualitativa e dedutiva, baseando-se em revisão bibliográfica, análise de notícias e relatórios oficiais. Identifica-se como a esperança atua como um recurso simbólico e emocional que mobiliza ações concretas de deslocamento, adaptação e resistência diante das adversidades em terras desconhecidas, elevando-a à uma constituição concreta que a comunidade usufrua. Além disso, a esperança se manifesta individualmente, mas como estratégia coletiva de sobrevivência, influenciando a organização comunitária, as redes de solidariedade e a continuidade dos projetos de vida mesmo em condições de vulnerabilidade. Ela se constitui de diversas formas e podem ser impulsionadoras de ações que levam a transformação, principalmente em momentos de crise.

**Palavras-chave:** mobilização social; esperança; bem-viver; Warao.

## **ST 12: Existências e Resistências Indígenas no Brasil Contemporâneo: Identidade e a luta pela Terra.**

**Coordenadores: Prof. Dr. Paulo Eduardo Rolim Campos (UFPI) e Prof. Me. Gisvaldo Oliveira da Silva (UESPI)**

### **01 - INVASÕES DE TERRAS INDÍGENAS NO MARANHÃO: IMPACTOS DA EXTRAÇÃO ILEGAL DE MADEIRA, DA GRILAGEM E DA VIOLÊNCIA SOBRE OS POVOS ORIGINÁRIOS.**

*Adriana Dias Silva (UFMA)*

**Resumo:** O presente artigo analisa as invasões de terras indígenas no estado do Maranhão, com foco nos impactos provocados pela extração ilegal de madeira, expansão da pecuária, grilagem de terras, conflitos agrários e pela violência (física, simbólica, institucional) contra povos indígenas. Historicamente, os territórios indígenas têm sido alvo constante de disputas decorrentes da expansão econômica, da exploração de recursos naturais e da ausência de políticas públicas eficazes no combate à violência sobre os povos originários. No Maranhão, essa realidade se manifesta de forma intensa, atingindo povos como os Guajajara, Awá-Guajá e Krikati, situados nas áreas de transição entre o Cerrado e a Floresta Amazônica (pré-Amazônia), cujos modos de vida estão diretamente ligados à preservação de seus territórios. A pesquisa tem como objetivo compreender como essas práticas ilegais afetam as dimensões sociais, culturais e ambientais das comunidades indígenas e a sobrevivência dessas populações, além de validar os limites das políticas públicas voltadas à proteção dos direitos indígenas. A metodologia utilizada baseia-se em revisão bibliográfica e análise de dados recentes sobre conflitos territoriais no estado do Maranhão. Conclui-se que, apesar dos avanços legais assegurados pela Constituição Federal de 1988, ainda persistem desafios significativos na garantia dos direitos territoriais e na proteção das comunidades indígenas.

**Palavras-chave:** Povos indígenas; Maranhão; Território; Grilagem; Violência.

## 02 – AMAZÔNIA NARRADA E DISPUTADA: MEMÓRIA, SABERES ANCESTRAIS E AUTODECLARAÇÃO IDENTITÁRIA.

*Maianne Caroline da Silva e Silva* (UFPA)

*Raquel Amorim dos Santos* (UFPA)

**Resumo:** O presente estudo surge como uma proposição reflexivo-teórica sobre a Amazônia entendida e traduzida como um espaço de memória ancestral e campo de disputa de narrativas em torno de sua especificidade enquanto território marcado por diferentes processos de invasão e invenção colonialista. Articulamos essa reflexão-teórica as contribuições dos Estudos Culturais e da perspectiva decolonial. Partimos do entendimento de que Amazônia foi historicamente narrada e representada por regimes de representações coloniais que produziram apagamentos, invisibilidade e subalternizaram saberes ancestrais e limitaram o reconhecimento de identidades coletivas dos povos, a exemplo dos indígenas, que transformaram a floresta em lar. Nesse contexto, a memória é abordada para além do ato de lembrar, mas como prática política daqueles que não tiveram o direito de falar, por meio da qual experiências históricas e modos de vida tradicionalmente silenciados surjam como contranarrativas ao discurso colonialista hegemônico. o estudo discute os saberes ancestrais indígenas e negros como epistemologias vivas que desafiam a colonialidade do saber e restituem as relações entre território, cultura e identidade. Analisamos, ainda, a autodeclaração identitária como ato político e narrativo, compreendido não apenas como afirmação essencialista (Hall, 2016), mas como prática situada de reposicionamento histórico e reivindicação de pertencimento.

**Palavras-chave:** Colonialidade; Amazônia narrada; memória, saberes ancestrais; autodeclaração identitária.

### 03 – CARTOGRAFIA HISTÓRICA, ETNOGRÁFICA E SOCIOAMBIENTAL DOS POVOS INDÍGENAS CABOCCLOS AKROÁ-GAMELLA E GUEGUÊ DO SANGUE DE URUÇUÍ-PI.

*Rayara Silva da Mota (UESPI)*

**Resumo:** O presente trabalho realiza uma análise cartográfica, histórica, etnográfica e socioambiental dos grupos indígenas Akroá-Gamella e Gueguê do Sangue, situados no município de Uruçuí, estado do Piauí. Tem como principais objetivos promover o debate e a valorização da história dos povos indígenas do Piauí a partir de suas próprias experiências, evidenciando sua resistência, cultura, modos de vida e seus processos de luta por demarcação de terra e contra a grilagem de seus territórios. A metodologia adotada fundamenta-se em uma pesquisa qualitativa, direcionada para a compreensão das experiências e significados construídos pelos sujeitos a partir de suas realidades sociais e culturais. Associada a essa abordagem, utilizou-se a cartografia histórica e etnográfica, mediante os estudos de campo, entrevistas com lideranças indígenas, análise documental e acompanhamento das mobilizações registradas por órgãos como o Conselho Indigenista Missionário. Os resultados se expressam na contribuição para a visibilidade das identidades dos povos indígenas e fortalecimento de suas lutas pela garantia de direitos. Ao mesmo tempo, como forma de combate ao silenciamento e negação da presença indígena no Piauí, enfatizando o protagonismo dos povos indígenas na construção de suas histórias. Portanto, evidenciam como os povos Akroá-Gamella e Gueguê do Sangue se articulam na resistência política e cultural permanentemente.

**Palavras-chave:** Cartografia; Akroá-Gamella; Gueguê do Sangue.

#### 04 – “NÓS FOMOS BUSCAR UM ABRIGO NA BAIXA FUNDA”: MEMÓRIA, TERRITÓRIO E RETERRITORIALIZAÇÃO DOS AKROÁ-GAMELLA APÓS A EXPULSÃO DO TERRITÓRIO SANTO ANTÔNIO.

*Rebeca Freitas Lopes (UNIFESP)*

**Resumo:** A comunidade Baixa Funda, situada no vale do rio Uruçuí-Preto, a aproximadamente 190 km do município de Uruçuí (PI), é composta por cerca de 90 famílias indígenas e integra o processo de reterritorialização do povo Akroá-Gamella. Sua formação está vinculada à diáspora da comunidade Santo Antônio, ocorrida na década de 1970, em um contexto marcado por deslocamentos forçados e profundas descontinuidades socioculturais. Este trabalho analisa a constituição e consolidação da Baixa Funda enquanto território étnico, destacando suas dimensões históricas, simbólicas e políticas. Parte-se do entendimento de que o território, para além de sua materialidade, configura-se como espaço de existência, memória e ancestralidade, sendo fundamental para a produção e reprodução das identidades indígenas. Nesse sentido, o movimento que levou à formação da comunidade reflete uma dimensão central das lutas indígenas contemporâneas: a reconstituição dos vínculos territoriais como estratégia de afirmação étnica e sociocultural. A retomada territorial, portanto, configura-se também como retomada de si, do direito de existir, nomear e habitar o mundo a partir das próprias referências cosmológicas e sociopolíticas do povo Akroá-Gamella. Conforme argumenta Godoi (2014), processos de desterritorialização não implicam necessariamente a perda da centralidade do território, podendo, ao contrário, engendrar dinâmicas de reterritorialização. Tal perspectiva é fundamental para compreender a experiência da Baixa Funda, evidenciando que o deslocamento forçado, ainda que marcado por violência, pode favorecer a emergência de novas formas de pertencimento e reorganização coletiva. Assim, a Baixa Funda configura-se como um espaço de resistência ativa, no qual se articulam passado e presente na luta por reconhecimento, direitos territoriais e autonomia,

contribuindo para a compreensão das dinâmicas contemporâneas de reexistência indígena no Brasil.

**Palavras-chave:** Akroá-Gamella; Baixa Funda; Reterritorialização; Território.

## 05 – RESISTÊNCIA INDÍGENA NO SUL DO PIAUÍ: HISTÓRIA E LUTAS DO POVO GUEGUÊ DO SANGUE PELO DIREITO À TERRA.

*Gisvaldo Oliveira da Silva (UESPI)*

**Resumo:** As lutas dos povos indígenas em defesa de suas terras constituem um traço marcante na formação social brasileira. Lutas que expressam a defesa da vida, da democracia, da construção do bem viver para a humanidade. Lutas que teimam em re(existir). No Piauí, durante longo período, as presenças indígenas foram invisibilizadas por uma historiografia que esteve a serviço da narrativa de “extermínio”, isto é, do imaginário colonizador da “conquista”. Na contramão dessa narrativa, desde a década de 1990, diversos grupos indígenas têm construído mobilizações relacionadas a reivindicações de acesso à terra e de afirmação de suas identidades étnicas, demonstrando que estão mais vivos do que nunca. O presente trabalho tem por objetivo analisar a história e lutas pelo direito à terra protagonizadas pelo povo indígena Gueguê do Sangue, que vive no município de Uruçuí, situado na região sul do estado do Piauí. Nos anos 1970 tiveram suas terras invadidas por uma família da elite política local e foram submetidos ao trabalho escravizado, violências físicas e abusos sexuais. Sob a liderança de *Delzenir Pereira dos Santos*, popularmente conhecida como Dona Deusa, e do *Cacique Aurélio*, os Gueguê do Sangue tem resistido aos processos de usurpação de suas terras. Como parte desse processo fundaram em 2020 a Associação dos Povos Pró-Índio do Sangue de Uruçuí (Apisu). A trajetória deste povo pela garantia do direito à terra e reconhecimento étnico frente ao Estado constitui o foco de nossa reflexão.

**Palavras-chave:** Resistência indígena. Piauí. Gueguê do Sangue. Direito. Terra.

## 06 – ENTRE “O SONHO E O FEIJÃO”: A (DI)GESTÃO ESTADUAL NO PROCESSO DE REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA PARA POVOS INDÍGENAS DO PIAUÍ (2006-2026).

*Paulo Eduardo Rolim Campos (UFPI)*  
*Luciana Melo de Medeiros Rolim Campos (UFPI)*

**Resumo:** A Constituição Federal de 1988 trata o pacto federativo como o conjunto de regras que disciplina a relação entre os entes federados: Municípios, Distrito Federal, Estados e União. Nela também são definidas as atribuições e competências que são exclusivas de cada ente, bem como as que são concorrentes e comuns quanto a execução de políticas públicas, a exemplo de educação, saúde e segurança. À União compete um conjunto de atribuições referente às populações indígenas, dentre as quais demarcar, proteger e fazer respeitar os direitos originários destas populações sobre a terras que tradicionalmente ocupam, porém, no Estado do Piauí, a gestão estadual por ocasião de governos progressistas, vem assumindo tal responsabilidade, dessa forma, objetiva-se com esta comunicação realizar uma análise da resposta dada à questão agrária por parte do Governo do Estado do Piauí no período de 2006-2026, com destaque à regularização fundiária de territórios ocupados por povos e comunidades tradicionais, em especial povos indígenas.

**Palavras-chave:** INTERPI; Políticas Públicas; Reservas Indígenas; Terras Indígenas.

## 07 – O IMPACTO DA LEI 7.389/2020 PARA OS POVOS INDÍGENAS DO PIAUÍ.

*Sara Sâmelá Lima (UFPI)*

**Resumo:** Esse estudo tratará da lei 7389 que foi publicada no dia 27 de agosto de 2020, no governo do governador Wellington Dias, lei essa que reconhece a existência de povos indígenas no território do estado do Piauí, esse tema tem como recorte o atual mundo contemporâneo, o cenário em que os indígenas piauienses estão vivendo antes e depois do reconhecimento da sua existência e dos seus direitos. A presente pesquisa busca entender o que fez com que essa lei fosse criada e quais são os efeitos dela na atual vida da nossa população indígena. Esse estudo também pretende investigar porque que apenas no ano de 2020 houve esse reconhecimento, entender melhor o motivo desse reconhecimento tardio.

**Palavras-chave:** Indígenas; Piauí; Legislação.

## 08 – OS MOVIMENTOS DOS POVOS INDÍGENAS NO PIAUÍ: LUTA, IDENTIDADE E TERRITÓRIO [2010-2015].

*Jaíra de Sousa Luz (UFPI)*

**Resumo:** Este trabalho analisa os movimentos de luta e resistência dos povos indígenas no Piauí entre 2010 e 2015, destacando como essas mobilizações contribuíram para a afirmação da identidade, da cultura e dos direitos territoriais. A pesquisa parte do reconhecimento de que, durante muito tempo, os povos indígenas piauienses foram historicamente invisibilizados, tendo sua existência negada por discursos oficiais e pela própria historiografia regional. Nesse contexto, o estudo busca compreender os processos de reorganização comunitária, fortalecimento político e retomada identitária desenvolvidos nesse período. A pesquisa utiliza abordagem qualitativa, baseada em fontes bibliográficas, documentais, jornalísticas e audiovisuais, incluindo reportagens, entrevistas e registros de mobilizações indígenas. O trabalho também discute o papel das organizações indígenas, das universidades e das instituições públicas na ampliação da visibilidade e no fortalecimento das reivindicações territoriais. Assim, o estudo contribui para a valorização da presença indígena no Piauí e para a construção de uma narrativa histórica mais plural e representativa.

**Palavras-chave:** Povos indígenas; Identidade; Território; Resistência; Piauí.

## **ST 13: Práticas de Cura e Religiosidades Indígenas.**

**Coordenador: Prof. Dr. Reinaldo Forte Carvalho (UPE)**

### **01 – A JUREMA É MINHA MADRINHA: RITO E RELIGIOSIDADE NA COMUNIDADE INDÍGENA TABAJARA YPY.**

*Maurício Silva Amorim (UFPI)*

*Antônio de Pádua Dias Cardoso (UFPI)*

**Resumo:** Este trabalho analisa as manifestações rituais e a cosmovisão religiosa da comunidade indígena Tabajara Ypy, situada no município de Piripiri, Piauí. O foco central reside no culto à Jurema Sagrada, uma expressão de religiosidade afroindígena que amalgama saberes ancestrais nativos com influências das matrizes africanas e do catolicismo popular. O objetivo é compreender como a Jurema atua como um pilar de resistência cultural e reafirmação identitária para este grupo. Os resultados indicam que a Jurema Sagrada na comunidade Tabajara Ypy transborda o campo do “sagrado”, configurando-se como um instrumento político de visibilidade e pertencimento. Ser “afilhado” da Jurema em Canto da Várzea é, para os Tabajara Ypy, uma forma de manter viva a memória de seus ancestrais e garantir o equilíbrio entre o mental e o espiritual diante das pressões externas.

**Palavras-chave:** Tabajara Ypy; Jurema Sagrada; Religiosidade Afroindígena; Umbanda; Identidade Indígena.

## 02 – DO SAGRADO A RESISTÊNCIA: PRÁTICAS RELIGIOSAS INDÍGENAS E O CONFRONTO COM A COLONIZAÇÃO.

*Joaquim Barros Feitosa Junior (UFPI)*

**Resumo:** Este artigo irá analisar as formas pelas quais os povos indígenas utilizaram suas práticas religiosas, tradições e conhecimentos ancestrais como mecanismos de resistência diante do processo de colonização. A pesquisa busca compreender como a espiritualidade indígena chegava a ultrapassar o campo da crença, constituindo-se também como um elemento de organização social, preservação de sua identidade e enfrentamento às imposições culturais da colonização. Ao longo do processo de colonização, missionários e autoridades coloniais tentaram suprimir rituais, línguas e costumes considerados incompatíveis com os valores cristãos ocidentais. Entretanto, diferentes grupos indígenas desenvolveram estratégias para manter vivas suas tradições, seja por meio da adaptação de práticas religiosas, do sincretismo ou da continuidade de cerimônias realizadas de forma oculta. O estudo evidencia que a resistência indígena não ocorreu apenas por meio de conflitos armados, mas também através da preservação de memórias, cosmologias e práticas coletivas que garantiram a continuidade de suas identidades culturais.

**Palavras-chave:** Resistência Indígena; Colonização; Identidade; Cultura.

### 03 – ANCESTRALIDADES E RELIGIOSIDADES NATURAIS DOS POVOS INDÍGENAS NO BRASIL.

*Reinaldo Forte Carvalho (UPE)*

**Resumo:** Esta comunicação pretende apresentar elementos das ancestralidades e religiosidades naturais dos povos indígenas no Brasil. O objetivo central deste estudo é analisar as ancestralidades e religiosidades naturais dos povos indígenas no Brasil. Especificamente, pretende-se compreender as ancestralidades dos povos indígenas; entender as religiosidades naturais indígenas e por fim investigar as práticas de espiritualidades dos povos indígenas no Brasil. Portanto, esta comunicação tem como ponto de partida produzir uma reflexão sobre a diversidade das espiritualidades indígenas no Brasil.

**Palavras-chave:** Ancestralidades, Religiosidades, Espiritualidades, Ritualidades.

## 04 – O USO DAS ERVAS E AS PRÁTICAS DE CURA COMO RESISTÊNCIA INDÍGENA NO PIAUÍ.

*Maria Yasmim de Freitas Santos (UFPI)*

*Flávio Henrique Rodrigues de Lima Silva (UFPI)*

**Resumo:** O presente trabalho aborda como o uso das ervas e as práticas de cura indígenas são formas de resistência e preservação da memória originária face às tentativas de apagamento e esquecimento no território piauiense. A pesquisa parte da compreensão de que esses saberes tradicionais carregam fundamentos ancestrais das cosmologias indígenas, buscando manter a preservação e a memória perante as diversas tentativas de marginalização ao longo da história. Além disso, o trabalho busca analisar como a historiografia tradicional piauiense contribuiu com a narrativa de extermínio indígena no Piauí, narrativa esta que se desmonta quando os povos indígenas do estado reafirmam sua existência por meio da manutenção de seus saberes, práticas e formas de curas, contestando esse discurso que busca invisibilizar sua existência.

**Palavras-chave:** Cura; Saberes; Historiografia; Ervas.

## 05 – AS MATAS E OS RIOS CURAM: CURAS E SABERES ANCESTRAIS INDÍGENAS EM PIRIPIRI/PI.

*Genilson da Penha Rosa (IFPI/UFPI)*  
*Agostinho Júnior Holanda Coe (UFPI)*

**Resumo:** O objetivo desta comunicação é refletir sobre as interfaces entre os procedimentos ditos científicos e os saberes ancestrais dos povos originários do Piauí, notadamente os Tabajaras de Piripiri/PI. A partir de tais confluências, problematizamos como os saberes vinculados a uma ideia de “técnica científica” dificulta o acesso a conhecimentos que estão ligados às vivências cotidianas de Povos e Comunidades Tradicionais, a exemplo dos saberes conduzidos a partir das cosmovivências ancestrais dos povos originários. No afã contemporâneo de se voltar para a compreensão das experiências indígenas, como forma de entender as “angústias” da contemporaneidade, acerca do que Ailton Krenak denominou de “ideias para adiar o fim do mundo” (2020), os cenários de construção do que nomeamos como ciência moderna, cada vez mais apresentam suas fragilidades epistemológicas no que diz respeito às tentativas de acessar conhecimentos ancestrais incompreensíveis aos olhos da lógica contemporânea, sobretudo por estarem baseados em vivências/experiências descoladas das experiências das matas, dos rios. A partir das confluências com os saberes orgânicos e dialogando com Antônio Bispo dos Santos em “A terra dá, a terra quer” (2024), entendemos que os debates sobre as tentativas de aproximação da humanidade com saberes constituídos por povos e comunidades tradicionais só se constituem e materializam à medida em que relativizamos as epistemologias eurocêntricas coloniais.

**Palavras-chave:** Indígenas, Ancestralidade, Curas, Piripiri.

## ST 14: História Indígena no Brasil Colônia e História do Império Português.

Coordenadores: Prof. Dr. Mairton Celestino da Silva (UFPI) e Prof. Dr. Rafael Ricarte da Silva (UFPI)

### 01 – A GUERRILHA INDÍGENA E OS NATIVOS GUERREIROS NA AMAZÔNIA POMBALINA.

*Gustavo Garcia Ramos (UERJ)*

**Resumo:** A presente apresentação propõe-se a analisar o papel de protagonismo das forças nativas na manutenção da defesa e do militarismo da Amazônia Colonial, com um enfoque especial no período pombalino. A escolha desse período não é à toa: durante a gestão pombalina, a região amazônica recebe uma atenção especial das autoridades régias, pela importância estratégica e econômica. Além disso, vemos a implementação de uma reforma militar que busca unificar e padronizar o belicismo colonial e a promulgação do Diretório dos Índios, conjunto de leis que buscava assimilar o indígena à sociedade colonial, transformando-os em súditos da Coroa. A precária implementação das reformas militares e o espaço de ascensão social promovido pelo Diretório vão impulsionar ainda mais a importância das forças indígenas e do seu estilo militar, a Guerrilha Indígena, no belicismo amazônico. Bem como possibilitou que os nativos pudessem articular seu espaço na sociedade através da via militar, uma vez que eles eram vitais para a Coroa. Sem eles, era impraticável a defesa das terras da Coroa ao Norte, reafirmando, assim, o protagonismo dos povos indígenas na história colonial e militar brasileira. O referencial da apresentação se baseia na lógica da “Nova História Militar Brasileira” e da “Nova História Indígena”, pensando, assim, em outras perspectivas historiográficas, bem como na leitura do ambiente defensivo amazônico a partir da análise das correspondências ativas e passivas entre Metrópole e Colônia.

**Palavras-chave:** História Indígena; Guerrilha Indígena; Militarismo; Amazônia Pombalina.

## 02 – DESCENDENTES DA “ÍNDIA” JOSEFA MARIA DA CONCEIÇÃO: GENEALOGIA DE UMA FAMÍLIA MATRIFOCAL NOS SERTÕES DO SERIDÓ (SÉCULOS XVIII-XIX).

*Helder Alexandre Medeiros de Macedo (UFRN)*

**Resumo:** O trabalho objetiva demonstrar as possibilidades de reconstrução da árvore genealógica de “índios” e “índias” que viveram na Freguesia do Seridó, entre o fim do século XVIII e o século XIX. Especificamente, trata da genealogia da “índia” Josefa Maria da Conceição, que provavelmente residiu na Ribeira do Acauã, a qual deixou descendência a partir de três filhos: Manuel Barbosa de Castro, José Roberto de Castro e Manuel do Rosário do Nascimento. Toma, como premissas metodológicas, o uso combinado do método indiciário e do método onomástico, problematizados por Carlo Ginzburg e Carlo Poni, para a montagem da árvore genealógica com ascendentes e descendentes. Como fontes disponíveis para a pesquisa, foram usados livros de registro paroquial e civil, de cidades do Seridó, consultadas, em algumas vezes, a partir das indicações do banco de dados genealógico do Family Search. A montagem dessa árvore genealógica possibilitou encontrarmos descendentes até a sexta geração da índia Josefa Maria, chegando, portanto, ao século XX; realçou a mobilidade espacial entre os seus descendentes, por diversos espaços do Seridó; e sublinhou a mudança de qualidade (no geral, de índio, para pardo, em uma geração) de um descendente para outro.

**Palavras-chave:** História Indígena; Família matrifocal; Genealogia; Seridó; “Índia” Josefa Maria da Conceição.

### 03 – “NÃO EXISTE PECADO DO LADO DE BAIXO DO EQUADOR”: UMA COLÔNIA TRAVESTIDA CHAMADA BRASIL.

*Pedro Rangel Ferreira Silva (UFPI)*

*Klayver Phellipi Gomes de Oliveira (UFPI)*

**Resumo:** O presente trabalho investiga as expressões de sexualidade e gênero dissidentes entre os povos originários do Brasil Colonial, a partir dos relatos produzidos por cronistas e missionários europeus, como Gabriel Soares de Souza (Tratado Descritivo do Brasil, 1587), Pero de Magalhães Gândavo e Yves d'Évreux, que descreveram práticas entre os Tupinambá, os povos do São Vicente e os Timbira. A partir dessas fontes, e fundamentado nas obras de Luiz Mott, Estevão Rafael Fernandes, Judith Butler e Pierre Clastres, o estudo propõe que o olhar colonial sobre os corpos indígenas não era neutro: gênero e sexualidade funcionaram como instrumentos de classificação, sujeição e domínio. Com base em Butler, compreende-se que o sistema colonial operou como um “cistema”, estrutura normativa que constitui práticas dissidentes não como identidades autônomas, mas como desvios a serem corrigidos ou apagados. O colonizador, ao nomear e patologizar o que não compreendia, impôs categorias eurocêntricas sobre corpos que existiam fora dessas fronteiras. Clastres permite pensar as sociedades indígenas como estruturas que resistem ativamente à coerção do Estado e à fixação de identidades. Assim, o trabalho argumenta que a colonização não foi apenas territorial, mas também ontológica: ela travestiu corpos livres com o uniforme da culpa, do pecado e da identidade compulsória, revelando que não existe pecado do lado de baixo do equador, apenas a invenção colonial do pecado como ferramenta de poder.

**Palavras-chave:** Sexualidade Indígena; Gênero; Povos Originários; Brasil Colonial.

#### 04 – VOZES SILENCIADAS, AÇÕES INSUBMISSAS: OS PROCESSOS DE RESISTÊNCIA DOS INDÍGENAS PIMENTEIRA NO PIAUÍ COLONIAL (1770–1806).

*Maíra Pinheiro de Moura (UFPI)*

**Resumo:** O trabalho “Vozes silenciadas, ações insubmissas: os processos de resistência dos indígenas Pimenteira no Piauí colonial (1770–1806)” analisa as formas de resistência desse povo diante da expansão luso-brasileira no sertão piauiense. Inserido no campo da História Indígena e da nova história política, o estudo questiona narrativas tradicionais que reduziram os indígenas à passividade ou sustentaram seu desaparecimento. A pesquisa problematiza o apagamento histórico desses sujeitos e busca evidenciar sua agência, compreendendo-os como atores políticos capazes de resistir, negociar e se adaptar às imposições coloniais. A análise baseia-se em documentos do Arquivo Histórico Ultramarino, especialmente cartas e ofícios, lidos de forma crítica para identificar, nas entrelinhas, as ações indígenas. Ainda assim, o estudo também busca mapear áreas de ocupação a partir de fronteiras naturais e investigar as políticas de aldeamento. Defende-se que os Pimenteiras desenvolveram estratégias diversas de resistência, evidenciando que sua história não se resume à subjugação. A pesquisa contribui para a revisão da historiografia piauiense, valorizando a presença indígena e propondo uma narrativa contra-hegemônica.

**Palavras-chave:** Pimenteira; Indígenas; Piauí colonial; Resistência; Fronteiras naturais.

## 05 – FAZENDA SERRA NEGRA: PARTICIPAÇÃO INDÍGENA, ARQUITETURA RURAL E MEMÓRIA HISTÓRICA NO PROCESSO DE OCUPAÇÃO DO PIAUÍ COLONIAL.

*Patrícia Mendes dos Santos* (UNINASSAU)

*Clarissa Borges Nonato* (UNINASSAU)

*Mara Cristine Dias Fagundes* (UNINASSAU)

**Resumo:** O artigo analisa a Fazenda Serra Negra, localizada no município de Aroazes, Piauí, como importante patrimônio histórico, arquitetônico e cultural vinculado ao processo de ocupação do território piauiense durante o período colonial. A pesquisa destaca a formação das fazendas de gado no contexto da chamada “civilização do couro”, evidenciando as relações sociais, culturais e econômicas que marcaram a constituição do sertão nordestino. Nesse cenário, destaca-se a participação dos povos originários na construção e organização desses espaços rurais, especialmente por meio do trabalho compulsório de indígenas cativos na edificação das estruturas em pedra e no desenvolvimento das atividades produtivas. O estudo também evidencia as influências indígenas presentes na arquitetura vernacular piauiense, como o uso de materiais vegetais, técnicas construtivas adaptadas ao clima e elementos do cotidiano incorporados pelos colonizadores. Além disso, a Fazenda Serra Negra é apresentada como espaço de memória e resistência, onde permanecem vestígios materiais e simbólicos relacionados às populações indígenas e negras que participaram de sua história. Assim, o trabalho contribui para ampliar as discussões sobre patrimônio cultural, memória social e protagonismo indígena na formação histórica do Piauí.

**Palavras-chave:** Patrimônio cultural; Povos indígenas; Arquitetura rural; História do Piauí; Memória social.

## 06 – A EXPANSÃO MARÍTIMA PORTUGUESA NOS SÉCULOS XV E XVI: REDES, TECNOLOGIA E CONEXÕES CULTURAIS COMO FATORES DA FORMAÇÃO IMPERIAL.

*Jonathan da Silva Barros (UFPI)*

**Resumo:** O presente trabalho analisa a expansão marítima portuguesa nos séculos XV e XVI a partir de uma perspectiva historiográfica ampla, articulando as contribuições de Antônio Manuel Hespanha, Luís Filipe Thomaz, A. H. Oliveira Marques, Charles Boxer e Sanjay Subrahmanyam. O objetivo central é compreender como Portugal, nação periférica no contexto europeu, tornou-se a principal potência naval de seu período, construindo uma extensa rede de influências comerciais, políticas e culturais. A análise parte do entendimento do império português como estrutura fluida e heterogênea, marcada pela incorporação de agentes externos, corsários, marujos e os “naturais da Terra”, à sua rede de navegação. Examina-se, ainda, a transição econômica interna do reino, que avançou de uma lógica feudal para uma economia de mercado a partir do século XII, criando condições estruturais para a expansão. Considera-se o papel das inovações tecnológicas, bússola, astrolábio, leme central e caravela, em grande parte assimiladas de culturas árabe, judaica e mediterrânea, evidenciando que o avanço náutico português resultou de um processo de circulação de saberes. À luz do conceito de História Conectada de Subrahmanyam, conclui-se que a expansão portuguesa constitui um fenômeno coletivo e relacional, construído por meio de trocas, conflitos e negociações entre diferentes sociedades ao longo das rotas marítimas.

**Palavras-chave:** Expansão Marítima Portuguesa, História Conectada, Circulação de Saberes.

## 07 – PIAUÍ COLONIAL: ECONOMIA E TRABALHO.

*Pedro Machado Marreiros dos Santos (UFPI)*

*Caio Rodrigues Sousa (UFPI)*

*Evandro Araújo Fontinele (UFPI)*

**Resumo:** O presente trabalho busca analisar a economia e as formas de trabalho presente no Piauí em seu período colonial entre os séculos XVI - XVIII. O intuito da pesquisa é melhor compreender a realidade piauiense por meio de uma análise marxista guiada pelo materialismo histórico, que toma em conta a realidade humana como objeto criado a partir do trabalho de pessoas reais que por meio do processo constante de produção e reprodução desta realidade, através do trabalho, acaba criando inúmeras relações sociais entre os homens, que condicionam este processo e se desenvolvem de acordo com as transformações materiais e imateriais dessas pessoas e de sua sociedade. A metodologia utilizada é de revisão bibliográfica de autores clássicos da historiografia brasileira como Clovis Moura (1992) e Nelson Werneck Sodré (1968), também de autores que escreveram sobre o Piauí colonial, como Solimar Oliveira (2016) e Mairton Celestino (2016). Assim contextualizaremos a situação local do Piauí em relação a situação geral do Brasil colônia, com o objetivo de melhor compreender as diferenças da economia e da sociedade do Piauí colônia, quando comparado com as demais.

**Palavras-chave:** Brasil colonial; Piauí; Escravidão; Trabalho; Economia.

## 08 – ESCOLAS NAS “VILAS DE ÍNDIOS”: PROJETO POMBALINO, EDUCAÇÃO DE PRIMEIRAS LETRAS E AGÊNCIA INDÍGENA NAS ANTIGAS ALDEIAS JESUÍTICAS DAS CAPITANIAS DO NORTE (C. 1759-1832).

*Lígio José de Oliveira Maia (UFRN)*

**Resumo:** Em meados do século XVIII, a implantação do diretório dos índios nas capitanias do Norte exigia uma coordenação efetiva de distintas autoridades. Em pauta, uma nova e abrangente política indigenista cuja incerteza tocava também os grupos indígenas então aldeados. Do ponto de vista da organização dos novos estabelecimentos, com o diretório, novos cargos e instituições foram criados para a direção das novas vilas: um diretor, com administração laica (em substituição aos jesuítas); a criação de uma câmara local, cujos cargos deviam ser ocupados, preferencialmente pelos próprios indígenas; e a criação de duas escolas, uma para os rapazes e outra para as raparigas, com a escolha de um mestre e uma mestra, respectivamente, para o ensino das crianças (Maia, 2010). Entre 1759 e 1760, sete aldeias jesuíticas foram elevadas a condição de vilas e lugares, na primeira onda de transformação dessas novas jurisdições no âmbito da aplicação do projeto pombalino. A presente comunicação objetiva apresentar, a partir de diverso *corpus* documental, as primeiras medidas de implantação dessas escolas, a agência indígena dos pais das crianças e os limites do “novo systema”, no âmago da capitania de Pernambuco e suas anexas.

**Palavras-chave:** Diretório pombalino; Capitania de Pernambuco; Escolas nas “vilas de índios”.

## 09 – TERRITÓRIO, PODER E POPULAÇÕES SUBALTERNAS NO MAPA POMBALINO DA CIDADE DE OEIRAS DO PIAUÍ, 1758.

*Mairton Celestino da Silva (UFPI)*

**Resumo:** A comunicação analisa a configuração urbana e a estratificação socioespacial da cidade de Oeiras, antiga Vila do Mocha e capital da Capitania de São José do Piauí, a partir da transição jurídica ocorrida em 1759 e dos dados demográficos detalhados no censo descritivo de 1762 (“*Acento das casas próprias e de aluguel que ocupam os moradores da cidade de Oeiras Capitania de São José do Piauí*”). Sob as diretrizes da administração pombalina, a elevação do núcleo urbano à categoria de cidade resultou na reestruturação do seu espaço físico, onde os símbolos dos poderes político, religioso e econômico — como a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Vitória e os prédios da administração portuguesa — foram estrategicamente centralizados na para legitimar a ordem e as hierarquias de poder ao abrigar as elites governantes e mercantis, deixando as áreas no entorno para escravizados, indígenas e mestiços livres. Desse modo, em contraposição à opulência e centralidade do poder e das suas ruas principais, tanto o censo descritivo de 1762, quanto a representação cartográfica de 1758, da cidade de Oeiras do Piauí (*Oeyras do Piauihi*. - [Post 1758]. - 1 vista : manuscrita, aguarelada; 56x65,5 cm), revelam uma marcante geografia de exclusão social e racial à medida que o arruamento se afasta do núcleo de poder. O principal destaque desta assimetria reside nas margens, com especial enfoque para o Bairro do *Caquende* (assim grafado no livro de Acentos das casas...) ou *Caquemguis* (assim grafado no mapa da cidade de Oeiras do Piauí). Ao cruzar tais documentos, com a análise cartográfica e com os registros descritivos dos habitantes, o autor da comunicação tenta compreender como, ao longo do século XVIII, sujeitos escravizados de procedências étnicas africanas e indígenas foram construindo seus espaços de autonomia, demarcando, por isso dizer, territórios negros e/ou afro-indígenas, com terminologias que nos remetem às línguas centro-africanas, uniões conjugais interétnicas e formato das habitações que nos remetem aos mundos indígenas e

africanos. Assim, mais do que zonas periféricas e de exclusão, o autor demonstrar que tais espaços funcionavam como zonas de sobrevivências e de reprodução cultural das populações negras e indígenas, evidenciando que o planejamento urbano de Oeiras operava como um reflexo direto das hierarquias étnicas e das assimetrias de poder nos sertões fronteiriços do Estado do Brasil com o do Estado do Maranhão e Grão-Pará.

**Palavras-chave:** História, Cartografia, Indígenas e Escravidão.

## **ST 15: Pensar e Escrever sobre os Povos Indígenas.**

**Coordenador: Prof. Me. Jônatas Lincoln Rocha Franco (UFPI)**

### **01 - DA REVOLUÇÃO À RESISTÊNCIA: O MARXISMO ANTICOLONIAL NA AMÉRICA LATINA.**

*Ian Rodner Torres Moura (UFPI)*

**Resumo:** O imperialismo e o colonialismo fazem parte da história e do presente da América Latina, explorando recursos, interferindo na política, invadindo militarmente e exportando capitais. Dentre os afetados, estão principalmente os povos originários que batalham por sua sobrevivência há mais de 500 anos. Esta pesquisa pretende analisar o marxismo anticolonial e sua contribuição para a libertação dos povos indígenas na América Latina, revisando a literatura de José Carlos Mariátegui, Clovis Moura, Frantz Fanon, Amílcar Cabral e Aimé Césaire. O resultado esperado é a constatação de que estes autores buscavam elaborar projetos anticoloniais pautados na revolução e tomada do poder, diferente das perspectivas atuais sobre a questão colonial ligada às resistências. Assim sendo, estes autores são filhos de uma época histórica que tinha como eixo central a luta de classes, a soberania nacional e a economia política.

**Palavras-chave:** Anticolonialismo; Imperialismo; Teoria; Indígenas; Marxismo.

## 02 – O SILÊNCIO DE DOMINGAS: A TRAJETÓRIA DO INDÍGENA DO SÉCULO XX EM DOIS IRMÃOS DE MILTON HATOUM.

*João Victor Neri Macedo de Negreiros (UFPI)*

*Halyson Borges de Sousa (UFPI)*

**Resumo:** O presente trabalho analisa a representação da figura indígena na obra *Dois Irmãos* (2000), de Milton Hatoum, centrando-se na personagem Domingas e em seu silêncio como elemento simbólico e estruturante. Diferente das narrativas indianistas do século XIX, que idealizavam o indígena em seu estado natural, Hatoum apresenta o “indígena urbano” do século XX, marcado pelo desterro e pela integração forçada na sociedade moderna de Manaus. A trajetória de Domingas é examinada sob a ótica da subalternidade e da invisibilidade: retirada de sua aldeia na infância por missionários, ela é inserida no ambiente doméstico de uma família de imigrantes libaneses, onde sua identidade original é fragmentada e substituída por uma função servil. O “silêncio” aqui não é apenas a ausência de fala, mas uma estratégia de resistência e, simultaneamente, o resultado de um processo histórico de apagamento cultural.

**Palavras-chave:** Literatura; Indígena; Trabalho; Memória.

### 03 – DESCREVER O QUE SE VÊ, ENTREVER O QUE SE IMAGINA: INDÍGENAS, NATUREZA E PAISAGEM NOS ESCRITOS DE LEONARDO CASTELLO-BRANCO (1856).

*Luís Carlos Albano Duarte Sousa (UFMG)*

**Resumo:** Este trabalho analisa a presença indígena na formação socioespacial do Piauí, através das representações nos escritos de Leonardo Castello-Branco, em *A criação universal* (1856), articulando-as com relatos de viagem e narrativas coloniais sobre os sertões do Piauí. Parte-se da hipótese de que Castello-Branco construiu uma cartografia poética e intelectual do sertão, na qual natureza, política e sociedade aparecem conectadas. Ao descrever a criação do mundo, o autor inseriu elementos do Norte do Brasil no relato do Gênesis, incorporando espécies, paisagens e referências indígenas à sua interpretação da origem do universo. Paralelamente, os documentos produzidos durante a Independência evidenciam a centralidade dos povos indígenas nas disputas, nas rotas de circulação e na construção espacial da região. A produção poética-filosófica de Castello-Branco demonstra, ao mesmo tempo, a reprodução de léxicos civilizatórios europeus que marginalizam o “gentio”, e a coexistência cotidiana com o “índio doméstico” e a permanência dos “Tapuias” na paisagem. O confronto dessa produção com documentos e relatos dos séculos XVII, XVIII e XIX evidencia resistências e negociações, e ajuda a compreender como os sertões piauienses foram representados entre descrições empíricas, imaginação filosófica e projetos de civilização. Considerar dinâmicas de mestiçagens e estratégias de sobrevivência desses povos frente às estruturas coloniais desmonta a ideia de desaparecimento indígena no Piauí.

**Palavras-chave:** História indígena – Sertões do Piauí – Leonardo Castello-Branco.

## 04 – CAPISTRANO DE ABREU E A INVENÇÃO DE UMA BRASILIDADE INDÍGENA NA HISTORIOGRAFIA DO SÉCULO XIX.

*Luís Carlos Pereira Barbosa (UFPI)*  
*Jônatas Lincoln Rocha Franco (UFPI)*

**Resumo:** Este trabalho analisa a importância de Capistrano de Abreu para a renovação da historiografia brasileira no final do século XIX, destacando sua valorização dos povos indígenas como sujeitos fundamentais da formação histórica do Brasil. Em contraste com a historiografia tradicional do período, marcada por perspectivas elitistas e eurocentradas, Capistrano buscou compreender a “brasilidade” a partir dos costumes, das línguas e das experiências indígenas, defendendo a necessidade de estudar essas populações para compreender a própria constituição histórica do país. A pesquisa tem como objetivo demonstrar que o historiador antecipou aspectos posteriormente associados à história oral, consolidada apenas no século XX, sobretudo com a nova história. Ao defender o registro das línguas, memórias e tradições indígenas antes de seu desaparecimento — motivado pela crença de que esses povos seriam extintos —, Capistrano atribuiu legitimidade histórica às narrativas e experiências de grupos historicamente marginalizados, rompendo com os modelos tradicionais da escrita da história nacional. O problema central da pesquisa consiste em compreender de que maneira Capistrano de Abreu antecipou elementos da história oral ao reconhecer a memória, a linguagem e as narrativas indígenas como fontes históricas legítimas. A relevância do estudo reside na escassez de pesquisas que relacionem diretamente o pensamento capistraniano às discussões sobre história oral. Assim, o trabalho contribui para desconstruir a ideia de que as principais inovações historiográficas surgiram exclusivamente na Europa, evidenciando que, ainda no século XIX, um historiador brasileiro já formulava reflexões posteriormente aprofundadas pela historiografia do século XX.

**Palavras-chave:** Capistrano de Abreu; História Oral; Povos indígenas e Historiografia brasileira.

**ST 16: Toponímia, Comunidades Indígenas e presença dos saberes e fazeres tradicionais no Piauí.**

**Coordenadora: Profa. Dra. Celina Maria de Souza Olivindo (UFDPAR)**

**01 – QUINTAIS AGROECOLÓGICOS: FORTALECIMENTO DA AGRICULTURA FAMILIAR E SEGURANÇA ALIMENTAR EM COMUNIDADES RURAIS E TRADICIONAIS DO PIAUÍ.**

*Carlos Eduardo Ferreira de Brito (UFDPAR)*

*Antonia Vitória de Araújo Nascimento (APIN)*

**Resumo:** Este trabalho apresenta o Programa Quintais Agroecológicos, como experiência de extensão universitária voltada à promoção da agroecologia, da segurança alimentar e do fortalecimento da agricultura familiar em comunidades rurais e tradicionais do Piauí. Parte-se da compreensão de que os quintais agroecológicos constituem espaços de produção integrada, troca de saberes e construção coletiva de tecnologias sociais sustentáveis, articulando práticas produtivas, educação ambiental e valorização dos conhecimentos locais. Nesse contexto, o programa incorpora tecnologias de baixo custo e base ecológica, como sistemas integrados de piscicultura em Sistema de Recirculação de Água (RAS) e horticultura, reaproveitamento de água do cultivo para irrigação, produção de biofertilizantes, manejo sustentável do solo e utilização de resíduos orgânicos como insumos produtivos. Essas tecnologias favorecem a diversificação da produção, a redução de impactos ambientais e o fortalecimento da autonomia produtiva das famílias participantes. Metodologicamente, o trabalho fundamenta-se em abordagem qualitativa, baseada em ações extensionistas, observação das práticas comunitárias e análise das experiências desenvolvidas nos territórios acompanhados pelo programa. Como contribuição, destaca-se o fortalecimento de práticas agroecológicas integradas, a ampliação da soberania alimentar e a consolidação de processos formativos

comprometidos com a justiça social, a preservação ambiental e o desenvolvimento territorial sustentável.

**Palavras-chave:** Agroecologia; Extensão universitária; Agricultura familiar; Sustentabilidade; Tecnologias sociais.

## 02 – TECNOLOGIAS DIGITAIS, RASTREABILIDADE E EMPREENDEDORISMO VERDE NA AGRICULTURA FAMILIAR: UMA LEITURA DECOLONIAL A PARTIR DE TERRITÓRIOS TRADICIONAIS.

*Celina Maria de Souza Olivindo* (UFDPAR)

*Josenildo de Souza e Silva* (UFDPAR)

**Resumo:** Este trabalho problematiza, a partir de uma perspectiva decolonial, a integração de tecnologias digitais nos processos produtivos da agricultura familiar, com ênfase na cadeia do pescado artesanal em territórios tradicionais. Parte-se da crítica à colonialidade dos sistemas de certificação e mercado, que historicamente invisibilizam saberes locais e modos de vida de comunidades indígenas e tradicionais, impondo critérios exógenos de validação da produção. Questiona-se como tecnologias como a blockchain podem ser apropriadas não como instrumentos de controle, mas como dispositivos de visibilidade, autonomia e fortalecimento territorial. Metodologicamente, adota-se uma abordagem pós-qualitativa, ancorada na etnografia sensorial, na pesquisa-ação participativa e na sociomaterialidade, valorizando a experiência vivida, os afetos e as práticas comunitárias como produção legítima de conhecimento. Os achados indicam que, quando articuladas aos saberes ancestrais, as tecnologias digitais podem operar como “escudos de visibilidade”, registrando a origem, a memória e as práticas produtivas sem descaracterizar a identidade cultural. Evidencia-se o empreendedorismo verde como estratégia de re-existência, capaz de tensionar lógicas hegemônicas e promover autonomia econômica com base na sustentabilidade e na justiça social. Conclui-se que a construção de soluções tecnológicas territorializadas exige o protagonismo das comunidades, a valorização de epistemologias plurais e o enfrentamento das assimetrias estruturais que marcam a relação entre tecnologia, mercado e povos originário.

**Palavras-chave:** Decolonialidade; Povos indígenas; Saberes ancestrais; Tecnologias digitais; Rastreabilidade; Empreendedorismo verde; Territorialidade; Justiça socioambiental.

### 03 – TOPÔNIMOS DE ORIGEM INDÍGENA NO PIAUÍ: ESTUDO LINGUÍSTICO E SÓCIO-HISTÓRICO-CULTURAL DA TOPONÍMIA EM MUNICÍPIOS DO TERRITÓRIO TABULEIROS DO ALTO PARNAÍBA.

*Melka Maria Sene Silva* (UESPI/FAPEPI)

*Messias dos Santos Santana* (UESPI/FAPEPI)

**Resumo:** Áreas do atual território Tabuleiros do Alto Parnaíba eram ocupadas, no século XVIII, pelos povos Gueguê, e o colonizador ainda não se havia estabelecido nelas. Assim, esta investigação buscou responder os seguintes questionamentos: i) teriam esses indígenas deixado influência na toponímia do Piauí?; ii) existe, dentre os nomes geográficos empregados no Piauí no ano de 2010 – em particular no território Tabuleiros do Alto Parnaíba –, algum que seja de origem indígena?. Como objetivos, foram propostos: identificar os topônimos de origem indígena existentes em municípios dessa região; caracterizá-los quanto aos aspectos morfológico, semântico e sócio-histórico-culturais. O *corpus* foi constituído a partir de mapas digitais dos 12 municípios que formam o território em análise, elaborados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o censo de 2010, e analisado sob os pressupostos teóricos da Toponímia (Dauzat, 1939; Dick, 1990; 1992; Isquerdo e Dargel, 2020). Foram identificados 2.375 topônimos, sendo 292 de origem indígena ou que possuem palavra de origem indígena em sua composição. A análise desses topônimos mostrou que: referem-se, em sua maioria, à *fauna* e à *flora*, e não fazem referência à cultura, organização social, economia ou à religião desses povos; nenhum é de origem Jê (grupo étnico do povo Gueguê), mas sim Tupi, sendo, quanto à sua formação, ou emprestados, ou híbridos por derivação, ou híbridos por composição.

**Palavras-chave:** Toponímia de origem indígena no Piauí. Estudo linguístico e sócio-histórico-cultural. Território Tabuleiros do Alto Parnaíba.

#### 04 – TOPONÍMIA DE ORIGEM INDÍGENA NO PIAUÍ EM 2010: ESTUDO LINGUÍSTICO E SÓCIO-HISTÓRICO-CULTURAL DE TOPÔNIMOS EM MUNICÍPIOS DO TERRITÓRIO CHAPADA VALE DO ITAIM – RESULTADOS PARCIAIS.

*Letícia dos Santos de Holanda Rocha* (UESPI)

*Messias dos Santos Santana* (UESPI)

**Resumo:** A colonização do Piauí, efetivada por meio da criação extensiva de gado, gerou inúmeros e violentos conflitos com os indígenas que aqui habitavam, muitos dos quais foram mortos ou expulsos. Assim, partindo dos questionamentos: i) teriam esses indígenas deixado influência na toponímia do Piauí; ii) existe, dentre os nomes geográficos empregados no Piauí no ano de 2010 – em particular no território Chapada Vale do Itaim, algum que seja de origem indígena?, esta comunicação apresenta os seguintes objetivos: identificar os topônimos de origem indígena existentes em municípios desse território; caracterizá-los quanto aos aspectos semânticos, taxonômicos e sócio-histórico-culturais. Para alcançá-los, será constituído um corpus a partir de mapas digitais dos 16 municípios pertencentes ao território em análise, elaborados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o censo de 2010, e os topônimos identificados serão analisados sob os pressupostos teóricos da Onomástica, em especial da Toponímia (Dauzat, 1939; Dick, 1990;1992; Isquierdo e Dargel, 2020). Considerando pesquisas anteriores sobre o tema, a exemplo de Toponímia de origem indígena no Piauí em 2010: estudo linguístico e sócio-histórico-cultural de topônimos em municípios do Tabuleiros do Alto Parnaíba, estimamos que somente cerca de 20% dos topônimos de cada um dos mapas do território em análise é de origem indígena.

**Palavras-chave:** Toponímia de origem indígena no Piauí. Estudo linguístico e sócio-histórico-cultural. Território Chapada Vale do Itaim.

## 05 – TOPONÍMIA DE ORIGEM TUPI NO TERRITÓRIO SERRA DA CAPIVARA: ESTUDO LINGUÍSTICO E SÓCIO-HISTÓRICO-CULTURAL.

*Cícero Júnior Ferreira da Silva* (UESPI)

*Messias dos Santos Santana* (UESPI)

**Resumo:** O atual território Serra da Capivara era habitado, antes da chegada do colonizador, por vários povos indígenas, os quais foram ou mortos, ou expulsos, ou “integrados” ao processo de colonização. Em mapas da segunda metade do século XVIII e da primeira metade do século XIX, esse território ainda é descrito com pouca presença do colonizador. Assim, partindo dos questionamentos: i) teriam esses indígenas deixado influência na toponímia do Piauí; ii) existe, dentre os nomes geográficos empregados no Piauí no ano de 2010 – em particular no território Serra da Capivara, algum que seja de origem indígena?, esta pesquisa apresenta estes objetivos: identificar os topônimos de origem indígena existentes em municípios dessa região; caracterizá-los quanto aos aspectos formais (fonético-fonológicos e morfológicos), semântico, taxonômico, etimológico e sócio-histórico-culturais. Para alcançá-los, foram analisados mapas digitais dos municípios pertencentes ao território em análise, elaborados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o censo de 2010, os quais foram estudados sob os pressupostos teóricos da Toponímia (Dauzat, 1939; Dick, 1990;1992; Isquerdo e Dargel, 2020). Nesse corpus, identificaram-se 2396 topônimos, dos quais somente 233 são de origem indígena ou possuem palavra de origem indígena em sua composição. A análise desses topônimos indicou que: em sua maioria, fazem referência à fauna e à flora e são derivados do Tupi, sendo, quanto à sua formação, de origem diversa, com alguns sendo híbridos.

**Palavras-chave:** Toponímia; Indígena; Tupi.

## **RESUMOS DO MOMENTO PIBID**

**Local:** Pátio Central do Campus e Bloco da Direção do Campus

**Dia e Horário:** 15 de junho de 2026 (17h às 18h)

## **01 – ANTROPONÍMIA INDÍGENA NA ALDEIA CANTO DA VÁRZEA (PIRIPIRI): IDENTIDADE E MEMÓRIA.**

*Maria Clara Sá Rocha*

*Amanda de Sousa Silva*

*Samire de Sousa Bezerra*

*Kethlen Dayane de Oliveira Marques*

*Aldinéia Ribeiro de Sousa Almeida*

*Luiz Egito de Souza Barros*

**Resumo:** O presente trabalho abordará a antroponímia vinculada à cultura indígena na Aldeia Canto da Várzea, localizada em Piripiri, analisando os nomes próprios como importantes marcadores de identidade e memória. A antroponímia, ramo da Onomástica dedicado ao estudo dos nomes de pessoas, permitirá compreender aspectos históricos, linguísticos e culturais presentes na comunidade. No contexto indígena, os nomes ultrapassarão a função de identificação individual, pois carregarão significados relacionados à ancestralidade, à natureza, às tradições e aos valores coletivos do grupo. Assim, o estudo contribuirá para valorizar os saberes indígenas, evidenciar a importância dos nomes como patrimônio imaterial e ampliar discussões sobre a diversidade cultural brasileira, destacando a relevância das comunidades indígenas na formação histórica e social do país.

**Palavras-chave:** Antroponímia; Identidade cultural; Comunidade indígena.

## 02 – DA EXCLUSÃO À ESCRITA: A TRAJETÓRIA DAS MULHERES BRASILEIRAS NA EDUCAÇÃO E NA LITERATURA.

*Amanda Maria Barbosa Viana*

*Cassandra de Sousa Silva*

*Mariana Rodrigues Lima*

*Rafael Ricarte da Silva*

**Resumo:** Apresentar como se deu a elaboração do projeto de intervenção intitulado: “Da Exclusão à Escrita: a trajetória das mulheres brasileiras na educação e na literatura”, que teve como finalidade abordar a trajetória da mulher na busca por seus direitos, fazendo uma análise aprofundada de seu modo de vida no recorte temporal que vai do Brasil Colonial ao Brasil Império. E com isso, comentar sobre como foi o projeto em sala de aula, no qual buscou a participação dos alunos e suas reflexões sobre o direito de igualdade da mulher na sociedade.

**Palavras-chave:** Mulheres, Educação, Escrita.

### 03 – LITERATURA INDÍGENA E EDUCAÇÃO NAS AÇÕES DO PIBIDINTERDISCIPLINAR: DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS SOBRE OS POVOS ORIGINÁRIOS.

*Marilia Eduarda de Moura Rocha*  
*Maria Conceição Silva*  
*Sara Sâmela Pereira Lima*  
*Susy Evine da Silva Lima*  
*Maria Elioneide da Silva Marinho*  
*Alessandra Lopes de Oliveira Castellini*

**Resumo:** O referido trabalho tem como objetivo apresentar um estudo acerca das percepções enraizadas sobre os povos originários nas turmas do 2º ano do ensino médio. Essa proposta de estudo, integra as atividades do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), promovido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no Subprojeto interdisciplinar Picos, em articulação com a rede estadual de educação de Picos-PI, especificamente em parceria com o Centro Estadual de Tempo Integral Petrônio Portela. Nesse contexto, este trabalho busca analisar as percepções que os estudantes dessa instituição (CETI) possuem acerca dos povos indígenas, bem como discutir o apagamento cultural historicamente enraizado dessas populações. Além disso, investiga-se de que maneira o letramento literário indígena, quando abordado no ambiente escolar, pode contribuir para o fortalecimento do conhecimento e da valorização dos povos originários. Para fundamentar a discussão, serão utilizadas as contribuições de Ramalho (2016), que aborda como o letramento literário indígena pode fortalecer a identidade, preservar a cultura e promover o empoderamento dos povos indígenas, especialmente em contextos de invisibilização histórica. Serão consideradas também as reflexões de Oliveira e Kist (2025), que destacam a importância da literatura indígena no contexto escolar para a formação de estudantes mais críticos, conscientes e respeitosos em relação à diversidade cultural brasileira e os estudos das crônicas do autor indígena Daniel Munduruku,

que retratam vivências cotidianas dos povos originários a partir de sua própria perspectiva. De natureza qualitativa, este trabalho ancorase nos estudos de Gil (2002) e partiu de uma revisão de literatura e da legislação educacional vigente e reflete ações desenvolvidas no Núcleo de Desenvolvimento Profissional – NDP do PIBID UFPI Interdisciplinar e na escola parceira, nas ações semanais de monitoria dos Pibidianos. Além da abordagem cultural, foram desenvolvidas oficinas pedagógicas e atividades com obras literárias indígenas, possibilitando aos alunos um contato mais amplo com as vivências e perspectivas dos povos originários, buscando promover uma maior valorização de suas culturas e identidades ancestrais. Considera-se a necessidade de ampliar ações sobre a temática indígena na escola, bem como o acesso a literatura indígena dos estudantes, viabilizando o trabalho pedagógico na escola.

**Palavras-chave:** Povos originários; PIBID Interdisciplinar, Literatura Indígena; Práticas Pedagógicas.

## 04 – O LÉXICO INDÍGENA E A CORRELAÇÃO COM AS PRÁTICAS CULTURAIS, CRENÇAS E LENDAS NA COMUNIDADE CANTO DA VÁRZEA EM PIRIPIRI-PI.

*Thayson Levi Leal Rocha*

*Nathaly Vitória de Moura Amorim*

*Nicole da Silva Moreira*

*Geovana de Sousa Oliveira*

*Rosilene Maria da Silva*

*Janaína Saraiva Varão*

*Luiz Egito de Sousa Barros*

**Resumo:** O presente trabalho investiga a persistência e o uso de vocábulos de origem indígena no cotidiano da comunidade de Canto da Várzea em Piripiri-PI, focando especificamente nas esferas das crenças religiosas, lendas locais e práticas culturais tradicionais. O objetivo central é estabelecer a correlação entre o léxico utilizado pelos membros da comunidade e a preservação de seus saberes ancestrais, culminando na elaboração de um glossário terminológico que organize e sistematize as palavras e expressões identificadas durante a pesquisa. A metodologia adotada caracteriza-se como uma pesquisa de campo de natureza qualitativa, utilizando como instrumentos de coleta de dados a realização de entrevistas semiestruturadas. Os resultados esperados buscam evidenciar como o léxico atua como um repositório cultural, em que nomes de entidades, rituais e fenômenos naturais traduzem a identidade dos sujeitos. A fundamentação teórica baseia-se na Lexicologia e na Sociolinguística, buscando entender como o vocabulário se manifesta na realidade linguística local e de que forma essa herança lexical resiste e se ressignifica nas práticas costumeiras da comunidade visitada.

**Palavras-chave:** Léxico Indígena; Cultura e Religiosidade; Piripiri-PI; Lendas; Português Indígena.

## 05 – SABERES QUE CONTAM HISTÓRIAS: ORALIDADE, TRADIÇÃO E CULTURA INDÍGENA NO ESPAÇO ESCOLAR.

*Andréia Maria de Moura Santos*

*Daniel Alves Castro*

*Estella Rodrigues de Carvalho*

*Pedro Paulo Machado*

*Jacineide Lima Santos*

*Rafael Ricarte da Silva*

**Resumo:** O presente trabalho foi desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), a partir de um projeto de intervenção realizado em conjunto pelos núcleos de História e Interdisciplinar da UFPI-CSHNB, no CETI Petrônio Portela. A escrita tem como objetivo discutir a História dos Povos Indígenas no Piauí a partir de sua cultura material e imaterial, trabalhando a oralidade e a tradição como fontes históricas legítimas de transmissão de saberes e experiências. As reflexões desenvolvidas ao longo do projeto buscaram evidenciar, para os alunos, a importância da compreensão dos povos originários em sua diversidade identitária, bem como os processos de resistência frente às violências, apagamentos e silenciamentos históricos sofridos ao longo do processo de colonização. Desse modo, as discussões possibilitaram uma análise mais crítica acerca da presença indígena no Piauí, contribuindo para a desconstrução de estigmas ainda presentes sobre esses povos na contemporaneidade. A metodologia utilizada contou, inicialmente, com abordagens teóricas que proporcionaram aos alunos um primeiro contato com a temática, abordando aspectos relacionados à colonização do Piauí e às resistências indígenas. Posteriormente, os estudantes realizaram pesquisas com o objetivo de produzir trabalhos voltados para diferentes manifestações da cultura indígena que atravessaram o tempo e permanecem vivas e presentes na sociedade contemporânea. Como etapa final, ocorreu a culminância do projeto no auditório da escola, momento em que os alunos expuseram seus trabalhos e apresentaram as reflexões e os resultados construídos ao longo das pesquisas realizadas.

**Palavras-chave:** Povos-Indígenas, Oralidade, Resistências.

## 06 – DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS SOBRE OS POVOS INDÍGENAS.

*Luís Carlos Pereira Barbosa*  
*Larissa Rodrigues Martins Magalhães*  
*Margarida Hélen de Brito Santos*  
*Naira Valdilene dos Santos*  
*Andrea Karla Bezerra da Silva*  
*Rafael Ricarte da Silva*

**Resumo:** O projeto “Desconstruindo estereótipos sobre os povos indígenas”, desenvolvido no âmbito do PIBID com estudantes do 2º ano “A” do CETI Teresinha Nunes, teve como objetivo promover reflexões críticas acerca das visões estereotipadas historicamente construídas sobre os povos indígenas no Brasil. A atividade iniciou-se a partir do levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos sobre os povos originários, possibilitando a problematização de concepções presentes no imaginário social. Em seguida, foi exibido o episódio “Quem são eles”, da série Índios no Brasil, contribuindo para discussões sobre identidade indígena, diversidade cultural e resistência. Posteriormente, realizou-se um debate coletivo em sala de aula, marcado pela participação ativa dos estudantes e pela construção de novas percepções acerca da temática. Nos momentos finais, foram apresentados intelectuais e lideranças indígenas contemporâneas, como Ailton Krenak, Sônia Guajajara e Davi Kopenawa, ressaltando seus protagonismos políticos, sociais e culturais. A experiência contribuiu para o desenvolvimento do pensamento crítico, da valorização da diversidade étnico-cultural e da desconstrução de preconceitos historicamente reproduzidos.

**Palavras-chave:** Povos indígenas; Ensino de História; Diversidade cultural; Identidade indígena; Estereótipos.

## 07 – VOZES INDÍGENAS NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO PIBID UFPI INTERDISCIPLINAR.

*Malvina Guilhermina do Rego*

*Arthur Angelo De Sousa*

*Jaqueline Edilene De Sousa*

*Sabrina Soares Lourenço*

*Maria Elioneide Da Silva Marinho*

*Alessandra Lopes De Oliveira Castelini*

**Resumo:** O presente trabalho, tem como objetivo refletir o protagonismo indígena na literatura contemporânea brasileira, compreendendo-a como um espaço de resistência, identidade e valorização cultural dos povos originários. Em contraposição às representações estereotipadas construídas historicamente pela literatura indianista, autores indígenas contemporâneos passaram a utilizar a escrita como instrumento de expressão de suas próprias vivências, memórias, ancestralidades e perspectivas sociais. Nesse contexto, o estudo sob perspectiva interdisciplinar enfatiza leituras desenvolvidas nos círculos de leitura com base em Cosson (2006) no Núcleo de Desenvolvimento Profissional – NDP do PIBID UFPI Interdisciplinar Picos e nas práticas pedagógicas em ações de monitoria na escola parceira de tempo integral: CETI Petrônio Portela, buscando promover reflexões críticas acerca da diversidade cultural, do respeito às diferenças e da valorização das vozes indígenas no ambiente escolar. Para fundamentar a discussão, serão analisadas as obras *Todas as Coisas São Pequenas*, de Daniel Munduruku (2008), *Metade Cara, Metade Máscara*, de Eliane Potiguara (2004), e *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*, de Ailton Krenak (2019). De abordagem qualitativa, a pesquisa bibliográfica apoiada nos estudos de Gil (2002) abordará temas como ancestralidade, resistência cultural, identidade e representatividade indígena, evidenciando a importância dessas produções literárias para a formação crítica dos estudantes e para o fortalecimento do diálogo intercultural. Considera-se que as práticas pedagógicas desenvolvidas no PIBID UFPI Interdisciplinar contribuem

para ampliar o repertório dos futuros docentes e no reconhecimento e a valorização das vozes indígenas na literatura contemporânea brasileira.

**Palavras-chave:** Literatura Indígena; PIBID Interdisciplinar; Práticas Pedagógicas; Círculos de Leitura.

## 08 – GAMIFICANDO O ENSINO DA LÍNGUA DOS POVOS ORIGINÁRIOS: UMA BUSCA POR SIGNIFICADO POR MEIO DA CAÇA AO TESOURO ANCESTRAL.

*Márcia Marília Lopes Alves da Silva*

*Joana Evelyn Moura e Vale*

*Sabrina Pereira Reis*

*Hellen Roberta de Oliveira Silva*

*Iraí Silva Moura*

*Alessandra Lopes Oliveira Castelini*

**Resumo:** No que preconiza a Lei 11.645/08 (Brasil, 2008), é direito do aluno estabelecer vínculos teóricos acerca do ensino da história e cultura indígena nas escolas, ou seja, a lei estabelecida no dia 10 de março de 2008 torna obrigatório o ensino em escolas públicas e privadas, priorizando, a implementação de conteúdos culturais indígenas nos currículos e práticas pedagógicas. Destarte, o PIBID UFPI Interdisciplinar, em parceria com a escola de tempo integral CETI Mário Martins, mediou a prática do conhecimento das palavras ancestrais por meio de uma oficina pedagógica utilizando da estratégia lúdico pedagógica de gamificação, mais especificamente, com a caça ao tesouro. Nesse viés, Domínguez et al. (2013) indagam que os jogos possuem a plena capacidade de promover situações lúdicas e fantasiosas na forma de histórias, imagens e sons promovendo, dessa forma, o processo de aprendizagem. Nesse aspecto, foi priorizado, como objetivo geral deste trabalho viabilizar o incentivo à busca dos sentidos expressos por palavras de origem dos povos indígenas, aproximando assim os estudantes da ancestralidade dos povos nativos e dos saberes indígenas que nos circundam em todo o nosso processo de formação social. De natureza qualitativa, este trabalho partiu de uma revisão da legislação educacional vigente como Brasil (2008, 2017) e de autores que abordam o letramento literário como: Cosson (2006) e Soares (2003). Já os estudos sobre a literatura indígena foram desenvolvidos no Núcleo de Desenvolvimento Profissional – NDP do PIBID Interdisciplinar e dialogam com conceitos de Munduruku (2004), Graça Graúna (2003),

que discute o contexto histórico da literatura indígena, Dorrico e Danner (2018), que abordam o ensino da literatura indígena na educação básica e no ensino superior, entre outros. Foi possível perceber contribuições para a formação inicial dos estudantes da licenciatura sobre o tema e a importância do incentivo ao conhecimento partindo da cultura indígena propriamente dita, mais precisamente, por meio da literatura Indígena, aproximar e familiarizar a língua indígena entre os estudantes, como agente da formação histórica e social do nosso vocabulário nacional e utilizar a gamificação e o lúdico como metodologia dinâmica e eficiente em sala de aula, nas ações de monitoria do PIBID UFPI Interdisciplinar. **Palavras-chave:** Gamificação; Lúdico; Palavras ancestrais; PIBID interdisciplinar; Saberes indígenas.

## **09 – ENTRE A CULTURA ESCOLAR E A VIVÊNCIA DOS ALUNOS: FRACASSO ESCOLAR E DESIGUALDADE EDUCACIONAL NO SISTEMA EDUCACIONAL BRASILEIRO.**

*Francisca Silva Carvalho  
Ana Isabeli Gomes de Alencar  
Yasmin Gabriela dos Santos  
Theodor Lore da Conceição Almeida  
Maria Conceição Rodrigues Martins*

**Resumo:** Este trabalho investiga os desafios presentes no sistema educacional brasileiro, especialmente a distância entre os conteúdos escolares e a realidade da maioria dos estudantes. Muitas vezes a escola não contempla a cultura ou as experiências dos alunos das classes populares, conforme estudos realizados no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). O objetivo é identificar, a partir das obras estudadas, os principais desafios do sistema educacional. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, fundamentada na análise de textos estudados e discussões entre o núcleo PIBID-Pedagogia, da Universidade Federal do Piauí – Campus Senador Helvídio Nunes de Barros. A obra de Ceccon, Oliveira e Oliveira (1982) traz uma reflexão crítica sobre o fracasso escolar, a exclusão das crianças de classes populares e a estrutura educacional vigente. Assim como Soares (2017) apresenta uma reflexão crítica sobre as relações entre linguagem e escola, destacando o fracasso escolar das camadas desfavorecidas, o preconceito linguístico e a forma como a escola transforma diferenças culturais em desigualdades educacionais. Assim, compreendeu-se que os problemas do sistema educacional evidenciam a distância entre os conteúdos transmitidos e a realidade vivida pelos estudantes. Além disso, é destacado o fracasso escolar e a necessidade de práticas pedagógicas mais significativas, inclusivas e conectadas à realidade, para a formação social dos estudantes.

**Palavras-chave:** Classes populares; Cultura; Fracasso escolar; Realidade.

## 10 – CÍRCULO DE LITERATURA INDÍGENA NO PIBID UFPI INTERDISCIPLINAR: VALORIZAÇÃO DE AUTORES E OBRAS DOS POVOS ORIGINÁRIOS.

*Jaqueline Edilene de Sousa*  
*Malvina Guilhermina do Rego Sousa*  
*Arthur Ângelo de Sousa*  
*Sabrina Soares Lourenco*  
*Maria Elioneide da Silva Marinho*  
*Alessandra Lopes Oliveira Castellini*

**Resumo:** O presente trabalho socializa práticas desenvolvidas na oficina pedagógica “Círculo de literatura indígena: valorização de autores e obras dos povos originários”, realizada no dia 16 de abril de 2026 na Universidade Federal do Piauí no Campus de Picos. A referida oficina, organizada e mediada pela Equipe do PIBID Interdisciplinar do CETI Petrônio Portela, teve por objetivo promover a compreensão do contexto histórico dos povos originários, bem como a valorização da produção literária indígena no Brasil. Embora esteja em vigor a lei n 11.645/2008 (Brasil, 2008), que determina a obrigatoriedade da cultura indígena na sala de aula, podemos perceber que não se é dada a ênfase necessária sobre os povos originários, a não ser no dia 19 de abril e, quando isso ocorre, muitas vezes são perspectivas colonialistas, perpetuando visões discriminatórias. A metodologia utilizada para este trabalho é de caráter qualitativo apoiado nos estudos de Gil (2002), com revisão da literatura e relato de experiências do Núcleo de Desenvolvimento Profissional – NDP. Conforme Rildo Cosson (2014), o movimento literário deve equilibrar orientação e liberdade interpretativa, o que permite compreender práticas como círculos estruturados, semiabertos, no quais variam o grau de mediação e a autonomia do receptor. Nessa perspectiva, a oficina realizou-se em um ambiente em círculo de leitura realizando-se a contextualização histórica dos povos originários seguindo a reafirmação da importância das vozes indígenas, sendo demonstrada a diferenciação entre literatura indianista e indígena, destacando alguns autores indígenas

e suas respectivas obras como: Daniel Munduruku, Eliane Potiguara e Kaká Werá. Após essas práticas, realizou-se o momento da apresentação da crônica para interação e contato dos alunos com a literatura indígena, seguida de descrição sobre as imagens e significações de palavras ancestrais, de matriz indígena, utilizadas no nosso vocabulário cotidiano. As práticas desenvolvidas através da interação com alunos das escolas parceiras do PIBID Interdisciplinar Picos no evento literário do campus, por meios dos desenhos, palavras e frases, demonstram conhecimento superficial sobre os povos indígenas com acesso limitado a obras literárias, refletindo conhecimentos que são negligenciados na formação desses estudantes, uma vez que as obras literárias não são trabalhadas em sala de aula e ainda desconhecidas do público estudantil. Desse modo, torna-se nítida a importância de projetos literários e ações interdisciplinares voltados para a visibilidade da literatura indígena como ferramenta pedagógica para desconstruir estereótipos idealizados pela sociedade e invisibilidades da cultura e tradições do povo brasileiro.

**Palavras-chave:** Práticas Pedagógicas, Círculo de leitura, Literatura Indígena, Oficina Pedagógica, PIBID Interdisciplinar.

## 11 – VOZES DA ANCESTRALIDADE: O USO DE TEXTOS DE AILTON KRENAK PARA O ENSINO DE LITERATURA INDÍGENA NO PIBID INTERDISCIPLINAR.

*Laila Mides Sousa Santos*

*Luiz Carlos de França*

*Dalila Maria de Sousa Rodrigues*

*Antônio Samuel Ferreira Lima Figueiredo*

*Iraí Silva Moura*

*Alessandra Lopes Oliveira Castellini*

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo apresentar a importância do uso de textos de Ailton Krenak no ensino de literatura indígena dentro do PIBID Interdisciplinar, destacando como suas obras contribuem para a valorização da ancestralidade, da diversidade cultural e da reflexão crítica sobre a relação entre ser humano e natureza. Busca-se também demonstrar como a literatura indígena pode dialogar com diferentes áreas do conhecimento, facilitando o aprendizado aos estudantes. Utilizamos como metodologia leituras e discussão de textos de Ailton Krenak. Foram realizados projetos pedagógicos inspirados nas ideias do autor, entre eles o projeto “Palavras Ancestrais”, que explorou palavras de origem indígena presentes no cotidiano dos alunos. Além disso, promoveram-se debates em sala de aula, reflexões coletivas e produções visuais organizadas em murais, incentivando a participação ativa dos alunos. As atividades desenvolvidas possibilitaram maior interesse dos alunos pela literatura indígena e ampliaram a compreensão sobre a permanência e a importância dos povos indígenas na sociedade contemporânea. Os estudantes passaram a reconhecer os saberes ancestrais como formas legítimas de conhecimento, além de refletirem criticamente sobre questões ambientais, culturais e sociais presentes nos textos de Ailton Krenak. Conclui-se que o uso da literatura indígena no ambiente escolar, especialmente por meio das obras de Ailton Krenak, representa uma importante ferramenta para promover uma educação mais crítica, inclusiva e interdisciplinar. Ao dar visibilidade às vozes

indígenas e aos conhecimentos ancestrais, a escola contribui para a formação de estudantes mais conscientes, respeitosos e capazes de compreender diferentes formas de viver e interpretar o mundo.

**Palavras-chave:** Literatura Indígena; Autores Indígenas; Palavras Ancestrais; Ailton Krenak.

## 12 – A REPRESENTATIVIDADE FEMININA NA MÚSICA — UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PIBID.

*Maria Eduarda Rodrigues Rocha*

*Nívea Dávila de Carvalho Leal*

*Mariana Rodrigues Lima*

*Rafael Ricarte da Silva*

**Resumo:** O trabalho “A Representatividade Feminina na Música: um Relato de Experiência do PIBID” apresenta as experiências desenvolvidas em um projeto interdisciplinar realizado em alusão ao Dia Internacional da Mulher no C.E.T.I. Ozildo Albano, com a turma do 2º ano B. O estudo analisa o desenvolvimento das atividades desde o planejamento realizado pelas pibidianas, passando pela aula de contextualização teórica, até a culminância do projeto com a apresentação dos trabalhos produzidos pelos estudantes. A proposta teve como objetivo promover reflexões acerca da representatividade feminina na música e em outros espaços sociais, evidenciando as formas históricas de construção da imagem da mulher na sociedade. Além disso, buscou demonstrar a música como fonte histórica e recurso pedagógico, permitindo diferentes formas de interpretação da realidade social e cultural. Como base teórica, utilizou-se o artigo “Representação da Mulher na Música Popular Brasileira: Entre Musa e Objeto”, de Adriana Sydor de Paula e José Barbosa Machado, contribuindo para uma análise crítica das representações femininas na música popular brasileira.

**Palavras-chave:** Representatividade, Música, Mulheres.

### 13 - CULINÁRIA, PRESERVAÇÃO AMBIENTAL E SABERES POPULARES: COMO SE ORGANIZA A COMUNIDADE INDÍGENA DE PIRIPIRI SEGUNDO AS TRADIÇÕES DO POVO TABAJARA.

*Ângela Kaylane de Jesus Carvalho*

*Amanda Santos Sousa*

*Juenyfer Aemilly Barbosa Ferreira*

*Sávio Wallace Brito Sousa*

*Luiz Egito de Souza Barros*

**Resumo:** Este trabalho tem como principal objetivo discutir acerca da importância da culinária indígena como forma de expressão cultural. Além disso, ele aborda fatores como a importância da relação entre a comunidade aborígene e a natureza, prática essa que, desde antes da chegada dos colonizadores na América Latina, é vista como essencial para os indígenas, uma vez que a preservação ambiental também é associada a preservação de um povo, marcado por sua espiritualidade, identidade e memória. Outrossim, a pesquisa destaca pontos como os métodos utilizados pelos aborígenes no preparo dos alimentos, evidenciando a relação entre cultura, natureza e identidade. Além da abordagem sobre a alimentação, o estudo também enfatiza o uso de plantas medicinais e da medicina popular indígena como práticas fundamentais para o cuidado com a saúde aborígene, realçando como os conhecimentos ancestrais sobre o uso sustentável dos recursos naturais, contribuindo para a preservação da natureza e valorização da biodiversidade. Dessa forma, o trabalho busca compreender como a culinária, a proteção ecológica e os conhecimentos tradicionais indígenas permanecem vivos e influenciam a sociedade contemporânea, reforçando a necessidade de reconhecimento e valorização dessas práticas culturais. Destaca-se, ainda, que este trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisa de campo com abordagem qualitativa, realizadas com nativos descendentes dos povos tabajaras, onde a comunidade é situada no município de Piripiri, região próxima a Teresina, capital do Piauí. Como aportes teóricos se valem dos estudos de Cascudo (1967), Elaine (1980),

Castro (1980), Munduruku (1990), Ribeiro (1995), Kopenawa (2010) e Krenak (2019, 2020a, 2020b, 2021 e 2022).

**Palavras-chave:** Culinária Indígena; Medicina popular; Saberes indígenas; Preservação da natureza.

## 14 - RELATO DE EXPERIÊNCIA: AULA SOBRE INÍCIO DA EDUCAÇÃO FEMININA NO BRASIL NO CETI OZILDO ALBANO.

*Ana Júlia Pimentel Araújo Leonidas  
Grazielle Gonçalves de Holanda  
Kelma Maria da Silva  
José Mateus de Moura Ferreira  
Tatiana Duarte de Brito  
Mariana Rodrigues Lima  
Alex Sandro Lopes Santos  
Rafael Ricarte da Silva*

**Resumo:** O relato de experiência aborda uma aula aplicada no CETI Ozildo Albano, na turma de 3º ano do ensino médio, acerca do início da educação feminina no Brasil. A aula buscou discutir como a inserção das mulheres na educação esteve relacionada tanto a avanços sociais quanto a mecanismos de controle da sociedade patriarcal. Durante a aula, foram abordadas as influências das ideias higienistas e eugenistas, que defendiam a mulher como responsável pela formação moral da família e pela construção de uma sociedade considerada *civilizada*. A metodologia utilizada foi expositiva e dialogada, com debates e recursos audiovisuais, como a série *Bridgerton* (2020), para associação do tema. Também foram discutidas as mudanças na Escola Normal e a feminização do magistério, mostrando que, embora mulheres tenham conquistado acesso à educação, continuaram limitadas a funções associadas ao cuidado e à maternidade, logo, a educação feminina no século XIX e início do período republicano possuía contradições: ao mesmo tempo em que permitia certa inclusão social das mulheres, também reforçava padrões de submissão e desigualdade de gênero. Nas considerações finais, afirma-se que a aula possibilitou aos alunos compreenderem as raízes históricas das desigualdades de gênero presentes ainda hoje na sociedade. Além disso, a experiência foi positiva, pois houve participação ativa dos estudantes e desenvolvimento crítico sobre o papel da mulher na educação brasileira.

**Palavras-chave:** Educação feminina; eugenismo; Higienismo; século XIX.

## 15 – DO DEBATE AO RECONHECIMENTO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A INTERVENÇÃO DO PIBID ACERCA DO FEMINICÍDIO E MULHERES NA HISTÓRIA.

*Ana Nicoly dos Santos  
Maria Heloísa de Sousa  
Mariana Rodrigues Lima  
Rafael Ricarte da Silva*

**Resumo:** Em uma sociedade marcada por diferentes formas de violência contra a mulher, discutir o feminicídio no ambiente escolar torna-se uma ação necessária para a formação de sujeitos mais críticos, conscientes e sensíveis às desigualdades de gênero presentes no cotidiano. Segundo os dados da Ministério da Justiça e Segurança Pública o Brasil registra um feminicídio a cada 5 horas e 25 minutos no 1º trimestre, isto é, tendo em consideração o monitoramento efetuado desde 2015, o ano de 2026 entre janeiro e março é o mais letal. Nesse sentido, a intervenção pedagógica teve como objetivo promover reflexões sobre a violência contra a mulher e incentivar o reconhecimento das mulheres como protagonistas da história, muitas vezes silenciadas nos conteúdos escolares. Para tanto, foi adotado uma abordagem qualitativa, do tipo relato de experiência, desenvolvida no contexto do PIBID em uma turma da educação básica, fundamentada em referencial teórico, especialmente nas contribuições de Circe Maria Fernandes Bittencourt, na obra *Ensino de História: fundamentos e métodos*. A intervenção proporcionou um espaço de reflexão e diálogo a respeito dessa temática tão urgente, onde os alunos participaram ativamente com perguntas, buscando relacionar o conteúdo com situações presentes do cotidiano, para além das práticas educativas que enfatizaram a presença e contribuição das mulheres na humanidade. Portanto, a experiência reforça a importância do PIBID na formação docente e no desenvolvimento dos alunos, promovendo discursões sobre as questões sociais e aproximando os estudantes de debates relevantes para a construção de uma sociedade mais consciente e igualitária.

**Palavras-chave:** Feminicídio; Desigualdade de gênero; Ensino de História; Protagonismo Feminino.

## 16 – DE PIRIPIRIAO PREÁ: ESTUDO TOPONÍMICO DA HERANÇA INDÍGENA NA LEXICOLOGIA DE CIDADES E ANIMAIS NO PIAUÍ.

*Angella Pereira Saturnino*

*Lucas João de Oliveira*

*Diogo Marques de Sousa*

*Rayanne Gonçalves de Moura Costa*

*Janaína Saraiva Varão*

*Luiz Egito de Souza Barros*

**Resumo:** A herança indígena constitui um dos pilares que sustentam o léxico da língua portuguesa no Brasil até os dias atuais, especialmente no que se refere à fauna e aos nomes geográficos. Isso se evidencia pelo grande número de palavras que tem origem do tupi-guarani, língua indígena que influenciou fortemente o vocabulário. Segundo Dick (1990 apud Barros, 2022), a capacidade do homem para a linguagem permite traduzir, de forma significativa, os mais variados aspectos da cultura de um povo. Nesse sentido, mesmo diante de um processo de apagamento dos povos indígenas, tratando-os como marginalizados, sua presença continua influente e permanece na língua. Esta é um dos mais relevantes registros da memória de um povo. No Piauí, a presença da cultura indígena não está restrita aos livros de história, porque ela ecoa em nomes de cidades como Itainópolis, Jaicós e Uruçuí, em nomes de animais como preá, jabuti e sucuri. Por esse motivo, investigar as raízes lexicais que constituem nossos falares é de suma importância para, assim, compreendermos como a herança indígena segue presente no cotidiano piauiense. Nesse aspecto, esta pesquisa visa evidenciar a identidade cultural e histórica do Piauí, tecendo à luz de teorias o resgate das bases que moldaram o falar do povo piauiense, que tem influências notáveis das línguas originárias. A toponímia, enquanto um campo de estudo, possibilita observar como essa herança citada anteriormente se materializa na nomeação de lugares. Além disso, o estudo da zoonímia também permite observar como essa cultura se mostra na origem dos

nomes de animais. Um ponto é certo: essa herança indígena está em todo o território brasileiro, mas o foco deste trabalho é um lugar pouco procurado para pesquisas desse ramo, por não ser conhecido como um local abrangente de comunidades indígenas, Piripiri, município do estado do Piauí, e é lá que esse trabalho será realizado. Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa de campo, que se utilizará da técnica de entrevista realizada com informantes da comunidade visitada. O aporte teórico para a fundamentação serão o artigo de Barros (2022) e o dicionário de Tupi De Barbosa (1951), que serviu de meio para investigar o significado dos vocábulos a fim de discuti-los à luz da teoria. Ainda fica caro o caráter qualitativo do estudo. Dessa forma, espera-se que os resultados obtidos através da pesquisa de campo realizada em Piripiri possam fornecer um panorama da influência que palavras de origem indígena exercem, até os dias atuais, no léxico piauiense, com enfoque na toponímia e nos nomes de animais. Ademais, o estudo busca preencher lacunas sobre o léxico local, promovendo assim a valorização da herança cultural indígena e sua marca permanente deixada na memória linguística do estado.

**Palavras-chave:** Léxico; Toponímia; Nomenclatura de animais; Herança indígena.

## 17 – JOGOS E ALFABETIZAÇÃO: VIVÊNCIAS DO PIBID NO DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E ESCRITA.

*Arieni de Assis Lacerda*

*Maria Cezar de Sousa*

**Resumo:** Nas últimas décadas, o processo de alfabetização passou por importantes transformações decorrentes dos avanços em diferentes áreas do conhecimento, especialmente na Linguística, Psicologia e Educação. Essas mudanças contribuíram para a superação de práticas tradicionais baseadas apenas na repetição mecânica e na memorização de conteúdos, ampliando a compreensão acerca da aprendizagem da leitura e da escrita. A alfabetização deixou de ser entendida apenas como a simples decodificação de símbolos para assumir uma perspectiva mais ampla, relacionada à construção de sentidos e à participação ativa do sujeito em práticas sociais de linguagem. Nesse contexto, a escrita passou a ser compreendida como uma prática sociocultural, construída nas interações e experiências vivenciadas pelos indivíduos em diferentes espaços sociais. Diante dessa nova compreensão, os jogos educativos ganharam destaque como recursos pedagógicos capazes de contribuir significativamente para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. O lúdico, além de despertar o interesse e a motivação dos estudantes, possibilita que a aprendizagem aconteça de forma mais dinâmica, prazerosa e significativa. Assim, os jogos deixam de ser vistos apenas como momentos de recreação e passam a assumir um papel importante no processo educativo, funcionando como instrumentos que favorecem a participação ativa dos alunos e a construção do conhecimento. A ludicidade ocupa um lugar central no desenvolvimento infantil, pois contribui não apenas para os aspectos cognitivos, mas também para o desenvolvimento emocional, social e motor da criança. Ao brincar, o aluno experimenta, interage, cria hipóteses, resolve problemas e constrói significados sobre o mundo ao seu redor. Dessa forma, quando integrada às práticas pedagógicas, a ludicidade transforma a sala de aula em um ambiente mais acolhedor, participativo e inclusivo, favorecendo especialmente os estudantes que apresentam

dificuldades de aprendizagem. O presente estudo apresenta um relato de experiência desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), edição 2024–2026, vinculado ao curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Senador Helvídio Nunes de Barros (CSHNB). As atividades foram realizadas em uma turma de alfabetizandos da Escola Municipal Dr. Urbano Maria Eulálio, localizada na cidade de Picos (PI), e tiveram como principal objetivo utilizar jogos educativos como estratégias facilitadoras do processo de alfabetização de alunos com dificuldades de aprendizagem. A pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, de abordagem qualitativa, descritiva e exploratória, fundamentada em autores que discutem alfabetização, ludicidade e metodologias de ensino. Segundo Andrade (2010), a pesquisa bibliográfica constitui etapa fundamental para o desenvolvimento de trabalhos acadêmicos, uma vez que possibilita o aprofundamento teórico necessário para a compreensão do objeto de estudo. Além disso, o trabalho configura-se como relato de experiência, pois apresenta reflexões construídas a partir das vivências dos bolsistas no cotidiano escolar. As intervenções pedagógicas foram planejadas de forma colaborativa entre os bolsistas e a professora supervisora, buscando integrar os jogos às atividades desenvolvidas em sala de aula. Entre os recursos utilizados destacaram-se o “Bingo das Sílabas Iniciais”, a “Sorveteria da Leitura”, o “Alfabeto Móvel” e a “Caixa da Alfabetização”. Esses jogos foram elaborados com o objetivo de estimular a consciência fonológica, a formação de palavras, a leitura, a associação entre imagem e escrita e o reconhecimento das sílabas, contribuindo para o fortalecimento do sistema de escrita alfabética. Durante as atividades, observou-se que os alunos participaram de maneira mais ativa e demonstraram maior interesse pelas propostas pedagógicas quando comparadas às metodologias tradicionais centradas apenas na cópia e repetição. Os jogos despertaram curiosidade, entusiasmo e cooperação entre as crianças, promovendo um ambiente mais interativo e motivador. Os estudantes com maiores dificuldades de aprendizagem apresentaram avanços significativos na identificação de sílabas, na leitura de palavras e pequenos textos e na formação de vocábulos, evidenciando a eficácia das práticas lúdicas no processo de alfabetização. Além dos avanços cognitivos, as atividades lúdicas também favoreceram aspectos emocionais e sociais. As crianças

passaram a demonstrar maior autoconfiança, segurança e disposição para participar das atividades em grupo. O brincar possibilitou a criação de vínculos afetivos entre os alunos e o professor, tornando o ambiente escolar mais acolhedor e estimulante. Nesse sentido, a ludicidade mostrou-se uma importante ferramenta para fortalecer o protagonismo infantil e promover uma aprendizagem mais significativa. Soares (2021) destaca que a alfabetização não se resume apenas à representação de fonemas e grafemas, mas envolve também a compreensão e a produção de significados por meio da linguagem escrita. Em consonância com essa perspectiva, Souza (2023) afirma que os jogos educativos potencializam o processo de alfabetização ao favorecerem a relação entre sons, letras e palavras de maneira dinâmica e prazerosa. Assim, o uso dos jogos permite que o aluno aprenda brincando, construindo conhecimentos de forma mais espontânea e contextualizada. As experiências vivenciadas no PIBID também contribuíram significativamente para a formação inicial dos bolsistas, possibilitando a articulação entre teoria e prática. A convivência com o cotidiano escolar permitiu compreender os desafios enfrentados pelos professores e refletir sobre estratégias pedagógicas mais inclusivas e inovadoras. A utilização dos jogos educativos mostrou aos futuros docentes a importância de desenvolver práticas sensíveis às necessidades e aos diferentes ritmos de aprendizagem dos alunos. Conclui-se, portanto, que os jogos educativos constituem importantes recursos didáticos no processo de alfabetização, especialmente no enfrentamento das dificuldades de aprendizagem presentes na sala de aula. Ao integrar ludicidade e intencionalidade pedagógica, essas práticas tornam o ensino mais significativo, participativo e humanizado, contribuindo para o desenvolvimento integral da criança. Além disso, o relato evidencia a relevância do PIBID na formação docente, ao proporcionar experiências que fortalecem a construção de práticas pedagógicas críticas, reflexivas e comprometidas com uma educação mais inclusiva e transformadora.

**Palavras-chave:** Alfabetização; Ludicidade; Jogos educativos; Aprendizagem.

## 18 - EDUCAÇÃO QUILOMBOLA NA FORMAÇÃO DE TERRITÓRIOS ÉTNICOS.

*Auridete Andreia dos Santos*

*Mariana Rodrigues Barros*

*Maria Danila da Silva Nascimento Gomes*

*Maria Conceição Rodrigues Martins*

**Resumo:** A presente pesquisa busca refletir sobre a importância da educação escolar quilombola como instrumento de resistência, preservação histórica e fortalecimento das tradições culturais das comunidades tradicionais. O estudo destaca como as práticas educativas podem contribuir para o reconhecimento das identidades étnicas, para o combate às desigualdades sociais e para a construção de uma educação mais inclusiva, democrática e voltada para o respeito à diversidade cultural presente na sociedade brasileira. Metodologicamente, a pesquisa possui abordagem qualitativa e utiliza a pesquisa de campo como instrumento de investigação, buscando compreender como ocorre a educação nos quilombos, considerando suas culturas locais, modos de vida e vivências. O estudo evidencia a luta diária dessas comunidades pelo fortalecimento identitário e pelo reconhecimento de seus direitos sociais, culturais e educacionais. Como embasamento teórico, a pesquisa apoia-se nos estudos de Miguel Arroyo, além de documentos educacionais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Constituição Federal de 1988. Os resultados parciais apontam que a educação quilombola contribui significativamente para a valorização da memória coletiva, da cultura afro-brasileira e da diversidade social no espaço escolar.

**Palavras-chave:** Educação quilombola; identidade cultural; territórios étnicos; diversidade cultural; práticas pedagógicas.

## 19 – EVOLUÇÃO HUMANA E O POVOAMENTO DAS AMÉRICAS: UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR ENTRE HISTÓRIA E BIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO.

*Cícero Augusto do Rego Sousa  
Kauã Cavalcante Espíndola Pinto  
Lara Gabriela de Moura Rocha  
Maíra Pinheiro de Moura  
Andréa Karla Bezerra da Silva  
Adriana Carvalho dos Anjos  
Nilda Masciel Neiva Goncalves  
Rafael Ricarte da Silva*

**Resumo:** O presente trabalho, é sobre um projeto interdisciplinar, desenvolvido por bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) das áreas de História e Biologia da UFPI/ CSHNB , sob a supervisão da Profa. Andréa Karla Bezerra da Silva e coordenação do Prof. Dr. Rafael Ricarte da Silva do curso de História e, a supervisão da profa. Adriana Carvalho dos Anjos e coordenação da Profa. Nilda Masciel Neiva Goncalves do curso de Biologia propõe uma abordagem integrada sobre a evolução do gênero Homo e o povoamento das Américas. A proposta, direcionada aos alunos do 1º ano do Ensino Médio do CETI Teresinha Nunes, estrutura-se em duas dimensões, valorizando o patrimônio regional da Serra da Capivara. Na parte teórica, a Biologia fundamenta o mecanismo da evolução através da análise das adaptações morfológicas, destacando o bipedismo, a expansão da caixa craniana e a oponibilidade do polegar como marcos biológicos essenciais da espécie. Adiante, a História conduz o debate sobre as teorias de povoamento, confrontando a clássica Teoria de Clóvis com as evidências arqueológicas de Niède Guidon, que indicam a presença humana no Piauí há mais de 50 mil anos. Esta etapa utiliza a análise de pinturas rupestres para discutir a arte como registro simbólico e as formas de organização social dos grupos humanos pretéritos. A dimensão prática consolida o aprendizado por meio de uma gincana

dividida em três fases investigativas. Inicialmente, os estudantes participam de um bloco de perguntas e respostas para revisão dos conceitos apresentados. Em seguida, realizam um desafio corporal que simula a importância do polegar opositor na manipulação de objetos, evidenciando as vantagens evolutivas dessa característica. Por fim, os alunos são estimulados a interpretar iconografias da Serra da Capivara, refletindo sobre o valor histórico dessas evidências para a compreensão do passado. O encerramento do projeto busca promover um diálogo sobre a importância do patrimônio nacional e regional, reforçando a ideia de que a “pré-história” é uma realidade presente no território local e não um evento distante. Através do uso de recursos como mapas mentais, slides e materiais práticos, nós, pibidianos, proporcionamos uma aprendizagem dinâmica que integra ciência e cultura no solo piauiense.

**Palavras-chave:** Interdisciplinaridade, evolução Humana, Serra da Capivara, prática pedagógicas.

## 20 – HISTÓRIA LOCAL E SILENCIAMENTOS: A INVISIBILIZAÇÃO DA HISTÓRIA DOS POVOS INDÍGENAS NO ESPAÇO MUSEOLÓGICO E URBANO DE AMARANTE (2021-2025).

*Francisca Emanuela Macêdo dos Santos  
Gabriela Berthou de Almeida*

**Resumo:** O presente trabalho analisa a forma como os povos indígenas são representados no Museu Casas de Amarante, localizado no município de Amarante (PI), bem como investiga a presença — ou ausência — de referências indígenas em outros espaços de memória da cidade. A pesquisa parte da compreensão de que a história local foi construída a partir de processos de silenciamento que contribuíram para a invisibilização desses povos, frequentemente associados apenas ao passado colonial. Metodologicamente, trata-se de uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo e analítico, baseada na observação do espaço expositivo do museu, na análise de elementos do espaço urbano e na revisão bibliográfica. Os resultados indicam que a presença indígena é apresentada de forma limitada, com ênfase em narrativas de conflito e catequização, sem contemplar sua continuidade histórica e protagonismo. Além disso, observa-se que, no espaço urbano, essas referências aparecem de maneira pontual e descontextualizada. Dessa forma, o trabalho contribui para o debate sobre memória, museus e apagamento indígena, evidenciando a necessidade de revisão das narrativas históricas e de valorização das populações originárias na construção da identidade local.

**Palavras-chave:** Povos Indígenas; Memória; Museus; Invisibilização; Amarante (PI).

## 21 – ENSINO DE HISTÓRIA E PROTAGONISMO INDÍGENA: EXPERIÊNCIAS DO PIBID-HISTÓRIA NO PREMEN.

*Iamanda Rocha Ribeiro  
Felipe Barbosa Patricio  
Jacineide Lima Santos  
Rafael Ricarte da Silva*

**Resumo:** O projeto de intervenção “Os povos indígenas na história”, desenvolvido no Centro Estadual de Educação Profissional Petrônio Portela (PREMEN), em Picos, pelos bolsistas do PIBID-História, busca aproximar os estudantes da temática indígena por meio do ensino de História, incentivando reflexões, debates e um maior contato com a cultura, a trajetória e a realidade dos povos originários. A proposta procura contribuir para a desconstrução de estereótipos historicamente perpetuados, valorizando a diversidade cultural, social e histórica das populações indígenas, além de reconhecer suas lutas, resistências e protagonismos na formação do Brasil. O projeto dialoga com a obra “Pedagogia do oprimido”, de Paulo Freire (1996), ao defender uma educação crítica e reflexiva, em oposição ao modelo tradicional de ensino baseado na transmissão de conteúdos. Também incorpora as discussões de Daniel Munduruku (2012) em “O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)”, destacando a importância da valorização da ancestralidade, da cosmovisão indígena e do combate ao apagamento histórico. As atividades estão sendo desenvolvidas com a turma do 2º ano de Análises Clínicas, organizada em seis grupos temáticos que incorporam; migração, resistência, identidade, ditadura, territorialidade e natureza. Estamos orientando as pesquisas e discussões em sala para, posteriormente, realizar a culminância com as demais turmas dos 2º anos.

**Palavras-chave:** Educação crítica; Povos originários; Resistência indígena.

## 22 – GEOMETRIA NAS CIVILIZAÇÕES ANTIGAS.

*Iza Beatryz Arrais Batista*

*Cléo Marcos Silva Sousa*

*Maria Eduarda Carvalho Araújo*

*Maria das Graças Rodrigues*

*Alex Sandro Lopes Santos*

**Resumo:** A geometria nas civilizações antigas surgiu a partir das necessidades práticas do cotidiano, como medir terras, construir edificações, organizar cidades, realizar trocas comerciais e observar os astros. Inicialmente desenvolvida de forma empírica, a geometria teve grande importância para o avanço da agricultura, da engenharia e da arquitetura. No Egito Antigo, os conhecimentos geométricos eram utilizados principalmente na agrimensura e nas construções monumentais, enquanto na Mesopotâmia destacaram-se os registros em tábuas de argila e os cálculos realizados com o sistema sexagesimal. Na Índia Antiga, a geometria esteve relacionada ao planejamento urbano e às práticas religiosas. Já na Grécia Antiga, o conhecimento geométrico passou a ser estudado de maneira teórica e dedutiva, contribuindo para a sistematização da matemática por meio dos estudos de Euclides na obra *Os Elementos*. Assim, a geometria desenvolvida pelas civilizações antigas foi fundamental para a construção do conhecimento matemático utilizado até os dias atuais.

**Palavras-chave:** Geometria; Civilizações Antigas; Egito; Mesopotâmia; Grécia Antiga; Matemática.

## 23 - O PROTAGONISMO INDÍGENA NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS: EXPERIÊNCIAS DO PIBID INTERDISCIPLINAR NA UFPI.

*Maria Janaína dos Santos Oliveira*  
*Kathllen Kalyne dos Anjos Sousa*  
*Daniel Ferreira Santos*  
*Antônio Ferreira da Silva*  
*Mara Gonçalves Carvalho*  
*Alessandra Lopes de Oliveira Castellini*

**Resumo:** O presente trabalho busca refletir a importância do protagonismo indígena nas práticas educativas a partir de uma experiência desenvolvida no PIBID UFPI Interdisciplinar, durante o evento *Literatura Acessível no Campus - 3ª edição*, realizado em 16 de abril de 2026, na Universidade Federal do Piauí (CSHNB). A atividade reuniu estudantes das escolas públicas estaduais e da APAE de Picos, ampliando o caráter inclusivo da proposta. De natureza qualitativa, este relato de experiência é apoiado nos estudos de Gil (2002) e parte da revisão de literatura realizada nos encontros semanais do Núcleo de Desenvolvimento Profissional – NDP do PIBID Interdisciplinar Picos com destaque: Brasil (2008), Cosson (2006), Munduruku (2002), Krenak (1992), Silva (2010) entre outros. Organizado em formato de oficina pedagógica, o evento literário no campus promoveu o contato com produções e saberes indígenas, valorizando a diversidade cultural e outras formas de conhecimento. As atividades propostas nas oficinas tiveram como referência o círculo de leitura proposto nos estudos de Cosson (2006) e como público estudantes das escolas de tempo integral da cidade de Picos, parceiras do PIBID Interdisciplinar e buscaram desconstruir visões estereotipadas que reduzem os povos indígenas ao período colonial. A partir do contato com narrativas e saberes ancestrais, os estudantes reconheceram a permanência histórica e cultural desses povos na sociedade contemporânea. Reforça-se, assim, o papel da escola como espaço formativo e de diferentes saberes e cultura do povo

brasileiro, bem como a necessidade de ampliar ações com a temática indígena sob perspectivas interdisciplinares, nas ações de monitoria e projetos literários desenvolvidos pela equipe do PIBID nas escolas. Dessa forma, a experiência na UFPI evidenciou a importância de práticas educativas críticas, inclusivas e voltadas à valorização dos povos indígenas, contribuindo na formação inicial dos estudantes das licenciaturas e na adoção de práticas mais humanizadoras e que reconheça a diversidade existente.

**Palavras-chave:** Protagonismo indígena; práticas educativas; PIBID Interdisciplinar; diversidade cultural; saberes ancestrais.

## 24 – INSTRUMENTOS TRADICIONAIS DE TRABALHO, CAÇA E PESCA PARA OS POVOS ORIGINÁRIOS: SABERES, CULTURA E RELAÇÃO COM A NATUREZA.

*Lara Kailany de Moura Leal*

*Emanuele Lívia Silva Cabral*

*Francisco Victor de Jesus Pereira*

*Yara Esthephany de Moura Soares*

*Aldinéia Ribeiro de Sousa Almeida*

*Rosilene Maria da Silva*

*Luiz Egito de Sousa Barros*

**Resumo:** Os povos originários possuem vastos conhecimentos tradicionais relacionados ao trabalho, à caça e à pesca, desenvolvidos ao longo de gerações em profunda conexão com a natureza. Os instrumentos utilizados nessas atividades refletem não apenas técnicas de sobrevivência, mas também valores culturais, espirituais e sociais presentes na vida comunitária. Este estudo busca compreender quais instrumentos fazem parte do cotidiano indígena, como são confeccionados, quais materiais são utilizados e quais significados culturais estão associados a eles. Além disso, a pesquisa pretende investigar a transmissão desses saberes entre as gerações, as mudanças ocorridas com o passar do tempo e os impactos da modernização nas práticas tradicionais. A valorização desses conhecimentos contribui para o reconhecimento da riqueza cultural dos povos indígenas e da importância da preservação de suas tradições.

**Palavras-chave:** Povos Originários, Caça, Pesca, Indígenas.

## 25 – POVOS ORIGINÁRIOS E SABERES ANCESTRAIS: A IMPORTÂNCIA DAS VERAS MEDICINAIS NA PRESERVAÇÃO CULTURAL E NA SAÚDE INDÍGENA.

*Maria Clara de Sousa Silva  
Hislaine Silva Custódio Maciel  
Jacineide Lima Santos  
Rafael Ricarte da Silva*

**Resumo:** O estudo foi desenvolvido no CETI Petrônio Portela, instituição de ensino em tempo integral, com alunos do 2º ano do ensino médio, especialmente com a turma de Farmácia. A pesquisa tem como objetivo valorizar os saberes dos povos originários sobre o uso sustentável das ervas medicinais, reconhecendo sua relevância cultural, científica e social. O trabalho busca desconstruir estereótipos ainda presentes sobre os povos indígenas, destacando suas contribuições históricas para a preservação da biodiversidade e para práticas medicinais baseadas na relação equilibrada entre ser humano e natureza. Ao longo de milênios, esses povos desenvolveram conhecimentos ancestrais fundamentais, compreendendo corpo, mente, espírito e meio ambiente como dimensões interligadas.

**Palavras-chave:** Povos originários; ervas medicinais; saberes ancestrais; saúde indígena; preservação cultural.

## 26 – LINGUAGEM, ESCOLA E DESIGUALDADE SOCIAL: REFLEXÕES SOBRE EXCLUSÃO E FRACASSO ESCOLAR.

*Maria Gabriela da Silva Sousa*

*Maurilane Pereira da Costa*

*Eduarda Almeida de Sousa*

*Maria Clara dos Santos*

*Maria Claudeni da Silva Araújo*

*Maria da Conceição Rodrigues Martins*

**Resumo:** O presente trabalho, tem como objetivo apresentar uma breve análise, a partir das obras “Linguagem e Escola”, de Magda Soares (1986) e “A Vida na Escola e a Escola da Vida”, de Ceccon, Oliveira e Oliveira (1882), buscando entender como a escola pode ser palco para a reprodução e solidificação das desigualdades sociais por meio de práticas excludentes, para a desvalorização da cultura popular e responsabilização do aluno pelo fracasso escolar. O estudo caracteriza-se como uma revisão de literatura, de abordagem qualitativa, no contexto do núcleo de Pedagogia do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Senador Helvídio Nunes de Barros. As referidas obras apresentam reflexões acerca da relação entre educação, linguagem e exclusão social, evidenciando que a escola frequentemente privilegia os conhecimentos e a cultura das classes dominantes, dificultando a inclusão e o sucesso escolar dos estudantes das camadas populares. Nesse contexto, discute-se como diferenças sociais, culturais e linguísticas são transformadas em fatores de discriminação no ambiente escolar. Além disso, as autoras criticam a ideia de que o fracasso escolar ocorre exclusivamente por falta de capacidade ou esforço do aluno, destacando que fatores sociais, culturais e institucionais influenciam diretamente o processo educativo. A análise das obras permitiu compreender que a educação necessita desenvolver práticas pedagógicas mais democráticas, inclusivas e comprometidas com a valorização da diversidade cultural dos estudantes, contribuindo para a redução das desigualdades sociais.

**Palavras-chave:** Educação; Fracasso escolar; Desigualdade social; Cultura popular; Exclusão escolar.

## 27 – O PLANEJAMENTO DIDÁTICO: METODOLOGIAS ATIVAS NO CONTEXTO ESCOLAR.

*Lygia Maria dos Santos Ferreira*

*Samuel Henrique J. da Silva*

*Luana Raquel de Sousa*

*Maria Vitória Rodrigues Coutinho*

*Danila da Silva Nascimento Gomes*

*Josileny Antônia de Carvalho*

*Maria da Conceição Rodrigues Martins*

**Resumo:** As metodologias ativas são estratégias que dão espaço para o aluno ser o protagonista do aprendizado, tornando o ensino mais dinâmico, participativo e significativo. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo sistematizar, de forma reflexiva, a relevância de metodologias que visam a construção de uma prática docente eficiente, cujo instiga a resolução de questionamentos pelos alunos, a experimentação e descoberta de conhecimentos. Para alcançar a proposta, adotou-se uma abordagem metodológica de cunho qualitativa e bibliográfica, recorrendo a fundamentos e bases teóricas que discutem acerca das metodologias ativas e suas contribuições para uma prática pedagógica crítica e transformadora. A pesquisa foi desenvolvida em três etapas: leitura, discussão e análise de textos que abordam a importância das metodologias ativas no processo de ensino e aprendizagem, obtendo como referências principais Farias (2008), Kenski (2015) e Libâneo (1994). Os resultados evidenciam que a utilização das metodologias ativas, as quais o aluno torna-se o centro da aprendizagem, fortalece o vínculo e protagonismo do discente, a mediação pedagógica do professor contribui para a efetivação dos conhecimentos em uma perspectiva que busca a formação dos sujeitos capazes de criticarem o mundo ao seu redor e de serem, de fato, participativos na sociedade.

**Palavras-chave:** Metodologias ativas; Práticas docente; Ensino-aprendizagem; Planejamento pedagógico.

## 28 – DITADURA MILITAR, VIOLÊNCIA ESTATAL E RESISTÊNCIA INDÍGENA: O CASO DOS WAIMIRI-ATROARI (1972–1974).

*Weturiana Rodrigues Ferreira  
Helane Karoline Tavares*

**Resumo:** Este artigo, em desenvolvimento, analisa a violência estatal dirigida ao povo Waimiri-Atroari no contexto da construção da rodovia BR-174, entre 1972 e 1974, durante a ditadura militar brasileira. A pesquisa tem como objetivo compreender de que maneira o projeto desenvolvimentista implementado pelo regime militar articulou ocupação territorial, militarização do contato e impactos sobre as formas de vida indígena, bem como identificar as estratégias de resistência mobilizadas pelos Waimiri-Atroari diante da intervenção estatal. Parte-se da hipótese de que a violência exercida contra esse povo esteve diretamente vinculada às políticas de integração territorial e expansão econômica promovidas pela ditadura na Amazônia. Metodologicamente, o estudo adota abordagem qualitativa, de natureza histórica, fundamentada na análise crítica de fontes documentais, bibliográficas e memoriais. Entre as principais fontes utilizadas destacam-se o Relatório Figueiredo, o Relatório Final da Comissão Nacional da Verdade, documentos preservados pelo Instituto Socioambiental e obras de autores como Rubens Valente e Manuela Carneiro da Cunha. Os levantamentos realizados até o momento indicam que as ações do Estado provocaram impactos profundos sobre o território, a organização social e as condições de sobrevivência dos Waimiri-Atroari, ao mesmo tempo em que evidenciam formas de resistência e permanência indígena frente às políticas repressivas do período. O artigo busca contribuir para a ampliação da historiografia sobre a ditadura militar brasileira, enfatizando a violência étnico-territorial ainda pouco explorada nas narrativas tradicionais sobre o regime, ampliando o debate e dando visibilidade a grupos historicamente silenciados.

**Palavras-chave:** Ditadura militar; Waimiri-Atroari; Violência estatal; Indígenas; História; Memória.

## 29 – ETNOMATEMÁTICA – REFLEXÕES A PARTIR DOS SABERES INDÍGENAS.

*Kelma Maria da Silva*  
*Jean João de Sousa Carvalho*  
*Tatiana Duarte Brito*  
*Mariana Rodrigues Lima*  
*Alex Sandro Lopes Santos*  
*Rafael Ricarte da Silva*

**Resumo:** A Etnomatemática é um conceito idealizado pelo professor e pesquisador brasileiro D' Ambrósio nos anos de 1970, e tem como objetivo nos apresentar a matemática presente nas diversas culturas mundo a fora. Nessa perspectiva, o nosso projeto focou exclusivamente nos indígenas, E juntamente com o corpo estudantil realizamos pesquisas e estudos a respeito de todas as técnicas e conhecimentos matemáticos que nossos povos originários já possuíam, mesmo antes da chegada dos portugueses. A formalização do projeto veio através de pesquisas bibliográficas, estudos e entrevistas com especialistas a respeito do assunto, entrevistas essas presentes no YouTube, tudo isso para termos uma maior compreensão da temática abordada. Ademais, em colaboração com os alunos implementamos discussões, conversas e apresentações para debater sobre o que cada um pesquisou e entendeu sobre a matemática e sua importância para os indígenas. Além disso, foi observado que os povos indígenas desenvolvem formas próprias de contar, medir e organizar o espaço, utilizando estratégias adaptadas às suas realidades. Dessa forma, conclui-se que a etnomatemática contribui para a valorização dos saberes culturais e uma construção de visão mais ampla da matemática, reconhecendo a existência de diferentes formas de conhecimento.

**Palavras-chave:** Etnomatemática; Educação Indígena; Matemática Cultural; Conhecimentos tradicionais; Ensino de Matemática.

### 30 – PIBID E O ENSINO DE HISTÓRIA ATRAVÉS DAS TELAS: UMA ANÁLISE DO PROJETO IMPLEMENTADO NO COLÉGIO DA POLÍCIA MILITAR DO PIAUÍ.

*Caio Rodrigues de Sousa  
Evandro Araújo Fontinele  
Antonio Rocha de Macedo  
João Paulo Charrone*

**Resumo:** O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência foi criado em 2007, pelo então ministro da Educação do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, Fernando Haddad. O programa foi criado para dentre outros objetivos, valorizar o magistério e promover uma educação pública de qualidade nos diferentes níveis de ensino. Em 2025, o programa completou 18 anos de atuação, possuindo cerca de 80 mil bolsistas distribuídos em 290 instituições de ensino superior. De acordo com a Cristiane Johann, presidente do Fórum Nacional de Coordenadores Institucionais dos Programas PIBID (FORPIBID), o número de estudantes atendidos pelo programa já chega a mais de 500 mil. Destacado o alcance do PIBID, esse trabalho tem como objetivo fazer uma análise do projeto “História Através das Telas”, desenvolvido pelos pibidianos Caio Rodrigues de Sousa e Evandro Araújo Fontinele no Colégio da Polícia Militar do Piauí. Buscamos esmiuçar os alcances do projeto na referida instituição e também ver como a implementação dele foi impactada pela redução da carga horária da disciplina de História após o Novo Ensino Médio.

**Palavras-chave:** PIBID; Ensino de História.

## 31 – FORMAÇÃO DOCENTE E GARANTIA DE DIREITOS NA CONTEMPORANEIDADE: O PAPEL DO ECA E DA PROTEÇÃO DIGITAL NA EDUCAÇÃO.

*Arlete Maria Luz Araújo  
Heloísa Gonçalves de Sousa  
Lanna Lysa de Sousa Campos  
Vinícius João de Oliveira Araújo  
Josileny Antonia de Carvalho  
Maria da Conceição Rodrigues Martins*

**Resumo:** O presente estudo discute a importância da formação docente na garantia dos direitos de crianças e adolescentes, destacando o papel do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em seu formato tradicional, como também digital, no contexto educacional contemporâneo. A pesquisa, de caráter qualitativo e bibliográfico, foi desenvolvida a partir de estudos realizados no âmbito do PIBID e fundamenta-se em autores como Linda Darling-Hammond e António Nóvoa, além da legislação brasileira relacionada à proteção integral da infância e juventude. O estudo defende que o conhecimento aprofundado do ECA deve integrar a formação inicial e continuada dos professores, possibilitando práticas pedagógicas mais conscientes, inclusivas e alinhadas às demandas sociais atuais. Também aborda os desafios trazidos pelas tecnologias digitais, como cyberbullying, exposição indevida e violência virtual, ressaltando a necessidade de preparação docente para atuar na promoção da cidadania digital e na proteção dos estudantes nos ambientes virtuais. Conclui-se que a formação docente articulada ao ECA fortalece o papel social da escola, amplia a capacidade de intervenção dos educadores e contribui para a construção de uma educação democrática, ética e comprometida com os direitos humanos.

**Palavras-chave:** ECA; Formação de Professores; Direitos; Educação.

**32 – HIDRONÍMIAS NO LÉXICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO:  
UM ESTUDO NA COMUNIDADE INDÍGENA ALDEIA CANTO DA  
VÁRZEA EM PIRIPIRI/PI.**

*Matheus Barros Rocha  
Ranieri Neves de Oliveira  
José Damião Nogueira Farias  
Isadora de Sousa  
Rosilene Maria da Silva  
Luiz Egito de Souza Barros*

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo investigar o fenômeno das hidronímias presentes no léxico do português brasileiro, com foco no estado do Piauí. Nesse contexto, o estudo analisa a comunidade indígena Aldeia Canto da Várzea localizada em Piripiri/PI, buscando compreender como essas hidronímias refletem aspectos linguísticos da influência indígena na região. A metodologia adotada é de abordagem qualitativa, com base em entrevistas semiestruturadas como principal instrumento de coleta de dados. A pesquisa busca compreender a origem e a formação dessas denominações, bem como os significados culturais, identitários e históricos que carregam. Como resultados esperados, pressupõe-se que as hidronímias atuam como marcadores de memória coletiva, evidenciando a relação entre a comunidade e o ambiente natural e a permanência da influência indígena no léxico regional. Assim, a investigação contribui para a valorização das identidades locais e para a ampliação das discussões nos estudos linguísticos e socioculturais.

**Palavras-chave:** Hidronímia; Léxico; Influência Indígena; Identidade Cultural; Piripiri.